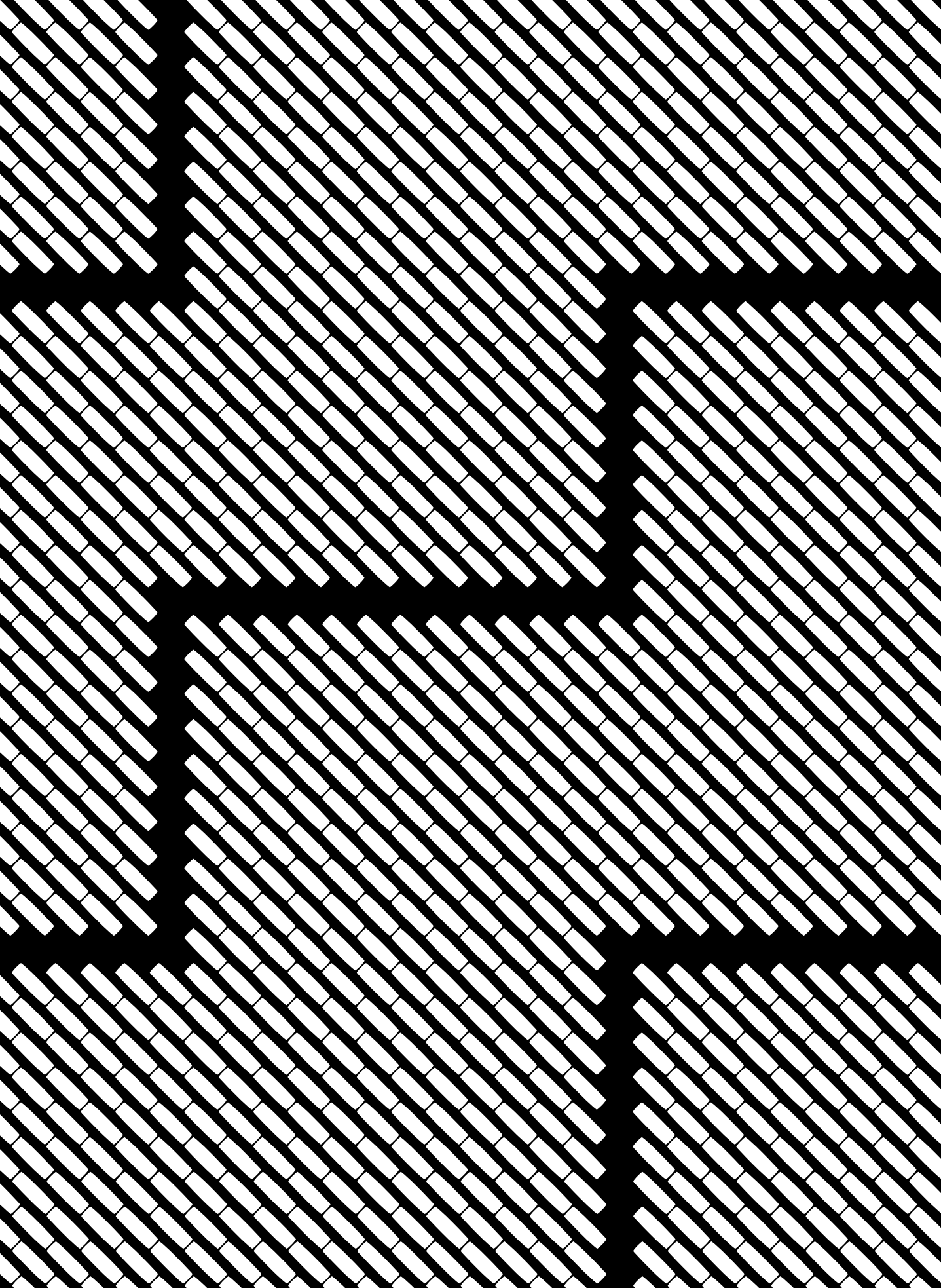
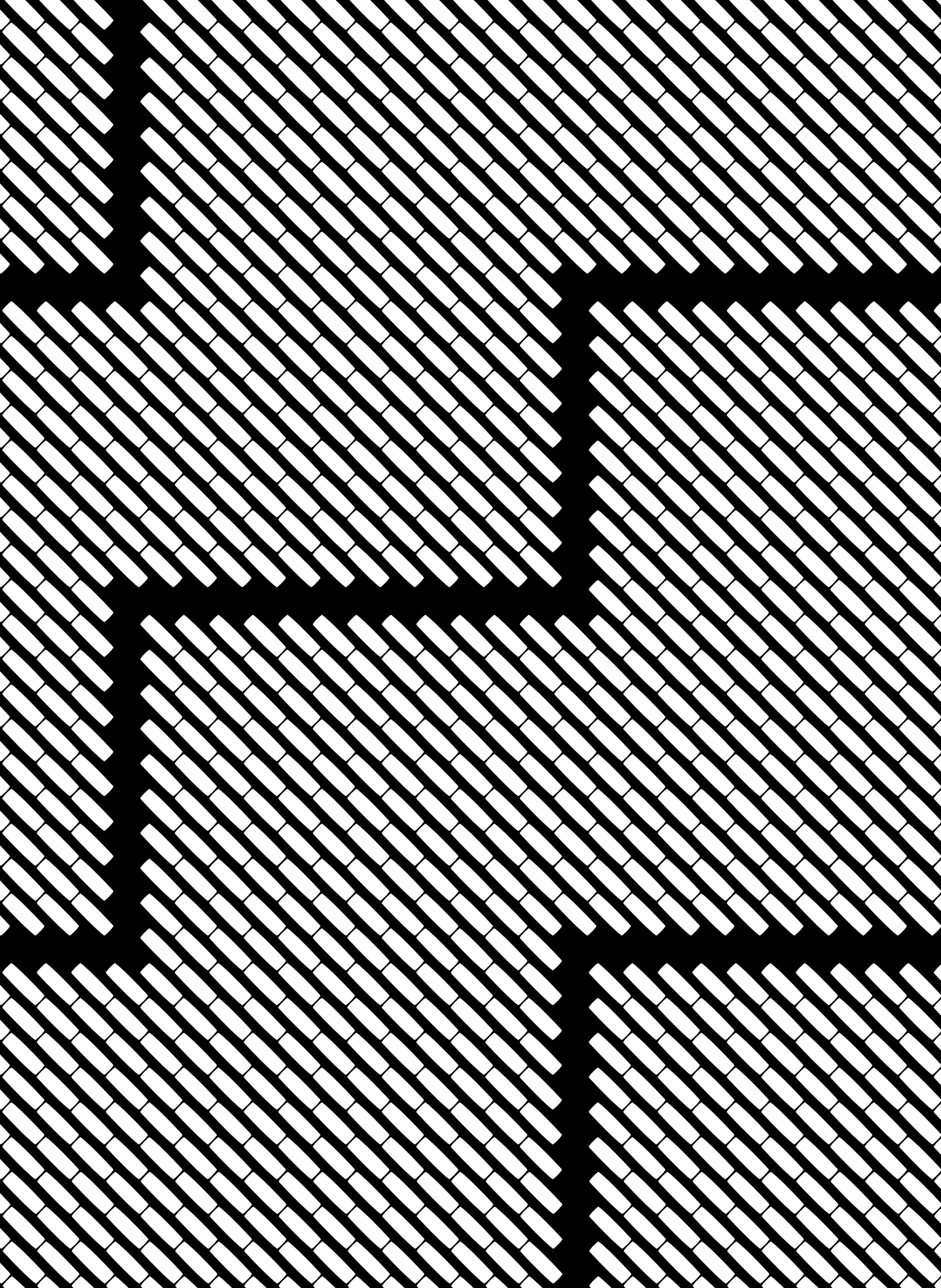
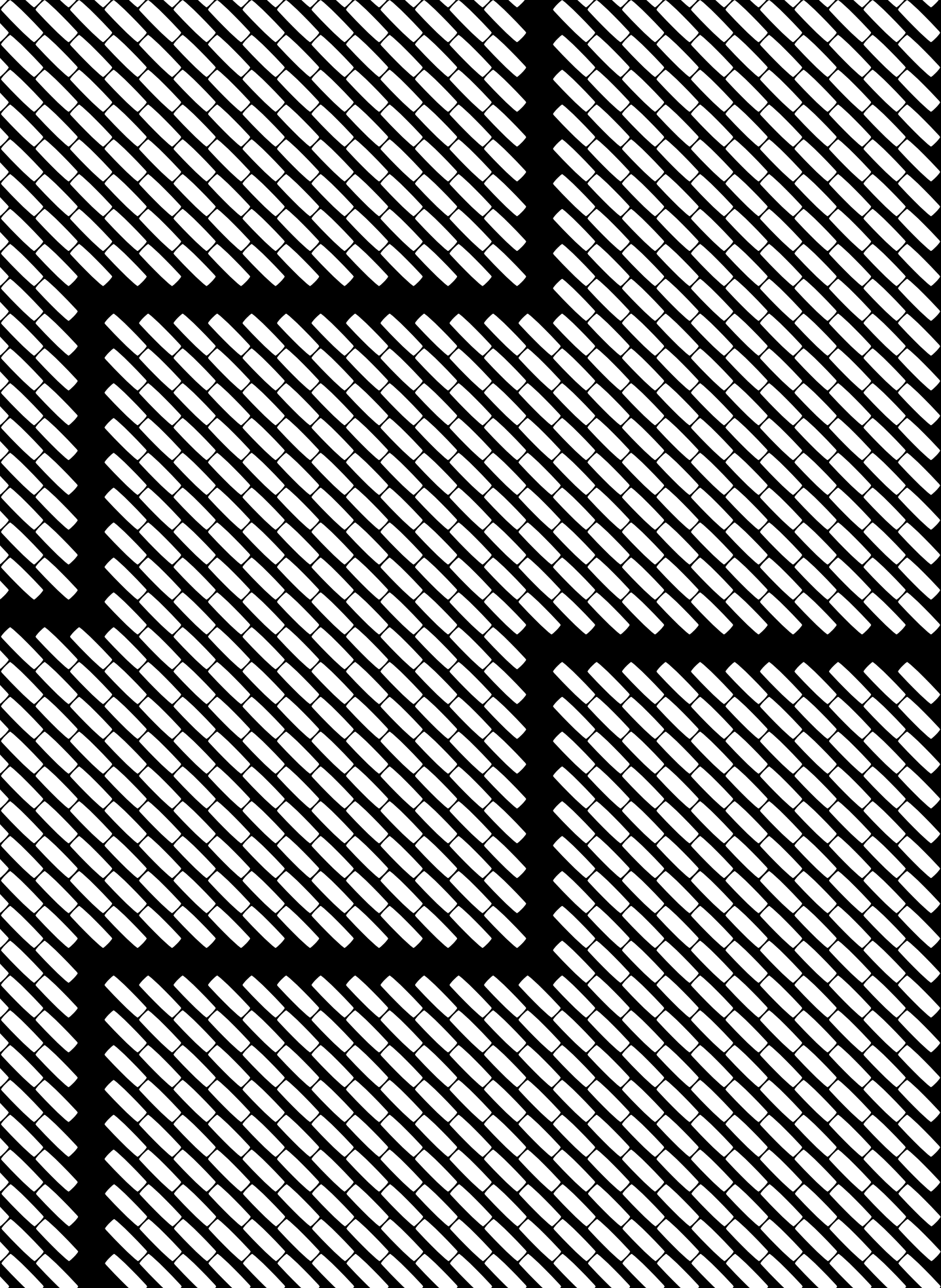
# *O inventário de uma obra*

*Núbia Agustinha Carvalho Santos (org.)*







salão de abril 63º

**Projeto publicação artista homenageado**

Prefeitura Municipal de Fortaleza
Luizianne Lins – **Prefeita de Fortaleza**

Secretaria de Cultura de Fortaleza - Secultfor
Fátima Mesquita – **Secretária Municipal de Cultura**

Secretaria de Cultura de Fortaleza - Secultfor
Márcio Caetano – **Secretário Executivo**

**Coordenadora de Artes Visuais** - Maíra Ortins

**Artista Homenageada** - Heloysa Juaçaba

**Coordenação de Comunicação da SECULTFOR** - Ethel de Paula

**Coordenação Geral do 63º Salão de Abril** - Maíra Ortins

**Organização** - Núbia Agustinha Carvalho Santos

**Textos**
Dodora Guimarães
Gilmar de Carvalho
Herbert Rolim
Maíra Ortins
Núbia Agustinha C. Santos
Pablo Manye
Ricardo Resende
Roberto Galvão
Solon Ribeiro

**Coordenação editorial** - Dora Freitas

**Revisão de textos** - Orlando Nunes

**Design Gráfico** - Fernando Brito

**Fotografia** - Jarbas Oliveira

Produção

lumiar

Realização

Prefeitura de Fortaleza

Você constrói Fortaleza bela

# *O inventário de uma obra*

*Núbia Agustinha Carvalho Santos (org.)*

*Fortaleza, 2012*
Lumiar Comunicação e Consultoria

Luizianne Lins
Prefeita de Fortaleza

# *O Estado como obra de arte*

Em sua 63ª edição, o Salão de Abril novamente ultrapassa os limites estruturais e convencionais de um projeto expositivo, que se propõe a fazer um recorte e dar visibilidade à produção contemporânea brasileira de artes visuais, em estreito diálogo com Fortaleza, cidade-sede do evento. Ao longo da atual gestão municipal, ele é e sempre foi mecanismo e base estratégica de fortalecimento de uma política pública voltada para o segmento, preocupada não só com a produção, difusão e circulação das artes, mas também com a reflexão e formação.

Para além das obras de arte, o Salão expõe ideias e trajetórias, contando muitas histórias através dos anos e de sua própria evolução. Para registrar tantas nuances, também vem sendo investido recursos públicos em publicações que visam o levantamento e registro dos nossos fazeres artísticos, valorizando assim artistas, gestores, estudiosos e pesquisadores da área. Com isso, legitimamos cores e nomes, salvando do obscurantismo e do esquecimento fragmentos iridescentes de nossa história criativa.

Em 2012, o Salão de Abril homenageia, também com esta publicação, a artista cearense Heloysa Juaçaba, personalidade de fundamental importância para construção de nossa identidade artística, que é ampla e multifacetada. Ora como artista, ora como gestora — ou mesmo mecenas — Heloysa nos dá pistas sobre o quanto a produção modernista no Ceará emprestou brilho à cena contemporânea. Ao lado de Antônio Bandeira, Mário Baratta, Aldemir Martins, Estrigas e outros tantos mestres nascidos ou radicados em Fortaleza ela fez e ainda faz história, nos convocando sempre a aperfeiçoar o traço ético e estético que marca a convivência coletiva.

Na esfera política, como um todo, entendemos que a difusão do conhecimento é nosso maior legado, uma herança de ordem simbólica que fica para o povo de Fortaleza, independente dos mandatos governamentais. Para tanto, promover ações transversais entre as secretarias municipais de cultura e educação foi fundamental, azeitando o diálogo e as trocas simbólicas entre escolas públicas, universidades, bibliotecas e instituições afins. Através de publicações como esta o Salão de Abril e toda a reflexão sobre arte e vida que ele dissemina continuam vivos e pulsantes. Para o poder público, que o promove mas também é tocado e transformado por ele, fica a lição de como tratar o Estado como obra de arte.

**Fátima Mesquita**
Secretária de Cultura de Fortaleza

# *Heloysa sobre papel*

Nas últimas seis décadas, o Salão de Abril também tem sido um lugar simbólico de encontro e aproximação, além de espaço aberto para produção de sentidos e difusão cultural. Revisto e ampliado na atual gestão municipal, o seu desenho é o da livre e contínua interseção entre talentos, gerações, tendências, escolas, linguagens e gêneros. E uma das formas de unir as pontas dessa trama de tradições e inovações estéticas, que hoje incorpora nomes de todo o Brasil, é homenagear mestres locais, figuras referenciais das artes visuais em Fortaleza que fazem de sua aldeia um território de alcance universal. Em 2012, a grande homenageada do Salão de Abril é a pintora, escultora, tapeceira, desenhista e gravadora Heloysa Juaçaba.

Em edições anteriores, Estrigas, Francisco de Almeida e Zé Tarcísio também enalteceram o evento, que hoje se desdobra ao longo dos meses posteriores a abril, com suas biografias e potências criativas. Eles são, entre outros tantos, aqueles que, na contemporaneidade, deram consistência e liga para as experimentações, agitações e transformações que a arte vem ensejar, na própria vida e nos modos de estar no mundo. E ao final de dois mandatos consecutivos da prefeita Luizianne Lins ninguém melhor do que dona Heloysa para fechar esse ciclo de reconhecimento público dos nossos talentos criativos. Primeiro porque se trata de uma mulher, homenageada por uma gestão seriamente comprometida com as questões de gênero e as demandas tipicamente femininas, com ênfase no respeito às diferenças. Segundo porque se trata de uma mulher à frente se seu tempo, uma das pioneiras no fazer artístico e uma das que primeiro experimentaram na prática os desafios intrínsecos à gestão de órgãos e equipamentos públicos de cultura.

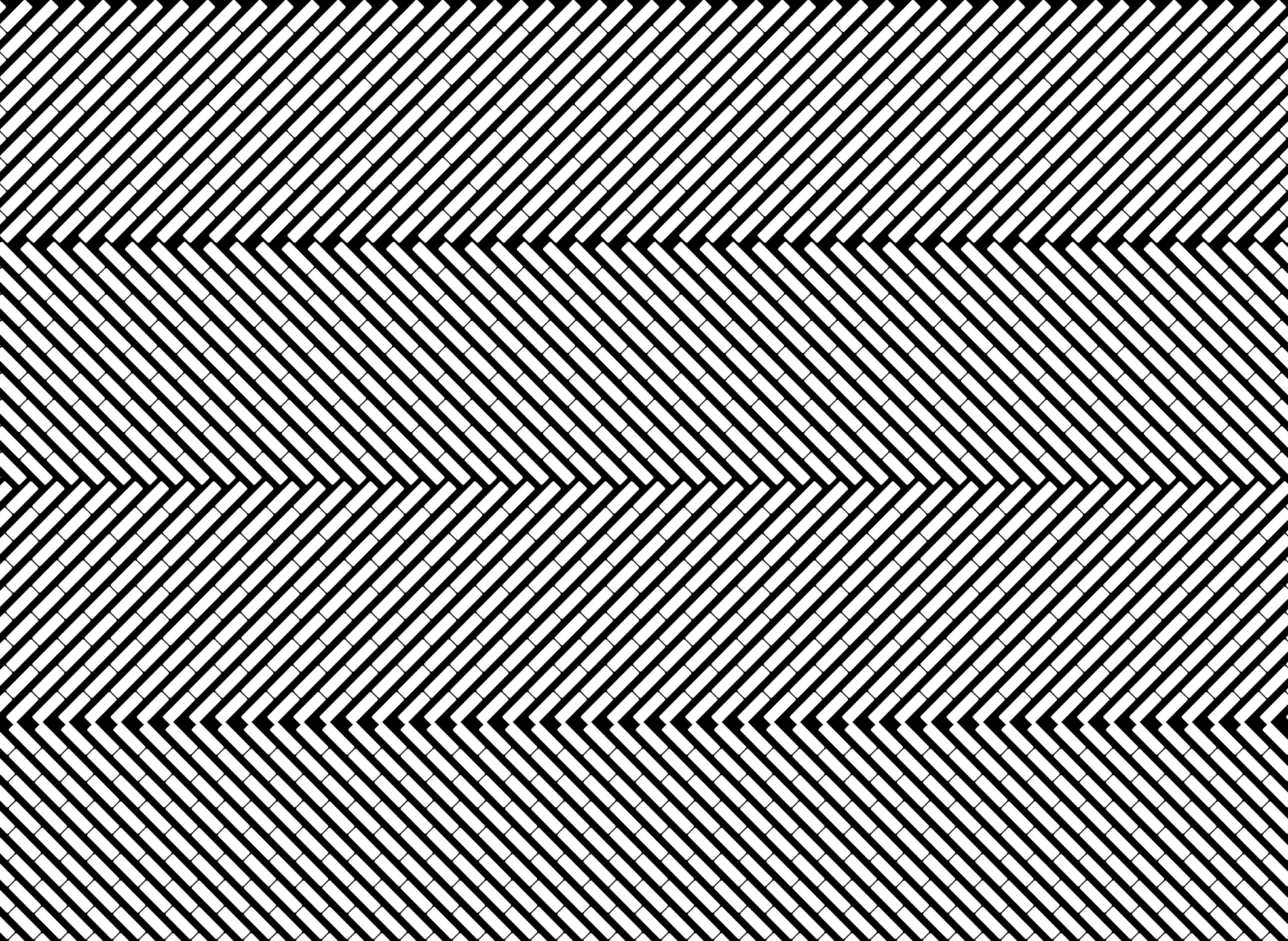
Natural de Guaramiranga, região serrana do Ceará dona Heloysa iniciou sua carreira artística nos anos 50, na extinta Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap). Expôs pela primeira vez no Salão dos Novos e foi premiada nos Salão de Abril, Unifor Plástica e Mulher Maio Mulher, entre outros. Assumiu funções como diretora do Departamento da Cultura da Prefeitura de Fortaleza e da Casa de Cultura Raimundo Cela, além de coordenar o Sistema Nacional de Museus no Ceará. Sua obra e seu legado, portanto, são da ordem do sensível, mas também do político. Nas telas, a paisagem local, geometrizada por ela, nos faz voltar os olhos para a cidade de estio que também pode verdejar, dependendo da forma como for gerida, planejada e tratada. A harmonização colorística de Heloysa é o que buscamos imprimir na cultura e no cotidiano de Fortaleza. Portanto, mais do que inspiração, a dama das artes visuais é modelo de reflexão para o esforço coletivo e contínuo de embelezamento exterior e interior do mundo.

# Sum


**09** *Introdução*
**13** *Gilmar de Carvalho*
**21** *Herbert Rolim*
**27** *Ricardo Resende*
**31** *Maíra Ortins*
**37** *Solon Ribeiro*
**38** *Entrevista*

# ário


**42** *Os brancos de Heloysa*
**52** *Linha do tempo*
**67** *Núbia Agustinha C. Santos*
**75** *Roberto Galvão*
**83** *Dodora Guimarães*
**89** *Pablo Manyé*
**94** *Depoimento D. Heloysa*



Núbia Agustinha
Carvalho Santos

# *Introdução*

Primeiro de tudo, quero agradecer o convite do 63º Salão de Abril para a organização deste livro em homenagem a Dona Heloysa Juaçaba, uma pessoa que fez a diferença na luta pela arte e pela cultura no Estado do Ceará. Ao adentrar na sua história, fui percebendo a grandeza da artista e da mulher constituída pela coragem e pela ética, elementos esses que, no espírito de muitos, andam tão desencontrados.

Dona Heloysa é um exemplo de alteridade na vida e na arte. O Outro está presente em suas ações culturais e humanitárias. Esta assertiva é fundamentada na concretude de suas ações impressas em jornais, fotos, depoimentos, instituições culturais (extintas e existentes) e de tantos outros documentos os quais tive o privilégio de tê-los em minhas mãos durante a pesquisa.

A arte de Heloysa Juaçaba encontra ecos nos verdes das Serras de Maranguape e do Maciço do Baturité (Guaramiranga) e no fazer artesanal das tradições indígenas. Ao se apropriar de cordões de rede vendidos nas feiras e nos mercados fortalezenses, ela redescobre o fio condutor que a consagra como a artista dos relevos brancos, pintados e expostos no Ceará, no Brasil e no exterior. Arte e vida estão relacionadas na estética da geometria das formas que se entremeiam de afetos nas tramas da obra.

O livro "O inventário de uma artista" foi constituído por nove textos de pesquisadores e artistas de diversos campos do conhecimento: Jornalismo, Letras, História, Arte-Educação e Artes Visuais. De cada um desses lugares, os autores ventilaram seus argumentos, suas impressões, suas memórias, suas interpretações e suas análises para escreverem sobre Dona Heloysa Juaçaba. Talvez não tenham dito tudo, pois o tempo que lhes foi concedido não foi suficiente, mas o inacabamento é uma característica da própria escrita, é um fazer que sempre se refaz. Contudo, temos que pôr um fim, ainda quando não concluímos. Essa é a lógica do tempo presente, e, só para parafrasear Drummond, e dos "homens presentes".

Gilmar de Carvalho, que sabe transformar a arte de escrever em poesia reflexiva que grita, que encanta e que nos faz pensar, presenteia-nos com um artigo politizado, crítico e, sobretudo, humano, para falar da artista-gestora. O pesquisador faz um panorama da trajetória da artista, tendo a historicidade como interlocutora das relações imbricadas com Dona Heloysa. A passagem do tempo encobre memórias e histórias, que são mostradas no seu texto.

O artigo de Herbert Rolim traz a dimensão alteritária a partir de três encontros com o fazer artístico e com a pessoa de Heloysa Juaçaba. O primeiro foi o olhar do menino de 11 anos com a obra "Telhado de Guaramiranga", de 1969, que o impactou na

década de 1970 – encontro que o capturou para o mundo das artes. O segundo foi por ocasião da 1ª exposição individual de Herbert, em 1987, no qual foi recebido atenciosamente por Dona Heloysa, que tem um olhar aberto para os novos talentos. Mais uma vez, o caminho do artista-educador Herbert Rolim se entrecruza com o de Heloysa Juaçaba: neste terceiro encontro referido pelo autor foi marcado pela escrita, na qual ele ressalta aqui essas memórias e, sobretudo, a série dos relevos brancos, pontuando as influências impressas na obra da artista.

Sobre essa fase branca, Ricardo Resende também escreve. Fundamentado na própria história da arte, o autor considera mais radical de Dona Heloysa o branco sobre o branco, pois a artista extrai desta não-cor, resultados surpreendentes. Outro aspecto presente na obra é o regional que, segundo Resende, tem se preservado no conjunto de sua obra das diversas fases de Juaçaba.

Maíra Ortíns, por sua vez, ressalta no seu texto os movimentos culturais do século XX, enfocando o concretismo e o neoconcretismo do final da década de 50 e dos primeiros anos da década seguinte. A autora destaca a singularidade da cultura brasileira atravessada por influências, confluências e rupturas das mais diferentes correntes artísticas. Para Ortíns, Heloysa Juaçaba faz parte de um seleto grupo de artista que se reinventa.

Para compreender um pouco o processo criativo de Heloysa Juaçaba, a publicação traz uma entrevista com ela, concedida ao artista visual Solon Ribeiro, por ocasião da exposição intitulada "O Discurso do Branco", em 2006, realizada pelo Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB). Nas páginas subsequentes, convido o leitor (a) a lançar um olhar mais demorado e reflexivo sobre a estética dos brancos de Heloysa Juaçaba

Núbia Agustinha tematizou em seu estudo a Formação de Si e do Outro na pessoa de Heloysa Juaçaba. A sua escrita foi elaborada a partir do diálogo com as fontes que são, na maioria, depoimentos e catálogos de exposições recolhidas durante a pesquisa. Por último, a autora traz algumas reflexões sobre as tensões políticas nas décadas de 1960 e 1970, instigando o leitor a pensar as implicações no campo da arte no Ceará, no referido período.

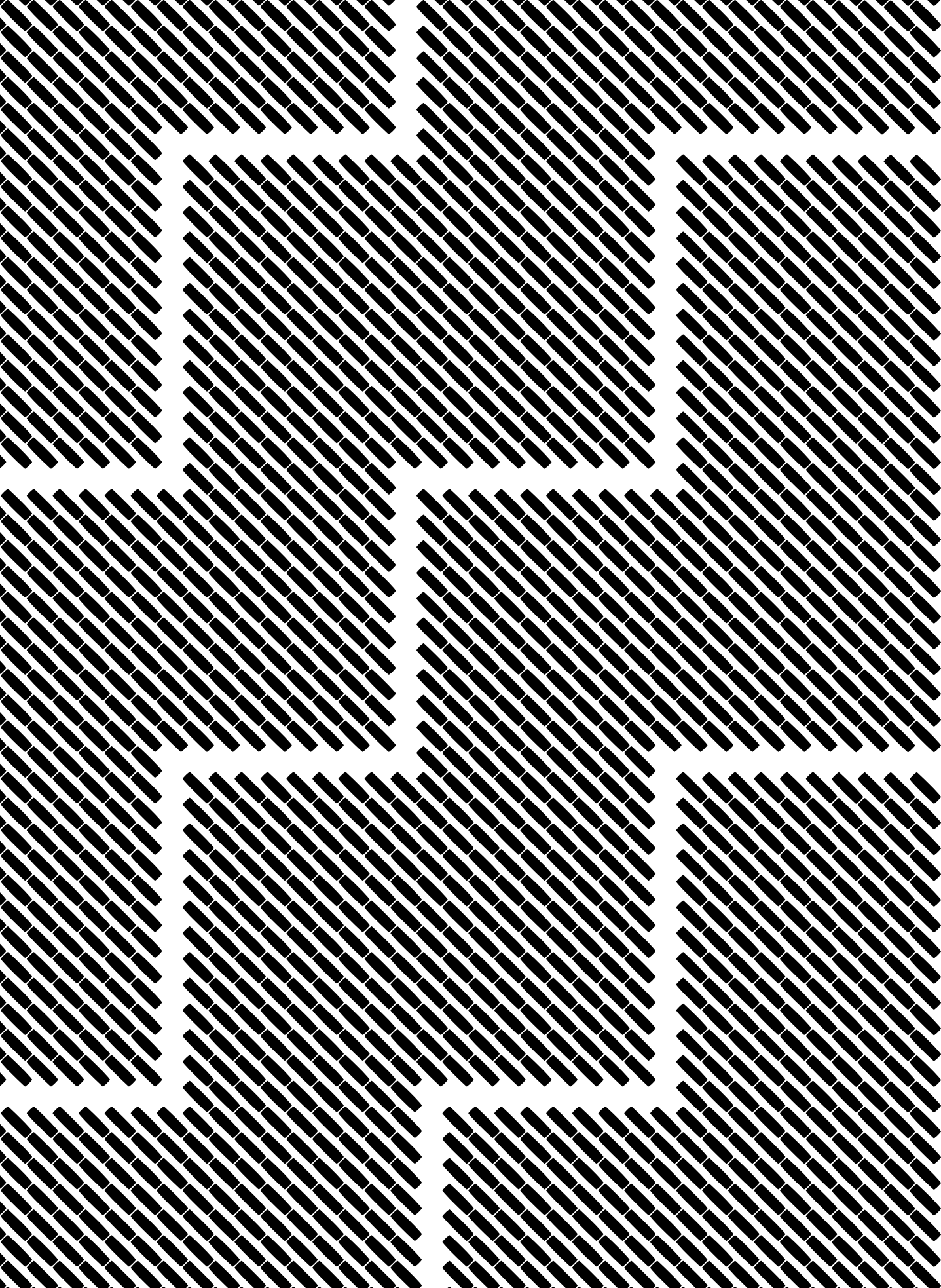
Roberto Galvão centraliza o tema de sua escrita nas suas reminiscências, que são acionadas pelos odores e sabores do café e do pão fresquinho com manteiga saboreado por ele, quando era um jovem aprendiz de arte, no Centro de Artes Visuais - Casa de Raimundo Cela. Esses aromas fazem com que o artista-historiador seja transportado para o tempo em que Dona Heloysa fora gestora na área da cultura. O seu relato pode fazer lembrar os bolinhos de Madeleine de Proust, no romance "Em busca do tempo perdido". É um aroma como um "dispositivo" da memória.

Ainda sobre memórias, Dodora Guimarães colabora com a escrita deste livro ao trazer as suas da casa do casal Dr. Haroldo e D. Heloysa Juaçaba, localizada na Av. Barão de Studart, nº 1001. Foi um espaço de encontro e discussão sobre arte, nas décadas de 60, 70 e 80, do século XX. Hoje, foi transformado em uma igreja. A autora reconhece D. Heloysa como uma grande mulher e amante das artes, tendo desempenhado o papel de animadora cultural, pintora e colecionadora de arte. Seu texto apresenta também um trecho da entrevista com o artista plástico Tarcísio Félix, que nos informa sobre a atuação motivadora de D. Heloysa no sentido de impulsionar a venda das obras dos artistas frequentadores do Centro de Artes Visuais – Casa de Raimundo Cela.

Pablo Manyé, a exemplo de outros autores, também enfatiza sobre dados biográficos da Dona Heloysa, ressaltando, por sua vez, o papel de mecenas da artista. A generosidade é uma característica dela, pontuada pelo autor que teve o privilégio de ter acesso a um grande volume de documentos sobre a artista e sobre outros assuntos relacionados com a cultura e a arte que Dona Heloysa tão bem valoriza.

Para finalizar, a referida publicação

traz ainda uma linha iconográfica sobre a vida e a obra da artista, organizada com colaboração da historiadora Eliene Magalhães, além de um depoimento de Dona Heloysa sobre a sua inesquecível Guaramiranga, em particular, o Sítio Cana Brava, onde nasceu a artista homenageada desse 63º Salão de Abril de 2012.



Gilmar de Carvalho

# *O voo do pássaro vermelho*

O pássaro vermelho se desdobra no ar, como um origami de papel de seda. É a senha para se falar de Dona Heloysa e um álibi para se pensar a arte cearense da segunda metade do século XX.

O ponto de partida pode ser a apropriação da técnica do "pentimento", deixar que camadas de memória sejam removidas para que se tenha uma idéia mais precisa de quem foi esta mulher, e quais contribuições ela nos deu como artista, e como gestora de arte.

O convite é para embarcar no fluxo da consciência e deixar que as informações sejam pontuadas por opiniões, que as teorias sejam imbricadas com a vida, e assim, tenhamos um texto que tente dar conta da complexidade da arte, e das pretensões de tratar, individualmente, de uma obra cujas primeiras manifestações completam sessenta anos.

Dona Heloysa nasceu em Guaramiranga, dia 1° de abril de 1926. Com uma leve pitada de almanaque, pode-se dizer que era uma quinta-feira santa, dia da cerimônia do lava-pés. A antiga vila da Conceição, que tinha sido elevada à cidade, em 1890, deixou de sê-lo algumas vezes, até a restauração definitiva desta condição, em 1957. A lua tinha sido nova dia 29 de março, e ainda devia brilhar forte sobre as ondulações da serra. Do ponto de vista etimológico, Guaramiranga significa "pássaro vermelho", na tradição indígena. Diz o relato da tradição oral, que o guará quando novo é branco, quando jovem passa a ser cinza, e quando envelhece se torna vermelho.

Importante ressaltar que Dona Heloysa teve como berço os Ferreira, com seu belo sítio Cana Brava, com plantações de café Arábia, e um acúmulo de riquezas que lhes deu a possibilidade de uma vida familiar mais refinada. Dos nove filhos de Joaquim Torcápio Ferreira e de Hermínia Holanda Ferreira, sete estudaram no Rio de Janeiro. Heloysa, a caçula, juntamente com a irmã Edith, fizeram o curso primário na cidade natal, e vieram para o Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, tendo concluído sua formação na Escola Normal Pedro II (hoje Colégio Justiniano de Serpa), onde teve professores do nível de Lourenço Filho.

A serrana Guaramiranga era um pedaço de paraíso, um trecho de mata atlântica bem preservado, até que a especulação imobiliária chegou por lá e transformou esta localidade, a pouco mais de cem quilômetros de Fortaleza, em uma sucessão de equívocos, que mostram a falta de seriedade de nossas políticas ambientais. Mas essa é outra história. Aqui, trata-se do berço e do cenário.

Um primeiro ponto a ser abordado mostra que, do ponto de vista das questões de gênero, nunca pareceu muito transgressor o fato de uma mulher se dedicar às artes. Este espaço era comum, aos homens e a elas, e não havia maiores restrições ou reservas morais quando se tratava de pintura, desenho, escultura ou gravura.

O mesmo se pode dizer da literatura. Francisca Clotilde e Emília Freitas, ainda no século XIX, trataram de aplainar o chão e abrir o caminho. Rachel de Queiroz e Alba Valdez, nas primeiras décadas do século XX, deram uma importante contribuição a essa forma de expressão. A música contava com a presença inspirada de Branca Bilhar. O teatro permaneceria, ainda por muito tempo, marcado por preconceitos que nunca se justificaram e nem poderiam se justificar, ainda que se possa encontrar uma superação deste ranço no Grêmio Dramático Familiar, de Carlos Câmara.

No campo das artes plásticas, a presença feminina é ainda mais antiga, de acordo com as poucas e esparsas informações das quais dispomos. Os historiadores fazem referência a Isabel Rabello da Silva, que assinou duas telas, que reproduziam pinturas clássicas, retiradas, não se sabe por quem, da Igreja do Rosário, no afã de modernização, que fez parte do desrespeito ao patrimônio, por uma parte significativa da hierarquia da Igreja Católica.

As escolas religiosas para meninas privilegiavam a habilidade e preparavam as donas de casa, moças prendadas que cuidariam de seus lares. Isso implicava em noções de corte e costura, bordado, pintura de bandejas sobre vidro ou a decoração de peças de porcelana, uma forma de desenvolver habilidades, ainda que pagando o preço de empobrecer os trabalhos de criação propriamente ditos.

Outra possível via para se chegar a Dona Heloysa passa pela superação do autodidatismo. Podemos aproximá-la, como a vida também a aproximou, de Nice, Maria de Castro Osório, nascida no Aracati, em 1921, e seria possível se pensar em trajetórias paralelas, tanto na vida, como no campo da arte. Ambas participaram das aulas do Curso Livre de Desenho e Pintura, da SCAP, no centro de Fortaleza, no início dos anos 1950, dos "pic-nics" artísticos que desbravavam a periferia da cidade, se inscreveram em salões e mantiveram uma atividade que se desdobra, de certo modo, até hoje.

Dona Heloysa refere-se, com emoção, à contribuição de Floriano Teixeira, que a iniciou nas técnicas da pintura cubista, e a João Maria de Siqueira, duas referências de professores. Floriano teria dito que ela estava preparada para enfrentar qualquer técnica, diferentes abordagens, e para pintar de acordo com a escola de sua preferência. A vegetação de Guaramiranga, rendeu muitas incursões pelo impressionismo, levando Dona Heloysa a registrar a natureza, transfigurando-a nas cores, nas composições, e no jeito de cercá-la e de apreendê-la, por meio da pintura. Apesar de tanta teoria, pesaram as escolhas afetivas e a primeira tela que pintou foi um "portrait" da mãe, feito a partir de um registro fotográfico

Pode-se contrapor o autodidatismo de Dona Heloysa e Nice, por exemplo, à formação de Maria Laura e de Sinhá d'Amora, pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, sendo que estas últimas construíram a maior parte de suas trajetórias longe do Ceará natal.

Nossa história da arte estava sendo escrita e contada aos poucos, com lacunas e omissões, sem muito rigor metodológico e sem maiores pretensões que o elogio fácil ou a mera enumeração de mostras, nomes, e o alinhamento de propostas que rotulam e "etiquetam " artistas, como num museu de história natural se classificam fósseis e espécies.

A estréia de Dona Heloysa em um Salão dos Novos, se deu em 1952, quatro anos depois do casamento (1948), com o médico Haroldo Juaçaba (1919 / 2009), um dos mais competentes e dedicados estudiosos do câncer entre nós, que deu nome, em uma homenagem merecida, ao hospital especializado nesta moléstia em Fortaleza, de cuja construção foi dos maiores batalhadores.

O enlace de Dona Heloysa abriu as portas das viagens ao exterior, por conta da especialidade do Dr. Haroldo, que o levava com freqüência aos Estados Unidos, e da possibilidade das visitas aos museus e às galerias de arte, que devem ter influenciado sua formação. Foi assim que fez curso livre de pintura e desenho no Museu de Arte de Louisiana, em Nova Orleans, em 1956.

Pode-se falar de Dona Heloysa como uma mulher das elites, o que não a desmerece, mas a coloca como um quadro competente, que podia até buscar uma superação por meio da arte, mas nunca uma ruptura, ou uma atitude mais radical. De uma senhora com esses valores e com essa formação, ocupando um lugar confortável no contexto social, esperava-se o recato, a elegância, e nunca a transgressão ou a possibilidade de virar o mundo de "ponta-cabeça". Ou como disse o crítico Olívio Tavares de Araújo, no documentário "Heloysa Juaçaba: Uma senhora artista", produzido pela Tv Unifor: "Nela prevalece o espírito da ordem. Não é uma artista emotiva, visceral. A razão prevalece sobre a emoção".

O autodidatismo não pode ser visto como algo estranho em uma cidade que só muito recentemente ganhou escolas de arte de nível superior, com a FGF (antes Gama Filho e agora Grande Fortaleza), o Instituto Federal, com o curso de tecnólogo em arte e o Curso de Belas Artes da Universidade de Fortaleza.

Uma forma de superar a falta de uma educação formal, neste campo, era o recurso às bibliotecas, com a leitura sistemática dos teóricos da estética, e o passeio pelos trabalhos dos outros artistas, tarefa facilitada, a partir dos anos 1960, pelos fascículos que traziam informações diluídas e reproduções de trabalhos, com boa qualidade gráfica, possibilitando uma formação possível.

Dona Heloysa, como todos os artistas de sua geração, foi refém da falta de mercado regulamentado. As exposições eram feitas nas lojas que cediam suas paredes ou vitrines para a exibição dos quadros. Foi assim com a Cimaipinto, concessionária Chevrolet, o Grupo Edson Queiroz, que, mais de uma vez, cedeu o espaço da loja Butano, à Rua Major Facundo, para essas exposições pioneiras, da mesma forma que a Companhia de Seguros Sulamérica também abriu as portas para um Salão de Abril.

Por falar em Salão de Abril, ele será sempre uma referência positiva nesse contexto das artes cearenses. Dona Heloysa participou de várias edições da mais antiga e importante mostra de artes do Estado. O caráter competitivo era uma forma de acirrar ânimos, de estimular rivalidades, e de fazer com que carreiras pudessem deslanchar em meio a um mercado atônito e pouco receptivo ao que era produzido e exibido.

Ela participou dos salões de 1953 (quando foi premiada, no setor de arte moderna), de 1967, e de 1972, e mereceu sala especial, desse mesmo salão, em 1975, em uma homenagem ao pessoal da SCAP. Em 1969, expôs na Galeria Goeldi, no Rio de Janeiro e, em 1974, participou da Bienal Nacional de São Paulo.

Os anos 1960 vão trazer um novo referencial para as artes cearenses: o Museu de Arte da Universidade do Ceará, inaugurado em junho de 1961.

O lugar era legitimado e dava prestígio a quem nele expusesse. Dona Heloysa deixou suas marcas, não apenas nas exposições das quais participou, inclusive a de inauguração, mas como interlocutora do Reitor Martins Filho na idéia de um "sonho de museu". Ela chegou a viajar para São Luis do Maranhão e para a Bahia, além de ter feito incursões pelo interior do Ceará, a serviço do Mauc.

Participou de mostras coletivas e integrou o grupo de artistas cearenses que expôs na Bahia, na exposição "Civilização do Nordeste", uma das obras-primas de Lina Bo Bardi, no tempo em que Edgar Santos implantava o que os teóricos chamariam de "Avant-Garde na Bahia" (título de livro do antropólogo Antonio Risério), e em que Martins Filho colocava o Ceará no mapa das artes brasileiras,

com ênfase em Antônio Bandeira e com o "auxílio luxuoso" de uma tropa de choque dos pioneiros, onde estava incluída, por méritos próprios, Dona Heloysa Juaçaba.

Assim, foram se tecendo as carreiras e se formando as obras dos nossos artistas mais destacados. Bandeira e Aldemir Martins partiram, o primeiro para o Rio, de lá, chegou a Paris, enquanto o pintor das Ingazeiras (Aurora) tomava o rumo de São Paulo. Sérvulo Esmeraldo, de São Paulo fugiu para Paris, onde ficou por mais de vinte anos. Barrica fazia a ponte entre Fortaleza e o Rio de Janeiro, já Barbosa Leite se fixou em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Pouco se ouviu falar de Maria Laura. Sinhá d'Amora voltou, madura, recebeu homenagens. Vicente Leite morrera muito cedo, antes de fruir da viagem ao exterior que ganhara em um Salão Nacional. José Rangel deu aulas no Recife. E veio um suíço-francês, Jean-Pierre Chabloz para encontrar e mostrar ao mundo um índio visionário chamado Chico Silva.

Os que ficaram aqui pagaram um preço pela escolha feita. O líder Mário Baratta, que propunha uma "arte cearense", parece ter perdido o fôlego da agitação. Estrigas se exilou no Mondubim, levando Nice a tiracolo. Zenon Barreto continuou a trabalhar, talentosíssimo e pouco reconhecido. José Fernandes se refugiou na neblina e Siqueira nos deu um comovente documentário sobre Bandeira ("O Colecionador de Crepúsculos")

Dona Heloysa passou a ser, desde a inauguração do Centro de Artes Visuais, conhecido como Casa de Raimundo Cela, em 1967, uma gestora bem sucedida no campo das artes plásticas.

No ano anterior (1966) o Ceará instalou sua Secretaria da Cultura, uma das primeiras do Brasil. Podia ser importante, mas era a vitória do "beletrismo" provinciano. O Grupo Clã chegara ao poder, o que almejava desde sua fundação, nos anos 1940. A nova Secretaria, tocada pelo historiador Raimundo Girão, não discutia políticas culturais, nem interferia de modo mais consistente, na cena que se estabelecia, a partir da criação da Universidade do Ceará, e da implantação da Tv Ceará canal 2, da ênfase na formação de quadros, e na valorização das mídias, com a profissionalização dos mercados jornalístico, publicitário, e da área de entretenimento.

Além do Mauc, a Universidade do Ceará nos ensinava a fazer livros, por meio da Imprensa Universitária; nos levava a dar um salto de qualidade na música, com o Madrigal; o Teatro Universitário se abria para experimentações, como uma montagem de Lorca que ficou na história ("Bodas de Sangue"); e o Curso de Arquitetura era palco das reuniões informais que resultaram na constituição do chamado "Pessoal do Ceará", no contexto da música popular.

Prevaleciam as lideranças carismáticas e autoritárias, personalistas e centralizadoras, pouco abertas ao diálogo, e intransigentes nas negociações, tanto no governo, quanto na Universidade ou nas artes. Apesar de tudo, se tratavam de "heróis civilizadores", como dizem os antropólogos, aqueles que roubam o fogo dos deuses e os distribuem entre os homens.

Foi nesse quadro que se inseriu Dona Heloysa, uma das "matriarcas" das artes cearenses, no dizer do crítico José Julião de Freitas Guimarães, executivo do Grupo J. Macedo, uma das vozes mais afinadas do jornalismo cultural cearense dos anos 1960 / 1970.

A partir do espaço que ocupava na extinta "Gazeta de Notícias" (1923 / 1972), José Julião comentava as exposições, criticava, estimulava, e fazia contraponto à tendência do pouco questionamento. Ele contribuiu para que o papel do jornalismo ganhasse relevo, com serenidade e isenção, sem perder de vista as estocadas discretas e incômodas, dadas de vez em quando.

José Julião admirava Dona Heloysa e não apenas ele. Ela foi o tipo de gestora sintonizada com o momento histórico. Na direção da Casa de Raymundo Cela, esti-

mulou um grupo de jovens que se situou na linha da superação e da ruptura com o que vinha antes, a SCAP, com muita história e muita memória. Contestar estes "monstros sagrados" não era tarefa fácil. Dona Heloysa não estimulava a tensão, mas possibilitava a emergência de um grupo de jovens que hoje também faz parte da nossa história das artes: Descartes, Sérgio Pinheiro, Aderson Medeiros, Roberto Galvão, Sergei de Castro, Mino, Tarcísio Félix, Kleber Ventura, Bené Fonteles, além dos que se foram como Marcus Francisco, Joaquim de Sousa, Mariza Viana, César Gabrielle, dentre outros.

A chamada "Geração Dourada" ficava aprisionada entre as inevitáveis comparações com o pessoal da SCAP, que se ancorava em forte aparato teórico, inserção política e domínio da mídia. Era difícil ousar mais em um mercado tímido, e em um período que se encaminhou para o autoritarismo de uma ditadura militar que durou vinte e um anos.

Pode-se dizer que Dona Heloysa respeitou as diferenças, trabalhou com a pluralidade de manifestações, e com os mais variados olhares. Foi democrática. Podia, a partir do lugar que ocupava, dar receitas, "pasteurizar" propostas, embalar material para o consumo fácil e destruir algum impulso renovador. Não o fez. O quadro que se tem da produção desses artistas mostra que ela se movimentava com cuidado, com respeito e com delicadeza em relação ao que a "Geração Dourada" fez ou não foi capaz de fazer.

Não se pode, a rigor, falar em movimento, porque faltava manifesto. Já escola pressupõe uma proposta que tem um ponto em comum, apesar das diferentes abordagens, o que não foi o caso. Na "Geração Dourada", o hiperrealismo convivia com o expressionismo, a pop-art dividia espaços com a releitura da art-nouveau, do surrealismo, e do pontilhismo, para não deixar de lado o abstracionismo. Nessa mistura de tradição e ruptura, compunha-se um "caldo" de cultura plural, muito estimulante.

Dona Heloysa funcionava como gestora e, com todo o respeito, como uma "mãe-zona" para este pessoal, impetuoso, com desejo de experimentar, de se expressar, mas despreparado para enfrentar com alguma chance de vitória um mercado de arte mais desorganizado ainda e muito amador.

Colocá-la como "curadora" parece um exagero. Apesar de toda a importância que ela, inegavelmente teve, fica difícil se pensar nela como alguém que propôs conceitos, reuniu disparidades, e organizou o que parecia sem sentido. O curador é cada vez mais presente no contexto contemporâneo, a ponto de se tornar, muitas vezes, mais importante e visível que os próprios artistas.

Interessante que ela foi artista, gestora, mas nunca tenha atuado como "marchande", outra figura que tem um papel tão destacado na inserção dos artistas e de suas obras no mercado. Este papel foi representado, em tempos e contextos diferentes, por Dona Ignêz Fiúza (Recanto de Ouro Preto), Dona Lorena Araújo (Galeria Gauguin) e Dodora Guimarães (ArteGaleria).

Em tese, "marchands" fazem a mediação entre os artistas e os "mortais", abrindo portas para a superação das excentricidades, e mostrando ao mercado o que ele muitas vezes não quer enxergar.

Dona Ignêz Fiúza se destacou neste quadro pela determinação, pela fidelidade, e pela disciplina. Dodora Guimarães pela ousadia, pela antecipação, e pela quebra de paradigmas. Ambas serão figuras referenciais quando for enfrentada, com a formação de equipes, e com um olhar interdisciplinar, a história das artes no Ceará.

O distanciamento de Dona Heloysa dessas atividades comerciais pode ter dado uma sobrevida maior à sua experiência de gestora de centros culturais. Além da Casa de Cultura Raymundo Cela, ela dirigiu o Departamento Municipal de Cultura, durante a gestão do prefeito José Walter Cavalcante (1967 / 1970); fez parte, por doze anos, do

Conselho Estadual de Cultura; ajudou a instalar as pinacotecas do Palácio da Abolição e do Paço Municipal; foi assessora informal de autoridades, sempre ouvida pela mídia e consultada quando as questões envolviam arte, patrimônio e memória.

Um historiador como Estrigas, com seu texto pouco adjetivado, fala da generosidade de Dona Heloysa, que teria doado mais de 800 peças de sua coleção particular para o Museu de Arte e Culturas Populares, que funciona no espaço do Centro de Turismo, na antiga Cadeia Pública de Fortaleza, inaugurado no Governo César Cals, em 1973.

A montagem deste acervo contou com a colaboração do crítico Clarival do Prado Valladares, e de uma pessoa de quem pouco se ouve falar, hoje, mas que teve uma atuação destacada na gestão cultural em Fortaleza, nos anos 1960 / 1970, Dona Hilma Montenegro.

O que vale ressaltar, de modo mais enfático, em uma abordagem que pretende discutir a contribuição de uma artista, é sua produção estética.

Dona Heloysa pintou folhagens. Mais que uma visada ecológica ou ambientalista, tratava-se de suas lembranças, de seus referenciais afetivos. Era a recriação do "ethos" de Guaramiranga ou de Maranguape, serra onde a família Juaçaba tinha um sítio. A paisagem podia ter a interferência da figura humana, mas seria sempre algo bucólica. Seria como um mergulho interior, uma busca (sem trocadilho) das raízes, um apaziguamento pela natureza capturada e domada. Não era a paisagem, era uma aproximação, um recorte, uma parte que representaria o todo.

Ela também pintou marinhas, talvez sem a mesma convicção, mas pode-se pensar no reforço do jangadeiro como um herói cearense ou como um estereótipo de determinação e valentia, tal como tratado pela pintura e pelo desenho, a partir do referencial do nosso "monstro sagrado" Raymundo Cela.

Em alguns instantes, ela ousou uma abstração, o que não parece difícil para quem domina a paleta das cores, manuseia bem as tintas, e pode articular o álibi da poética que vem das pinceladas e manchas. Em outras palavras, um exercício lúdico, uma atitude da "virtuose"

Críticos, jornalistas e colecionadores se unem para fazer o elogio do ponto alto de sua produção: os trabalhos que estilizam punhos de rede. Ela confessa ter encontrado o ponto de partida para estes trabalhos no Mercado São Sebastião. Os punhos de rede entram como o elemento da tradição que busca uma tradução contemporânea, que fuja da folclorização.

Ela encontrou um suporte à altura de sua curiosidade de artista competente e determinada nas folhas de "eucatex", a madeira industrializada que vinha com furinhos simétricos. Era o que faltava para que ela pudesse dar vazão à imaginação criadora. A partir daí surgiram texturas, relevos, tessituras de fios mágicos que dialogam com o construtivismo e, pensam, alguns mais exacerbados, com a arte cinética de alguns artistas latino-americanos ou mesmo de Sérvulo Esmeraldo.

Sem apelar para facilitações cromáticas ou para um artesanato, o que não seria difícil, ela optou por um trabalho cerebral, limpo e discreto, como tudo o que ela fez.

Dona Heloysa fugiu dos holofotes, mas não saiu de cena. Sempre presente nos salões, trazendo algo que se destaca, levando-se em conta o contexto de sua produção, sua visão de mundo e de arte. Melhor assim, do que vê-la às tontas, em um contexto onde a arte é sustentada por editais, onde ainda não se têm políticas culturais traçadas com consistência, e onde se perdeu, em grande parte, a capacidade da indignação, e a idéia da criação como algo visceral, que não vem a reboque de teóricos que servem para todos os usos e para todas as horas.

Podemos ver Dona Heloysa como alguém que deixou marcas em vários campos, em muitas atividades, e que será avaliada pelo "conjunto da obra", envolvendo a criação, a gestão e a possibilidade de abrir veredas para a arte e para a vida.

O pássaro vermelho alça vôo e paira no céu azul sem nuvens, em um final de tarde, como um avatar de Aldemir Martins ou um duplo de Chico Silva. É a senha para fechar este texto.

## *Bibliografia*


CARVALHO, Gilmar de. Rangel, o escultor que veio de Jardim. Fortaleza, Secult / Expressão Gráfica, 2008

CARVALHO, Gilmar de. A grande arte de Estrigas. Fortaleza, Expressão Gráfica, 2009

FIRMEZA, Nilo. O Salão de Abril. 2ª edição revista e ampliada. Fortaleza, Lumiar Comunicação e La Barca Editora, 2009

FIRMEZA, Nilo (Estrigas). A fase renovadora da arte cearense. Fortaleza, Edições UFC, 1983

GALVÃO, Roberto. Uma visão da arte no Ceará. Fortaleza, Grafisa, 1987

GALVÃO, Roberto. A escola invisível. Artes Plásticas em Fortaleza 1928-1958. Fortaleza, Quadricolor, 2008

MARTINS FILHO, Antonio e GIRÃO, Raimundo. O Ceará. 3ª edição, Fortaleza, Editora Instituto do Ceará, 1966

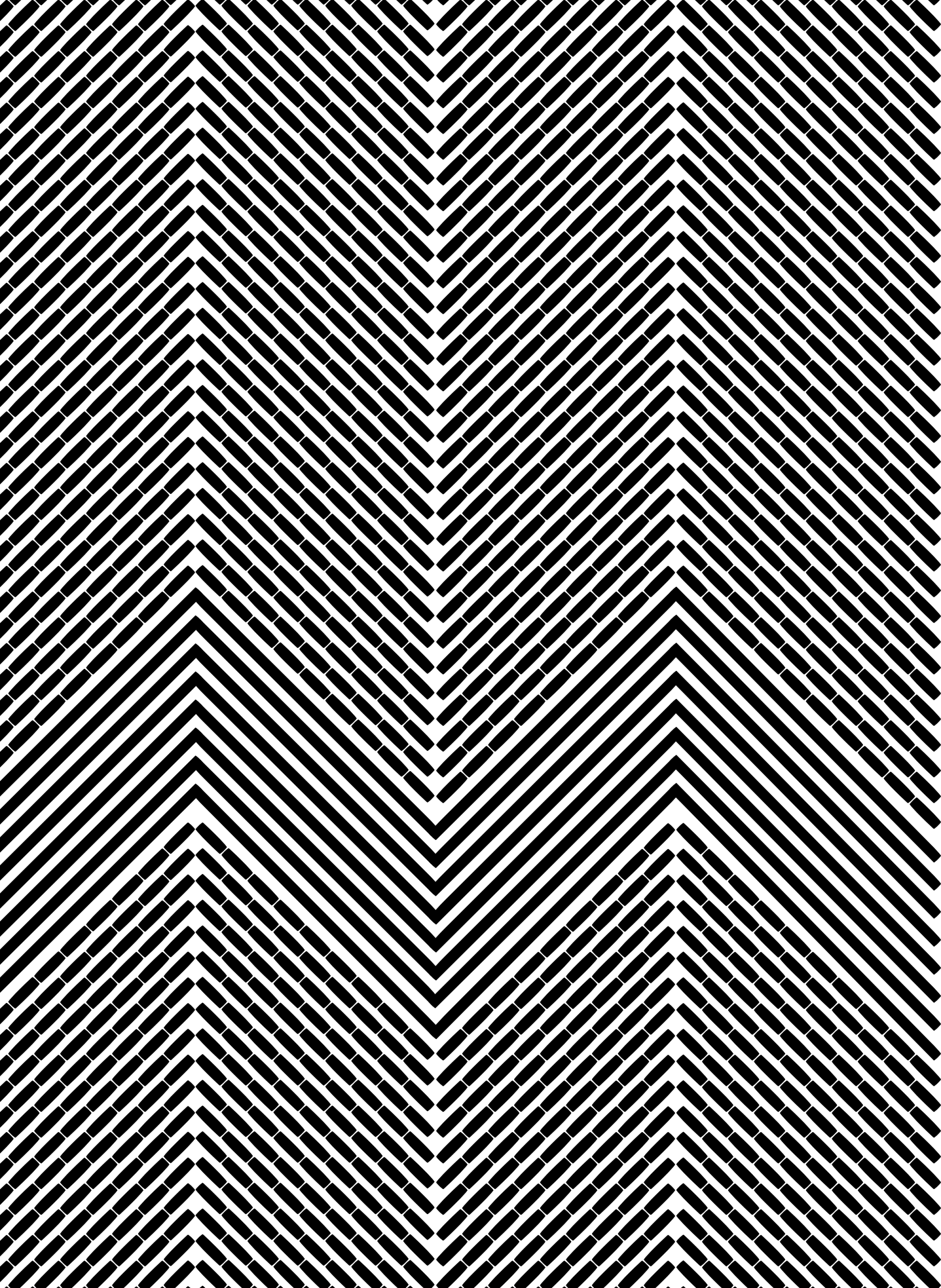
MONTEZUMA, Luciano e FIRMEZA, Nilo. Dicionário das Artes Plásticas do Ceará. Fortaleza, Oboé Financeira, 2003

PONTUAL, Roberto. Dicionário das Artes Plásticas no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969

RODRIGUES, Kadma Marques. As cores do silêncio: habitus silencioso e apropriação de pinturas em Fortaleza (1928/ 1958). Fortaleza, Coleção Meu Cadinho, Expressão Gráfica / Secult, 2011

SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da e OLIVEIRA, Elsie Studart Gurgel. Haroldo Juaçaba:tempo, espaço, ação. Fortaleza, Íris, 2011

STUDART, Barão de. Diccionario Bio-Bibliographico Cearense. Volume Primeiro. Fortaleza, 2ª edição, Edições UFC, 1980



Herbert Rolim

# *Um encontro do passado em favor do hoje ou da figura à sensibilidade pura.*

Este texto atende a um pedido dos organizadores do Salão de Abril 2012 para escrever sobre a "fase branca" da artista plástica Heloysa Juaçaba (1926), homenageada desta edição com uma exposição e publicação. Antes de qualquer palavra, peço licença para ser parcial, já que tomo como ponto de partida uma experiência pessoal, mais do que isso, um sentimento de gratidão, o que me fez sentir à vontade para aceitar de imediato esse oportuno convite. Ora, penso que escrever em homenagem a alguém é senão outra coisa que uma tentativa de esboçar seu retrato ou, melhor ainda, permitir-se a um exercício de alteridade a partir do qual você se vê refletido no outro – é o que pretendo a seguir.

Pois bem, o primeiro encontro com Heloysa Juaçaba se deu na verdade de forma indireta, pelo contato de sua obra Telhado de Guaramiranga (1969)*. Digo "encontro" porque não foi algo passageiro e menos ainda sem significância, aquele momento me levaria a outros que marcariam sensivelmente minha vida profissional como artista e educador. Naquela época, tinha em torno de 11 anos, e, curiosamente, era a primeira vez que ficava frente a frente com uma tela pintada à óleo.

Para um menino europeu, familiarizado com museus, esse caso talvez não chamasse tanta atenção assim. Diria que até para um garoto brasileiro da região sudeste ou mesmo do nordeste do país, ligado à cultura do café, do cacau ou da cana de açúcar, um quadro desses teria sido visto com naturalidade como tantos outros, destituído de sua real importância. Mas estamos falando de uma situação que aconteceu numa cidade do sertão central do Ceará, na cidade de Iguatu, antiga terra dos índios da etnia Quixelô, no contexto dos anos 70, onde morava, quando visitava a casa de uma prima recém-chegada da capital do Estado.

Como explicar um encantamento diante de uma paisagem colorida, não naturalista, que retratava um povoado rural com linhas geometrizantes e superfícies planas, sem nunca ter ouvido falar de vanguardas modernistas, tão pouco saber o que era cubismo ou construtivismo? Foi ali e naquele momento, face a algumas indagações, que optei pela vida artística e por estudar arte. Tanto que, anos mais tarde, de mudança para Fortaleza me preparei para cursar Letras, como área afim, na ausência de uma Escola Superior em Artes Plásticas na cidade.

Só dezoito anos depois daquela primeira aproximação, já formado e morando em Recife, é que aconteceu nosso encontro presencial, de fato, cujo passado havia elegido simbolicamente como prenuncio de um (re) encontro promissor que então se dava. Desta vez, em seu atelier, por ocasião de um pedido de apresentação para minha primei-

ra exposição individual em Fortaleza (1987). Talvez essa oportunidade tenha suscitado em mim uma sensação de aturdimento comparável ao do pintor Otacílio de Azevedo quando visitou o atelier de Raimundo Cela na cidade de Camocim, em 1933, como descrito no seu livro Fortaleza Descalça (1992: 290): "Ao penetrar no recinto, parecia-nos participar da estranha aventura arrancada das páginas das Mil e Uma Noites, tal o tesouro que se expunha à nossa vista".

Não vou me deter aqui na generosidade de suas palavras quanto à apresentação do meu trabalho, pela qual sou sinceramente grato, mas gostaria de ressaltar aqui seu espírito de abertura em relação aos jovens artistas e às suas linguagens experimentais. Como estes, pelo menos no que toca aos riscos de experimentar, ela manifesta particular interesse, basta atentar-se para sua poética marcada por uma variedade de estados de arte, estilos, gêneros e técnicas: do figurativismo ao cubismo; do abstracionismo informal ao formal; do retrato à paisagem, passando pelo sacro, floral, marinha e natureza morta; do desenho à gravura; da pintura à tapeçaria; do objeto à escultura, etc., com que exerceu sua produção.

Fato curioso é que, 43 anos após aquele olhar de menino do interior e 25 anos depois daquela apresentação textual, nosso terceiro encontro se dá por esta homenagem, quando me é proporcionado discorrer sobre sua contribuição para a história da arte cearense, tendo como recorte a série construtiva, conhecida como série branca, cuja matriz retoma justamente àquela obra do nosso primeiro encontro. Eis aí os entrecruzamentos inusitados (nem tanto assim) no livre curso de nossas vidas, que enredam algo maior para além do particular e subjetivo.

Feitas as considerações acima, gostaria de expor alguns aspectos que ligam a obra Telhado de Guaramiranga de 1969, ponto de partida deste texto, à série branca dos anos 1980 (pág. 43), objeto aqui de reflexão. Para isso, faz-se necessário lembrar que as pinturas de Heloysa Juaçaba, em comum com a primeira obra mencionada, têm uma aproximação com a última fase do cubismo, o cubismo sintético (1913/14), uma vez que ressaltam o uso das cores e evidenciam o aspecto decorativo. Enquanto que as da série branca relacionam-se com a arte construtiva, já que "parte(m) de uma organização formal totalmente inventada", retomando uma definição de Frederico Morais (1991: 14)[1].

É preciso que se diga, no entanto, que quando Heloysa Juaçaba expôs pela primeira vez em 1952, no Salão dos Novos, o modernismo estava assentado no cenário artístico cearense, embora não deixasse de haver "conflitos submersos", para usar um termo de Roberto Galvão (2008)[2], entre modernos e acadêmicos. Enquanto isso, no sudeste do país, a escultura Unidade Tripartida (1948/49) do artista suíço Max Bill, premiada na I Bienal de São Paulo (1951), assinalava a presença do construtivismo no Brasil, cujo impacto na formação do movimento concreto brasileiro foi significativo, por lançar as bases do neoconcretismo e abrir espaço para a arte pós-moderna.

Quero dizer com isso que não foi de uma hora para outra que Heloysa Juaçaba chegou ao abstracionismo formal da série branca. É possível encontrar na sua trajetória artística transformações que vão cumprindo etapas, conforme as que se deram na história da arte ao longo do tempo. Em outras palavras, segue uma herança histórica da arte construtiva que remonta à desconstrução formal do cubismo europeu (1907), protagonizado por Picasso e Braque, ao decompor a figura e resumi-la a planos geométricos. Tem origem, por exemplo, nos esquemas gráficos e sígnicos das aquarelas (1910) de Kandinsky, a que chamava de "composições", numa relação das cores com os sentidos sonoros, em que a figura era apenas insinuada até chegar à abstração.

Como diz o crítico Clarival do Prado Valladares no Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos (CAVALCANTI, AYALA, 1973-1980)[3]: "em toda a sua obra, como uma

constante, podemos encontrar o fio condutor do construtivismo. Nos barcos, nas paisagens e nas figuras, é possível identificar a estrutura das linhas e dos planos dominando a composição". Embora, no óleo sobre tela Telhados de Guaramiranga a figura esteja presente, numa relação direta com o título, nele a paisagem foge a realidade objetiva e dá lugar a linhas e ângulos "geometrizantes", interessando mais os elementos visuais (linha, cor, espaço, volume...) que o compõe do que o tema (figura) em si. Aqui já se nota a exuberância pictórica e sua quase independência formal, em que os vínculos com o mundo real são apenas estímulos para se chegar à pintura propriamente dita, ou seja, a cor como meio e fim, a exemplo do que no passado praticava o pintor russo Mikhail Larianov, seguidor do movimento raionista (1909).

Aos poucos a artista cearense substituía a figura pela sensibilidade pura, isto é, cada vez mais se permitia a um distanciamento das representações exteriores da realidade até chegar a uma energia espiritual pelo exercício da visualidade plástica, a que Malevitch chamou de suprematismo (1915). Para ele, por meio da simplificação geométrica, se poderia alcançar a supremacia da faculdade de sentir, como exemplifica sua obra de 1918 Quadrado Branco Sobre Fundo Branco.

Nesse âmbito, a série branca de Heloysa Juaçaba apresenta indícios de completo desligamento da ilusão naturalista, ou seja, não se encontra nela nenhuma intenção de exposição da realidade imediata. Numa analogia com a obra de Malevitch, em vez do quadrado, a artista optou pelas linhas/relevos brancas, que se organizam no plano (fundo) branco, em busca de uma sensibilidade visual que se alterna entre luz e sombra, graças à tessitura com que estrutura, ponto a ponto, o jogo cromático abstrato geométrico.

Chama atenção a utilização do punho de rede branco como elemento visual linha, mas seu emprego aqui não tem valor simbólico enquanto artefato popular de origem indígena, querendo com isso tematizar a cultura nordestina ou mensagem que a valha. Com efeito, o que interessa é seu resultado plástico. Isso não implica dizer que, além das fontes internacionais, não haja aí uma influência de caráter cultural, própria da artesania local, presente nos ornamentos geométricos da cerâmica, do trançado dos tecidos, das palhas e cipós.

Outro ponto de referência para situar a série branca de Heloysa Juaçaba é o construtivismo (1913) dos irmãos Antoine Pevsner e Naum Gabo, não pela natureza espiritualista de que se falou há pouco, mas pelo campo estendido da pintura em direção à escultura e vice-versa (pintura-escultórica/escultura-pictórica), por eles nomeado de "contra-relevos". Basta perceber que, na fase branca da artista cearense, não há uma separação entre forma e conteúdo, depois, não existe uma moldura que delimite o espaço da pintura nos termos tradicionais, podendo ela própria valer como elemento visual da obra, sugerir tanto expansão como absorção do plano externo. De outro modo, entenda-se que o quadro deixa de ser suporte para a pintura e passa a ser, de modo autônomo, objeto pictórico.

Poderia continuar apontando outras referências construtivas com as quais a série branca dialoga, caso devesse me estender no assunto, como no caso do neoplasticismo holandês (1917) de Piet Mondrian, com seu sintetismo geométrico e purismo cromático, circunscrito às linhas verticais/ horizontais e às cores primarias, além do branco e preto; ou do não-objetivismo de Alexander Rodchenko, autor da obra Negro sobre Negro (1918); ou da arte concreta (1930) de Teo Van Doesburg, que tanto influenciou os concretos brasileiros (1939/1950), como Waldemar Cordeiro, Ivan Serpa, Franz Weissmann e tantos outros, de quem Heloysa Juaçaba assimilou na nascente da fonte.

Aliás, sublinhe-se que em 1957 acontecia no Ceará a primeira exposição concreta, mais precisamente no Clube do Advogado, Praça do Ferreira. Dela participaram poetas

(Antônio Girão Barroso, José Alcides Pinto e Pedro Henrique Saraiva Leão) e artistas plásticos, companheiros de Heloysa Juaçaba da Sociedade Cearense de Artes Plásticas – SCAP, como Estrigas, Zenon Barreto, Goebel Weyne e J. Figueiredo, além do arquiteto Liberal de Castro[4]. Tudo isso, direto ou indiretamente, faz parte da influência das circunstâncias e do contexto em que se insere sua experiência artística.

Não poderia finalizar sem deixar de ressaltar que a série branca foi apenas um recorte de sua produção construtiva e que esta, por sua vez, não obstante sua significância, não dá conta de sua variada atividade plástica, bem provida de "ismos" (academicismo, impressionismo, fauvismo, cubismo, construtivismo...), que muitas vezes se entrelaçam, vão e voltam à tona, independente das tendências em voga ou das imposições de mercado. Além do mais, escapou a esta abordagem o contexto social e o alcance produtivo de suas ações no campo da cultura cearense em geral, mas isso fica para uma próxima ocasião.

## *Notas*

[*] Ver linha do tempo página 84

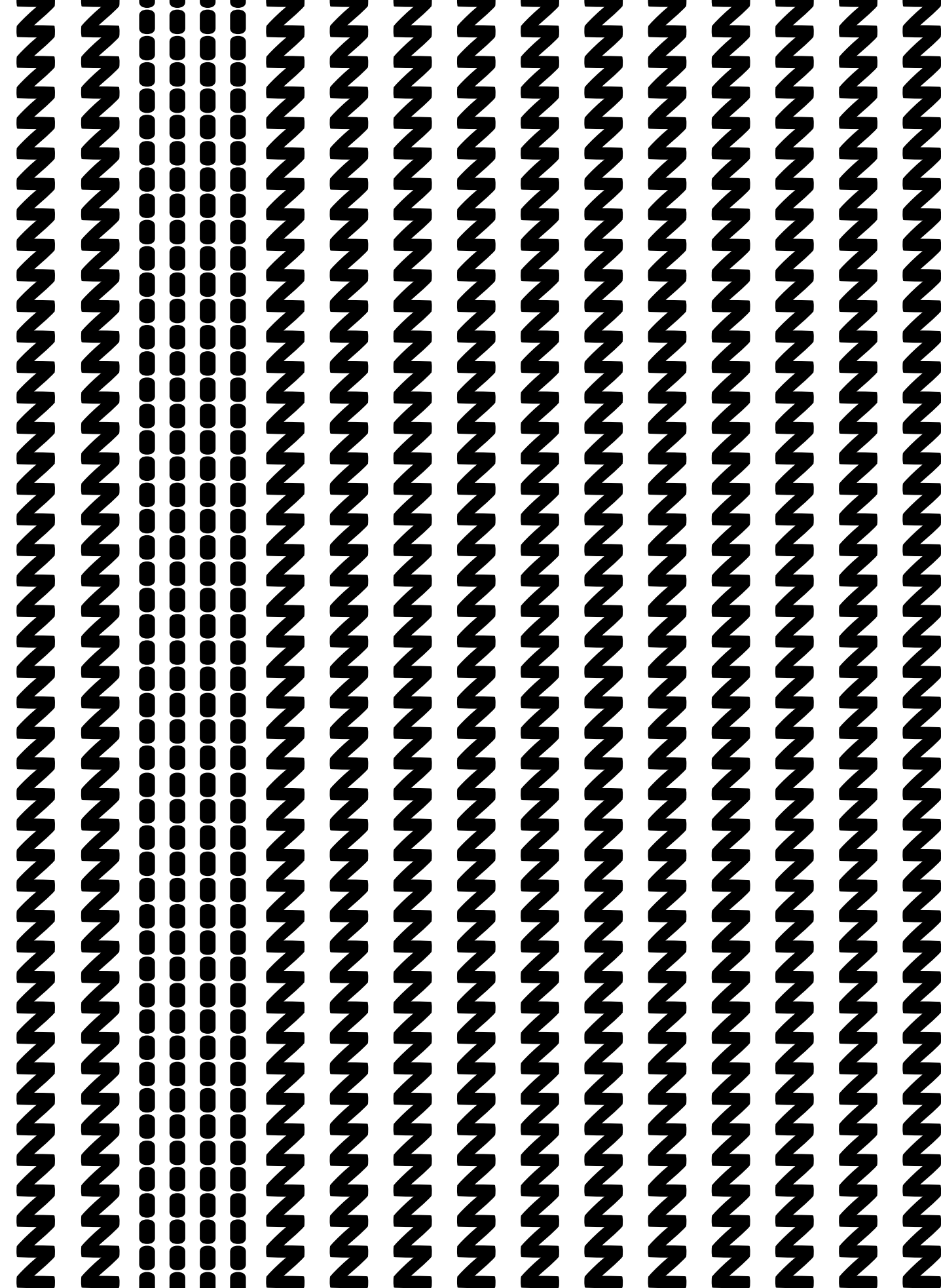
[**]

[1] MORAIS, Frederico. Prefácio. Em: Cadernos históricos da pintura no Brasil. Academismo: marcos históricos. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1993.

[2] GALVÃO, Roberto. A escola invisível: artes plásticas em Fortaleza 1928-1958. Fortaleza: Quadricolor editora, 2008.

[3] CAVALCANTI, Carlos; AYALA, Walmir, org. Dicionário brasileiro de artistas plásticos. Apresentação de Maria Alice Barroso. Brasília: MEC/INL, 1973-1980. (Dicionários especializados, 5). Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_criticas&cd_verbete=2028&cd_item=15&cd_idioma=28555

[4] Cf.: LEÃO, Pedro H. Saraiva. Po&sia concret@ no Ceará. Em: Academia Cearense de Letras (coord.) Antologia do seminário sobre a produção literária no Ceará. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2001.



Ricardo Resende

# *Heloysa Juaçaba o branco sobre branco*

*"A capacidade intectual do artista, pela absorção e assimilação dos problemas da arte, é o produto máximo da arte – e seus sinais é que conferem valor a pinturas e esculturas em particular. Esta é uma das razões que me levaram a considerar acertado refletir mais extensamente sobre os artistas veteranos do que sobre os iniciantes, cujas idéias, sejam quais forem, apenas começam a ser elaboradas".*

*... "Não importa com que estilo um artista começou: quadrados de cor, uma faixa negra, a letra "D" ou o desenho de um nu. Todos os começos são estereótipos, e o repertório de formas da arte moderna já estava quase completo por volta de 1914. O que conta é descobrir os obstáculos e vencer – esta é a grande descoberta e o ponto de partidda da metamorfose. A originalidade é uma consequência da duração da ação, da longa experiência de suportar a ansiedade e persistir. No decorrer do enfretamento, forja-se um espírito. Fora isso, toda espécie de excelência pode ser copiada".*

***Harold Rosenberg*[1]**

Dona Heloisa Juaçaba. Não poderia deixar de usar o Dona ao me dirigir a artista por uma questão de respeito à sua estatura cuja trajetória nos mais de 80 anos de vida bate na casa dos 60 anos de uma produção artística coerente com o seu tempo. Uma carreira ou obra que se pautou por estar sempre conectada às tendências internacionais da arte, por estar sempre consonante às questões estéticas e conceituais vistas na segunda metade do século XX.

A sua primeira exposição data de 1952, quando participou do Salão dos Novos, de Fortaleza. Seu primeiro curso de arte foi na SCAP, em 1950 ministrado pelo pintor João Maria Siqueira.

Mas uma influência a ser destacada na sua formação é a do pintor maranhense Floriano Teixeira (1923-2000), que viveu em Fortaleza nos anos 50 e 60, e foi o responsável pela introdução de questões ligadas ao cubis-

mo e ao construtivismo no Ceará.

O que se observa no seu percurso foi uma artista, como o teórico de arte norte-americano Harold Rosenberg (1906-1978) aponta na épigrafe acima, que experimentou e suportou a ansiedade do momento e buscou seus ideais artísticos. Dona Heloisa parece ter seguido à risca esta condição de assimilar os problemas da arte, embora tenha vivido em Fortaleza toda a sua vida, à margem do circuito estabelecido no país no século passado entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Mas a artista soube se atualizar e trazer as preocupações estéticas que vigoraram à época para sua pintura sem no entanto se engajar em nenhum dos movimentos de vanguarda. Também soube preservar em seu fazer artístico, o interesse pelo local.

No seu processo de criação sempre esteve presente as questões da regionalidade. Até mesmo quando observamos no conjunto de sua obra desde suas pinturas da fase figurativa onde se pode observar paisagens reconhecíveis do Ceará, em que vemos a passagem para uma síntese geometrizante das figuras. Suas marinhas já apontavam para a abstração que a levou para a arte da tapeçaria. Dai chegaria nos anos 1980 na fase mais radical de sua pintura, uma simplificação no uso da cor que se caracterizou pelo uso do branco sobre branco.

Dona Heloisa não subestimava uma vida interior de tranquilidade e observação do cotidiano. É de onde vinha sua criação. Acabou por refletir estas questões da paz no uso intenso do branco como camada a cobrir as superfícies de seus relevos pictóricos.

Alguns artistas, poucos na verdade, debruçaram-se sobre o branco sobre branco na arte, buscando a cor mais espiritual da paleta de cores, a mais absoluta que encontramos no mundo. Mas também é a junção de todas as cores que aqui encontramos, embora se considere muitas vezes como uma não-cor.

O branco é sempre ligado a uma ideia de espiritualidade, da vida etérea, do esquecimento e da opacidade que envolve a ideia da morte. Mas é também a cor do silêncio que envolve a ideia de paz.

Com o branco como tema, a obra artística mais reverenciada é a do russo Kasimir Malevitch (1878-1935). A sua pintura suprematista foi a mais radical experiência artistica que buscava a supressão da cor e da figuração sobre a tela. Buscava-se no que caracterizou o movimento suprematista da segunda década do século passado, a forma pura em um mundo sem objetos e ausência de figuras. Na série de pinturas abstratas de Malevitch, a se destacar é justamente o Quadrado Branco Sobre Fundo Branco, de 1918, que evidencia em profundeza esta pesquisa metódica e radical da não-cor, da forma pura. Uma ousadia pictórica na busca do mundo não objectual e, portanto, branco.

Radicalidade de pensamento e proposta artística que levou o artista a ser perseguido pelo governo soviético que o acusava de "subjetivismo". Em outras palavras, queriam condená-lo por suas ideias pictóricas subversivas muito ousadas para a época. Depois do impressionismo e do advento do cubismo, propor uma pintura "em branco" era como romper com qualquer ligação com a produção vigente à época.

Dona Heloísa Juaçaba, por sua vez, com uma dinâmica de trabalho que preza a experimentação e a investigação, enveredou pelo figurativo e por paisagens construtivistas até chegar nos relevos brancos construídos por pontos tecidos com cadarços de sapatos e punhos de rede sobre pedaços de madeira (chapas de eucatex furadas), em uma conformação abstrata resultada de gestos econômicos, de uma única cor que resultam em linhas e relevos construtores de formas geométricas. Estas formas resultam dos desenhos elaborados com simplicidade de pensamento formal.

A artista descreve seu processo artístico, que nada mais é, do que observar com sensibilidade o mundo, as pessoas no seu dia a dia, de observar ao seu redor e representá-

-lo em suas formas e cores sobre suas telas. Esta série branca é fruto dessa observação de quando frequentava o antigo Mercado Central em Fortaleza. Chamou-lhe a atenção uma corda de trama muito original[2] que veio a ser tramada na madeira furada (eucatex) criando os desenhos geométricos à partir de elemento natural, o que lhes confere a ideia de uma fatura artesanal.

Em constante mudança, esta obra do início dos anos 80, se destaca em sua produção pautada em uma investigação do abstracionismo. Os relevos brancos dialogam com a arte popular e o artesanato. A sua fatura nos lembra os antigos ofícios femininos, como a tecelagem e o bordado. Depois da corda tramada entre os furos da madeira, estes elementos recebem a cor branca em toda a sua superfície.

Uma ausência quase que total de tema foi o que predominou na beleza dessas pinturas. Unia à cor pura elementos externos, materiais que foram usados na busca de padrões geometrizantes e estruturantes para sua pintura.

Mas não se poderia dizer que estas pinturas, apesar do branco que predomina nas superficies de suas telas/madeiras, tratar-se de pinturas destituidas de "calor" ou inversamente, tratar-se de pinturas "frias", sem emoção como se costuma associar à neutralidade dessa cor.

Em sua exposição individual em Fortaleza, em 2006, no Centro Cultural Banco do Nordeste, o artista e curador da mostra Solon Ribeiro, lançou luz sobre essa produção dando o sugestivo nome de "O Discurso do Branco".

Nesta fase, a artista aproxima-se de uma total abstração minimalista seguindo regras construtivistas de simplificação das formas e cores. Nada mais do que volumes, linhas e cor.

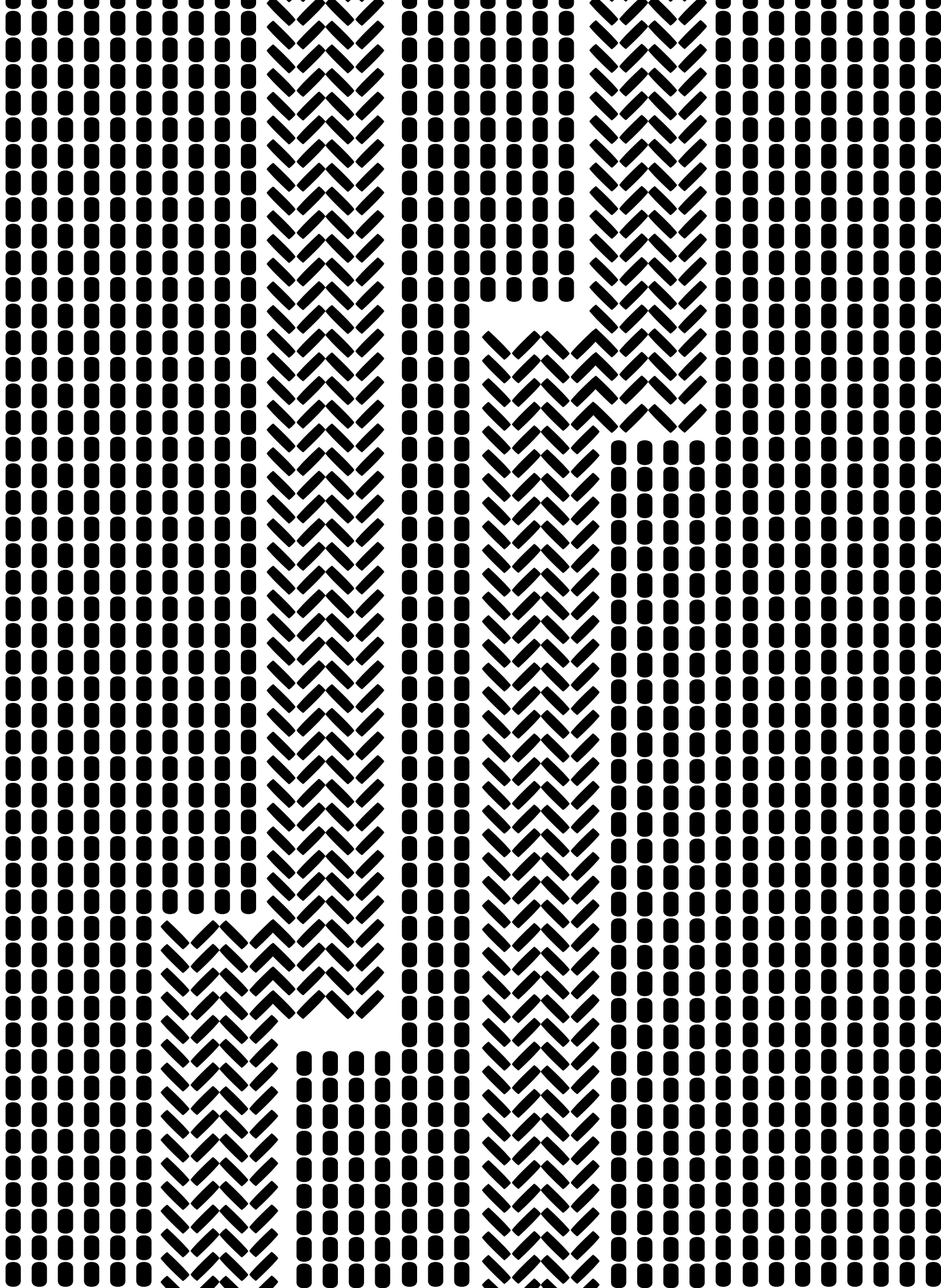
O branco tem as suas nuances ou variações não perceptíveis para o homem que vive nas regiões tropicais onde as cores se apresentam chapadas ao serem exaltadas na intensidade da luz solar. Nesta fase Dona Heloisa, parece querer buscar nesta mesma lógica a essência da côr branca com seu brilho muitas vezes cegante, que nos remete simbólicamente a idéia de imaterialidade. A artista consegue estes efeitos ao criar diferenças do branco através do relevo das coisas ali empregadas. São as sombras geradas desta sobreposição que dão as diferenças tonais nessas pinturas. Os elementos constituintes como os pontos, os nós, as costuras com as linhas e as cordas usados na confecção de rendas, labirintos e redes, são eles é que dialogam com a arte popular e o artesanato. São formas para os gestos estruturantes no seu campo pictórico. Este fazer artístico que quebra as fronteiras do que se costuma chamar de arte popular.

Este ano, 2012, Dona Heloisa Juaçaba completa 60 anos de carreira. Poucos artistas atingem esta maturidade.

## *Notas*

[1] Rosenberg, Harold. Objeto Ansioso. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac & Naify , 2004, pag.: 24

[2] Entrevista com Heloysa Juaçaba de autoria do artista e crítico de arte Solon Ribeiro, em junho de 2006. Publicada no catálogo do BNB.



Maíra Ortins

# *A geometria sensível*

*"Quadro nenhum está acabado,*
*disse certo pintor;*
*se pode sem fim continuá-lo, primeiro ao*
*além de outro quadro*

*que, feito a partir de tal forma,*
*tem na tela, oculta, uma porta*
*que dá a um corredor*
*que leva a outra e a muitas outras."*

***Poesia crítica antologia, Melo Neto, João Cabral de.***

Em 1922 era inaugurada no Brasil a Semana de Arte Moderna. Em sintonia com os manifestos provindos das vanguardas históricas europeias, um grupo de artistas, intelectuais e escritores desejavam "criar" uma iconografia tipicamente brasileira, embora, muitos críticos da época afirmassem que nada mais teria feito o grupo que repetir quase literalmente tais vanguardas, enquanto outro grupo, posteriormente, afirmasse que a questão do movimento modernista no Brasil não era, todavia, tão datável e nomeável como a História propagava parecer, fora, todavia, a primeira proposição que prevaleceu durante muito tempo e que serviu para legitimar ainda mais esta versão. Isto porque, o motivo de se transformar esta semana em um marco definitivo e legítimo como sendo o início da instauração do modernismo no Brasil possuía raízes mais profundas que visitam o cenário político da época. Afinal os modernistas possuíam a bandeira dos valores nacionalistas que eram identificados com o regime autoritário de Vargas.

Contudo, entendamos que para os envolvidos no movimento, ou seja, aos artistas cabia a resolução do paradigma de absorver e compreender influências europeias sem perder a liberdade estética e conceitual da obra e, principalmente ousar revelar uma "iconografia brasileira" que deveria ser identificada nesta produção. A este respeito nos fala Tadeu Chiarelli (Mam (na) oca- Arte brasileira do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, p. 21 (2006)):

> *Suas produções, na verdade, fundamentaram o conceito de arte moderna brasileira na conciliação entre necessidade de criar uma "iconografia" tipicamente brasileira (uma necessidade que vinha do século XIX) e certos empréstimos formais derivados de vertentes das vanguardas históricas europeias, já devidamente domesticados pelo clima de retorno à ordem atuante naquele continente entre os anos 20 e 30.*

Passada a Segunda Guerra Mundial o concretismo resurge em reação ao abstracionismo informal. Entre Rio e São Paulo formavam-se dois grupos. Em São Paulo este marco ficou caracterizado, em 1956 com a I Exposição Nacional de Arte Concreta MAM-SP e em 1959 no MAM-RJ, organizada por Ferreira Gullar era inaugurada a I Exposição de Arte Neoconcreta, neste segundo, estavam presentes, entre outros, Lygia Clark, Lygia Pape, Almicar de Castro e posteriormente, aderindo ao manifesto, Hélio Oiticica. Os dois grupos se separam e a partir desta ruptura surgem novas teorias para o concreto. Cacilda Teixeira da Costa nos fala em (Arte no Brasil 1950-2000 Movimentos e Meios, p. 19 (2006):

> *Sem abandonar o vocabulário geométrico, multiplicaram-se experimentações em diferentes linguagens, quebra de categorias, inserção de novos meios, busca da participação do espectador e integração arte/vida, atitudes que se enraizavam no movimento Dadá e – voluntariamente ou não- na Pop (...).*

Todavia o neoconcretismo atuou em um curto período que segue até 1963. Hélio Oiticica que segue sua produção de forma desligada do manifesto, passa a buscar outras formas, passa a explorar, tal como Lygia Clark o processo de abandono do quadro, tornando o princípio de participação do público como meio e processo fundamental de realização da obra. Oiticica, assim como os modernistas de 22 também vai buscar abordar em seu trabalho uma produção que traga em suas experimentações, elementos peculiares da cultura brasileira. É o morro carioca que o fascina e lá o artista busca também desenvolver suas propostas.

Tanto Hélio Oiticica, quanto Lygia Clark participa inicialmente do neoconcretismo brasileiro, mas em certo momento, acabam por abandonar tais postulados compelidos por uma necessidade em responder a outros desafios e problemáticas do Brasil dos anos 60. Igualmente, assim o fizeram, os pop-concretistas, e posteriormente, a tropicália, cujas influências perpassam desde o concretismo às influências da cultura popbrasileira e internacional ao retorno, novamente a um dos conceitos base do movimento modernista a "antropofagia". O tropicalismo tenta em sua pluralidade de expressão, posto que abrangesse várias linguagens e manifestações artísticas, problematizar sustentáculos e diretrizes culturais até então postas como meias verdades. Não mais era a "iconografia brasileira" colocada inicialmente na década de 20 para os artistas a sua problemática, ao contrário, era precisamente, a pluralidade de uma cultura influenciada por tantas outras e a não delimitação desta. A este respeito lê-se em Tadeu Chiarelli (Mam (na) oca- Arte brasileira do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, p. 31-33 (2006)):

> *O concretismo no Brasil merece uma atenção especial, posto que tem aqui uma forma particular de se manifestar. Na arquitetura Oscar Niemayer conciliou a racionalidade da arquitetura concretista com curvas sensuais que posteriormente passaram a ser uma marca em suas produções, unindo este a tantos outros artistas da época que igualmente, superaram os postulados construtivistas mais dogmáticos, mais tradicionais.*
> *"Se a própria arquitetura concebida para Brasília, ainda nos anos 1950, trazia em si mesma a crítica (ou o desprezo) ao racionalismo construtivo (...). Se alguns artistas, apesar da derrocada do projeto desenvolvimentista do Brasil, continuaram a produzir obras ligadas direta ou indiretamente ao concretismo ou ao neoconcretismo, alheios às nuanças no entorno, é importante reforçar que aqueles autores que romperam com os estatutos do concretismo inicial- de novo não me refiro apenas aos neoconcretos- instituíram a consciências do colapso, passando*

> *a trabalhar a partir dela. (...) Contra a manutenção daquela postura projetiva do concretismo e igualmente contra a postura messiânica que, em alguns momentos, assumiram as produções de Clark e Oiticica, as produções de Nelson Leirner e, posteriormente, Waltercio Caldas, Anna Bella Geiger, Cildo Meireles e Regina Silveira, entre outros, revisitavam elementos simbólicos e metafóricos que reinstauravam o desconforto da dúvida nas certezas auto-referentes da produção de cunho construtivista.*

Por tais razões acima citadas é que no livro Mam (na) oca, Tadeu Chiarelli vai tecendo a teoria que desde o seu princípio dos movimentos de vanguarda no Brasil, grande parte dos principais artistas que aderiram a tais movimentos, explicitaram uma certa rebeldia no tocante aos postulados mais dogmáticos, sendo, por isso, denominada por ele de arte "traidora". A este respeito Chiarelli, no mesmo livro, explana p. 35:

> *Ao ter que conciliar o cubismo ou o surrealismo com a necessidade de criar um imaginário ao mesmo tempo "moderno" e "típico", foi que Tarsila do Amaral traiu seus parâmetros europeus. E foi essa traição que a salvou de uma indigência periférica, o mesmo ocorrendo com Alfredo Volpi e sua particular traição quanto aos postulados construtivos, moldando-os à traição da pintura erudita italiana e aquela popular.*

Em todos os momentos e fases do concretismo ou de qualquer outra geração influenciada pelas vanguardas européias no Brasil, seus representantes ou seguidores, cada um, a seu modo, reinventavam este movimento, não obedecendo à risca os postulados mais dogmáticos. E é esta a questão que nos interessa neste livro. A série dos brancos da artista Heloysa Juaçaba, que teve seu início no princípio da década de 1980, ou seja, vinte anos após terem sidos instaurados no país as correntes concretas e neoconcretas, resgata parte desta trajetória do concretismo brasileiro. No texto de curadoria para o Centro Cultural Banco do Nordeste o artista Solon Ribeiro em (O Discurso do Branco, p. 5 (2006), nos diz:

> *Com um gestual preciso e uma simplificação extrema da forma, Heloisa Juaçaba tece espaços para jogos construtivistas, onde cada elemento seja linha, espaço e cor se apresentam como expressão da essência do ser das coisas. (...) Trabalhando quase exclusivamente a cor branca e o cordão de punho de rede, material representativo da tradição indígena na cultura cearense, aliado a uma concepção de ordem puramente geométrica, a artista elabora jogos onde conhecimento, memória, imaginação e paciente trabalho artesanal, expressão não apenas de um sistema de composição relacional, mas um encontro do objetivo ou racional com o subjetivo, capaz de estimular o sentido e o espiritual (grifo e recorte meus).*

Solon Ribeiro faz referência ao fato da artista utilizar o punho de rede para tecer as suas construções geométricas, sendo estes cordões elemento de parte de suas raízes culturais. Contraditoriamente é no punho de rede que ela encontra o elemento perfeito para tecer seus jogos construtivistas, numa composição geométrica, mas não puramente concretista. Portanto, Heloysa Juaçaba também "trai" o dogmatismo do movimento, vai além, pois concebe uma proposta que alia o sentido de lugar, território e referências culturais a um racionalismo e propostas visuais minimalistas. Como revelou a artista em entrevista cedida a Solon Ribeiro (O Discurso do Branco, p10-11( 2006)):

> *O ponto de partida para os relevos brancos foi a minha constante paixão pela arte*

*popular brasileira. Observando as lojas que existiam na parte baixa do antigo mercado central, no Centro, encontrei um cadarço de trama muito original e, perguntando ao dono da lojinha, ele foi logo me explicando a origem (...) Tinha em minha casa um Eucatex perfurado, e usando um jogo de instrumentos cortantes e perfuradores para fazer xilogravura, fui passando o cadarço de um furo para o outro e de cima para baixo, várias vezes e em diversos pontos. Aperfeiçoei os desenhos. Insisti. Descobri a originalidade. Alguma matemática, pois contava os furos infinitamente (construtivismo). Encontrei os contrastes das sombras.*

A série dos brancos é um exemplo que vem a somar as outras produções concretistas e neoconcretistas realizadas no Brasil, mesmo sendo, cronologicamente, tardia. Como consta na entrevista acima, na qual a artista expõe seu pensamento e explica a razão pela qual ela foi buscar na cultura popular a inspiração para a realização de seu trabalho. A artista, no entanto, segue, trabalha e analisa as formas, e vai ao encontro do construtivismo, de dentro para fora, da tradição para um pensamento que provinha de uma vanguarda europeia, tecendo seus brancos, gravando e pintando com sombras formas originais de uma artista que soube compreender e por em prática o exercício do pensamento antropofágico dos modernistas.

Além deste traço levantado e observado por Chiarelli sobre os artistas que fizeram parte deste recorte da produção da arte brasileira, e que tomei a liberdade de incluir neste seleto grupo a artista cearense Heloysa Juaçaba, também não podemos deixar de perceber a importância de sua produção para a cena local e nacional. Heloysa é detentora de uma obra rica e que também sofreu influências do construtivismo, sendo, portanto, ela também, responsável por importante contribuição a este movimento. Assim, também nos afirma Roberto Galvão (Uma visão da arte no Ceará. Fortaleza: Galeria Inez Fiúza: GRAFISA, 1987.):

> *"(...) Desta mesma geração de artistas, temos Heloísa Juaçaba que, em toda a sua obra, como uma constante, podemos encontrar o fio condutor do construtivismo. Nos barcos, nas paisagens e nas figuras, é possível identificar a estrutura das linhas e dos planos dominando a composição. Nos anos oitenta, essa característica, que era apenas insinuada, explode de forma explícita nos relevos brancos onde a artista trabalha, quase que exclusivamente, com o jogo da luz e da sombra".*

Seguindo pelo curso dos brancos, mas compreendo a produção como quase um naif nos acrescenta uma análise curiosa o crítico Marc Bercowitz. (Os brancos de Heloysa Juaçaba" de Marc Bercowitz, Rio de Janeiro, agosto de 1983):

> *A pureza do branco e a pureza da geometria são elementos essenciais que Heloysa Juaçaba utiliza em suas obras. O resultado, talvez, simplista, mas nunca simplório, merece ocupar um lugar à parte na arte brasileira em geral, e cearense em particular. Heloysa Juaçaba cria uma arte "naif" extremamente sofisticada. Esta afirmação parece contraditória, e até boba. Mas ao meu ver representa a realidade. (...) Ao mesmo tempo, a utilização do despojamento das formas geométricas, e a recusa de aproveitar a alegria por vezes falsa da cor – como também o uso consciente do eco que se ouve do artesanato cearense- demonstram um raciocínio baseado no intelecto.*

Vejam que aqui a análise sobre a obra de Heloysa ganha vozes dissonantes entre os críticos, que titubeiam entre observar ou focar somente o ponto dos elementos que a

artista encontrou ou buscou para a realização de sua obra- o punho de rede- ou mesmo, a ordenação geométrica e matemática de suas construções. Todavia, ressalto que para ler esta obra em sua complexidade plena é preciso ter em mente todo o processo histórico de construção das influências exercidas pelos movimentos de vanguarda no Brasil, e a forma como estas se manifestaram. É preciso observar também que como explicou Chiarelli, estas manifestações tiveram em seus principais expoentes no Brasil uma tênue linha de desvio da forma pré-estabelecida e posta por estas correntes. É o desvio, a traição, a confluência entre traços da cultura do local junto a elementos e postulados de uma cultura europeia, que surge a arte brasileira daquele momento. Heloysa Juaçaba não contradiz esta análise, não foge a rebeldia de tantos outros artistas que na mesma época e pertencentes à mesma geração resignificam as vanguardas europeias no Brasil. Por esta razão é que estes artistas despontam até hoje na História da Arte Brasileira e conseguiram chamar a atenção da crítica internacional. Por isso, a obra de Heloysa Juaçaba está cada dia mais viva e se reinventa, para permanecer presente, no tempo presente, do homem contemporâneo.

## *Referências*

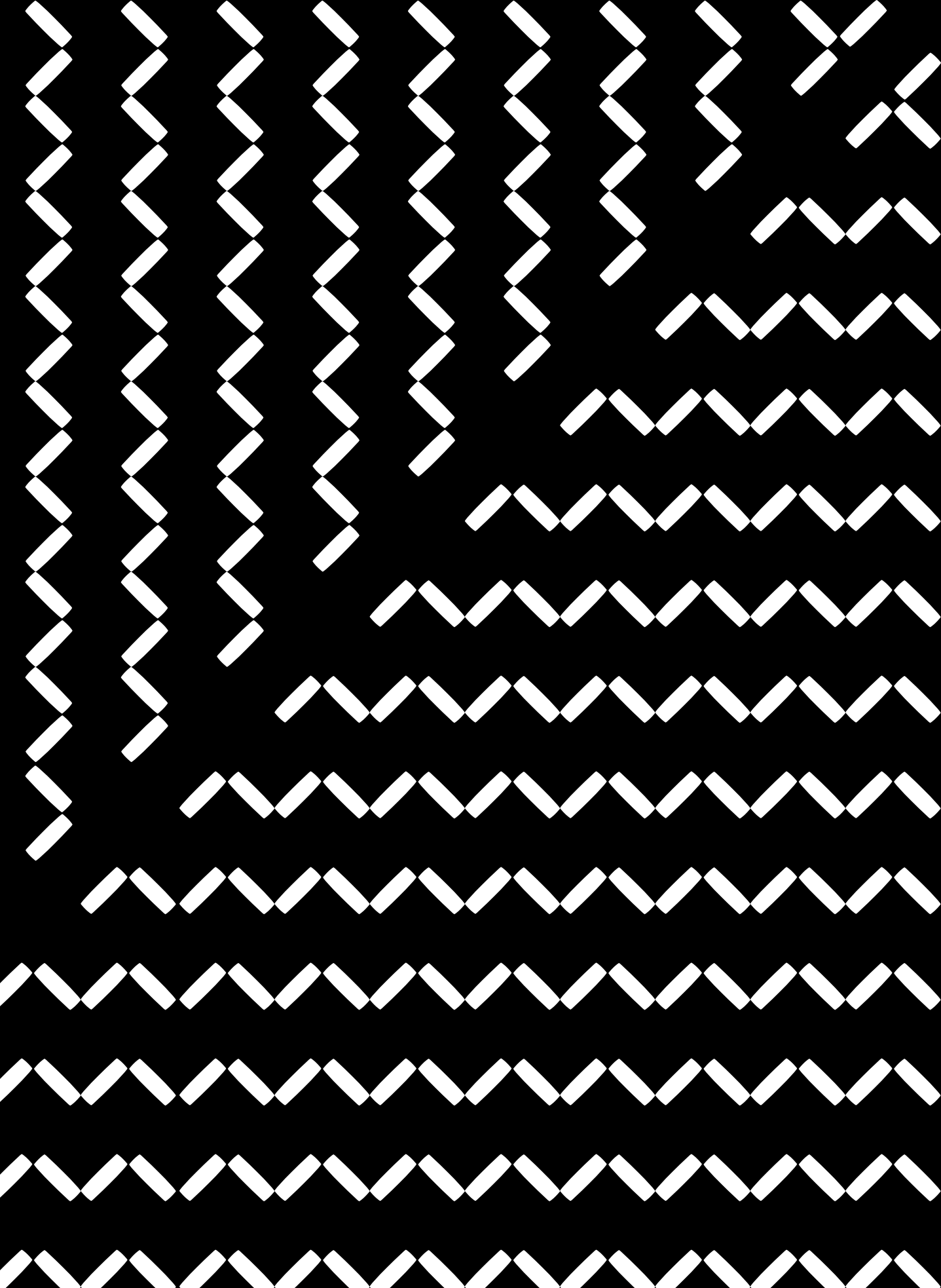
CHIARELLI, Tadeu. Mam (na) oca Arte brasileira do acervo do museu de arte moderna de São Paulo. São Paulo: Copypress, 2006.

COSTA, Cacilda Teixeira da. Arte no Brasil 1950-2000 Movimentos e meios. São Paulo: Alameda, 2004. 2º edição.

RIBEIRO, Solon. O discurso do branco. Fortaleza: Centro Cultural Banco do Nordeste, 2006. Entrevista com Heloisa Juaçaba de autoria do artista e critico de arte Solon Ribeiro.

GALVÃO, Roberto. Uma visão da arte no Ceará. Fortaleza: Galeria Inez Fiúza: GRAFISA, 1987.

BERCOWITZ, Marc. Os brancos de Heloysa Juaçaba. Rio de Janeiro, agosto de 1983.



Solon Ribeiro

# *O discurso do branco*

Com um gestual preciso e uma simplificação extrema da forma, Heloisa Juaçaba tece espaços para jogos construtivistas, onde cada elemento seja linha, espaço e cor se apresentam como expressão da essência do ser das coisas.

O projeto estruturado pela artista se mostra como uma possibilidade de combinação de signos limitados e repetíveis "um gesto depois de outro". Trabalhando quase exclusivamente a cor branca e o cordão de punho de rede, material representativo da tradição indígena na cultura Cearense, aliado a uma concepção de ordem puramente geométrica, a artista elabora jogos onde conhecimentos, memória, imaginação e paciente trabalho artesanal, expressão não apenas de um sistema de composição relacional, mas um encontro do objetivo ou racional com o subjetivo, capaz de estimular o sentido e o espiritual.

A palavra branca vem do germânico blank (brilhante), simboliza a luz, para Malevitck, o criador do suprematismo, a cor branca faz referencia ao todo, um estado puro e paradisíaco de imaterialidade.

Heloisa Juaçaba, através de uma intuição privilegiada a serviço da invenção constrói labirintos que vão do branco ao mesmo branco, atingindo assim a pura luminosidade.

Por Solon Ribeiro

# *Entrevista*

**Como foi seu 1º contato com as Artes Plásticas?**
Meu convívio com as artes aconteceu, realmente, depois de meu casamento com o médico Haroldo Juaçaba (1948). Foi ele que teve um papel importante no desenvolvimento de minhas tendências artísticas, pois notando que tinha interesse pela pintura, desenho, (algumas vezes me encontrou fazendo rabiscos em cadernos de desenho), me deu de presente um cavalete, tintas e pincéis. O médico e pintor Raimundo Vieira da Cunha, amigo da família, foi meu primeiro orientador. E, inicialmente, com minha inclinação para o desenho a lápis, fazia rostos, fisionomias.

**Em 1950 , a Senhora freqüentava a SCAP- Sociedade Cearense de Artes Plásticas. Qual a importância desta entidade para a sua formação?**
Frequentei a SCAP por pouco tempo, mas tive oportunidade de conhecer grandes pintores e escritores. A SCAP foi fundada por escritores que faziam parte do grupo CLÃ, entidade que realizava um movimento cultural muito ativo e animador, talvez maior do que a dos artistas pintores, como Fran Martins, Antônio Girão Barroso, Braga Montenegro, Aluízio Medeiros e, por pintores e profissionais ligados às artes; Raimundo Vieira da Cunha, Barbosa Leite,Estrigas (Nilo Firmeza), Mário Baratta. A SCAP era quase uma filosofia. Reuníamos-nos para conversar sobre arte, para produzir. Recebi influência maior quando foi organizado um "Curso Livre de Pintura", em 1950, tendo como professor o grande pintor João Maria Siqueira. Hermógenes Silva também dava aulas. Lembro-me das tardes de pintura ao ar livre, das sessões no atelier do Estrigas, no Mondubim. Havia uma efervescência. Surgiram então: Raimundo Campos, Dayse Montenegro, Lúcia Galeno, Arrais, Estrigas, Maria Nice, e outros.Também da SCAP, lembro que quase todos os artistas de Fortaleza receberam de Mário Baratta influência inapagável: Mário era inquieto, idealizador, infatigável. Foi um grande pintor.

**Em 1961, a Senhora participa da exposição de inauguração do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, e em 1963 expõe na inauguração do Museu de Arte Popular do Unhão da Bahia e no Museu de Arte Moderna da Bahia. Poderia falar desses acontecimentos?**
O Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará -UFC, procurou atender à necessidade de dotar o sistema educacional desta Universidade, com um processo suplementar capaz de atender –a um nível mais especializado – as aspirações artísticas-culturais da comunidade.
Dr. Antônio Martins Filho, falando sobre a criação deste Museu de Arte, diz: *"Graças à prestimosidade de Floriano Teixeira, a idéia do Museu de Arte, já anteriormente ventilada pela*

*Senhora Heloisa Juaçaba, transformou-se em esplêndida realidade".* (Catálogo da inauguração) Quanto ao Museu de Arte Popular do Unhão , o resultado social desta inauguração foi a valorização da verdadeira arte popular brasileira, a mais pura retratação da alma nativa. Foi importante porque valorizou a arte popular no Brasil inteiro e, por ter me despertado e motivado para uma futura criação de um Museu de Arte Popular no Ceará, na Emcetur. O Museu de Arte Moderna da Bahia tornou-se um exemplo para todo o país, pois incentivava tanto artistas renomados como iniciantes. Foi uma honra ter exposto neste Museu que, anteriormente, já tinha mostrado trabalhos de Roberto Burle Marx, Calasans Neto, Hélio Oliveira (gravador), o pintor primitivo paulista Agostinho Baptista de Freitas (eletricista) ao lado do pintor primitivo baiano João Alves (engraxate), Antônio Bandeira e Cícero Dias (dois abstracionistas) e Aldemir Martins .

**Em 1967, a Senhora inaugura em Fortaleza, o Centro de Artes Visuais, que posteriormente passa a ser a Casa de Cultura Raimundo Cela. Poderia falar desse período?**

O Centro de Artes Visuais, hoje Casa de Cultura Raimundo Cela foi fundada com a intenção de haver um espaço para todas as manifestações artísticas que trafegaram e no momento transcendem o que se convencionou chamar Artes Plásticas.

Contamos com grandes colaboradores, como nosso amigo baiano (meu e de Haroldo) Clarival do Prado Valadares, médico, escritor, poeta, historiador e crítico de arte, que elaborou a programação inicial da casa. Essa programação enfatizava a realização de cursos para jovens iniciantes no aprendizado da arte, palestras realizadas por artistas e críticos de arte vindos de outros estados e exposições..

Alguns dos artistas e críticos de arte que aceitaram o convite do Prof. Raimundo Girão, Secretário de Cultura, foram: Clarival do Prado Valadares, José Roberto Teixeira Leite, Jacob Klintowitz, Walter Zanine, Roberto Pontual, Frederico de Morais, Olívio Tavares de Araújo, (três vezes), Valmir Ayala, Goebel Weyne, Bruno Tauz, que deu o curso "A Cor na Era da Comunicação" , Misabel Pedrosa (ministrou 3 cursos de gravura), Carlos Cavalcante, que deu um curso de "História da Arte", realizado no Auditório da Universidade Federal, gentilmente cedido por Dr. Antônio Martins Filho, em 1971. De Fortaleza , entre outros, deram cursos Jean Pierre Chablot, Terry Kay Araújo (cerâmica), Tarcísio Felix (3 cursos de pintura), Zenon Barreto, Simone Otoch (curso infantil), e Ricardo Videla (escultura).

Desta maneira a Casa de Cultura Raimundo Cela ajudou os artistas que tentavam a busca de suas identidades profissionais. A comercialização da obra de arte nesse período coincidiu com grandes transformações sociais e culturais que ocorriam em nosso país e no

mundo. E o mesmo acontecia na formação dos artistas. Público, jornalistas apoiavam as exposições ali realizadas, e as vendas de obras de arte aconteciam. Nosso objetivo era esclarecer as pessoas e organizar exposições para que elas vissem que estava surgindo no Ceará uma nova geração de artistas, capazes de construir uma arte comprometida , e até mesmo ousada no seu tempo.Eles precisavam receber estímulo porque eram pessoas interessadas, artistas que estavam recebendo uma educação de profissionalização. Nossa intenção era jogar células de uma idéia, esperando que elas proliferassem. E elas se desenvolveram maravilhosamente bem, com grandes nomes, alguns projetados nacionalmente: Sérgio Lima, Roberto Galvão, José Guedes, Tarcísio Felix, Sergei de Castro, Gilberto Cardoso, Aderson Medeiros, Alberon, Sigberto Franklin, Eduardo Eloy, César Gabriele, Jane Lane, Pedro Eymar, Fausto Nilo, Costa Júnior, Descartes Gadelha, Kleber Ventura, Marcus Jussier, Carlos Morais, Caio Saraiva, Antônio Carvalho Neto, Norma Caracas, Celeste Meira, Hipólito Araken, Rodolfo Markan, José Ximenes, Olavo Vasconcelos, José Fernandes, J. F Amora, Góis, Breno Albuquerque, Stênio Diniz, Regina Cavalcante, J. Pinheiro, Ferreira do Ceará, Isaías Silva, Marcos Francisco Alcântara, Joaquim de Sousa, João Jacques Ferreira Lopes, Salete Rocha, Epaminondas Florêncio da Rocha, Hipólito Rocha Júnior (Potinho), só para citar alguns. A Casa Raimundo Cela realizou nove "Salão de Artes Plásticas", e vale recordar que o 1º Salão realizado no Colégio Militar de Fortaleza foi feito um catálogo especial, em homenagem ao Antônio Bandeira.

**A Senhora pertence a uma geração da qual fazem parte artistas como Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Zenon Barreto, Sérvulo Esmeraldo, Estrigas, geração esta responsável pela introdução do modernismo no Ceará. Poderia tecer comentário sobre esse momento?**

Este movimento foi se solidificando com o tempo, porque não teve uma escola de modernismo no Ceará propriamente dita. Mas mesmo de longe, Antônio Bandeira é responsável direto sobre o modernismo no Ceará. Lembro que além dos artistas citados, Floriano Teixeira foi o professor que desenvolveu o cubismo no Ceará, e nesta época tive a oportunidade de tê-lo como professor.

**Em 1983, além de participar do Panorama da Arte Atual Brasileira no MAM em São Paulo, a Senhora realiza Relevos Brancos sobre branco, construídos com punho de rede sobre eucatex. Qual o ponto de partida para a realização destes trabalhos?**

O ponto de partida para os Relevos Brancos, foi a minha constante paixão pela arte popular brasileira. Observando as lojas que existiam na parte baixa do Antigo Mercado Central, no Centro, encontrei um cadarço de trama muito original e, perguntando ao dono da lojinha, ele foi logo me explicando a origem: "algodão

do pé e é chamado de punho de rede". Tinha em minha casa um eucatex perfurado, e usando um jogo de instrumentos cortantes e perfuradores para fazer xilogravura, fui passando o cadarço de um furo para o outro e de cima para baixo, várias vezes e em diversos pontos. Aperfeiçoei os desenhos. Insisti. Descobri a originalidade.Alguma matemática , pois contava os furos infinitamente (construtivismo). Encontrei os contrastes das sombras.
Tudo perfeito, mas faltava o final. Tinta branca fosca. Pintei com pincel largo. "_Resultado fantástico", disseram Aldemir e Sérvulo. Foi quando Sérvulo Esmeraldo me pediu para fazer uma exposição com os quadros brancos na sua Arte Galeria, em setembro de 1983.

**A Senhora diz não obedecer a métodos, nem esquemas para suas construções, mas existe uma idéia preestabelecida?**

Quem faz pesquisas, descobre algo diferente. A experiência consciente com diversos materiais, como pintura a óleo, aquarela, lápis, pastel, têmpera (tive essa experiência com Floriano Teixeira, que me convidou para ajudá-lo no painel da Sul América em Fortaleza), oferece uma gama de soluções que o artista espera do seu trabalho, tendo como base o desenho.

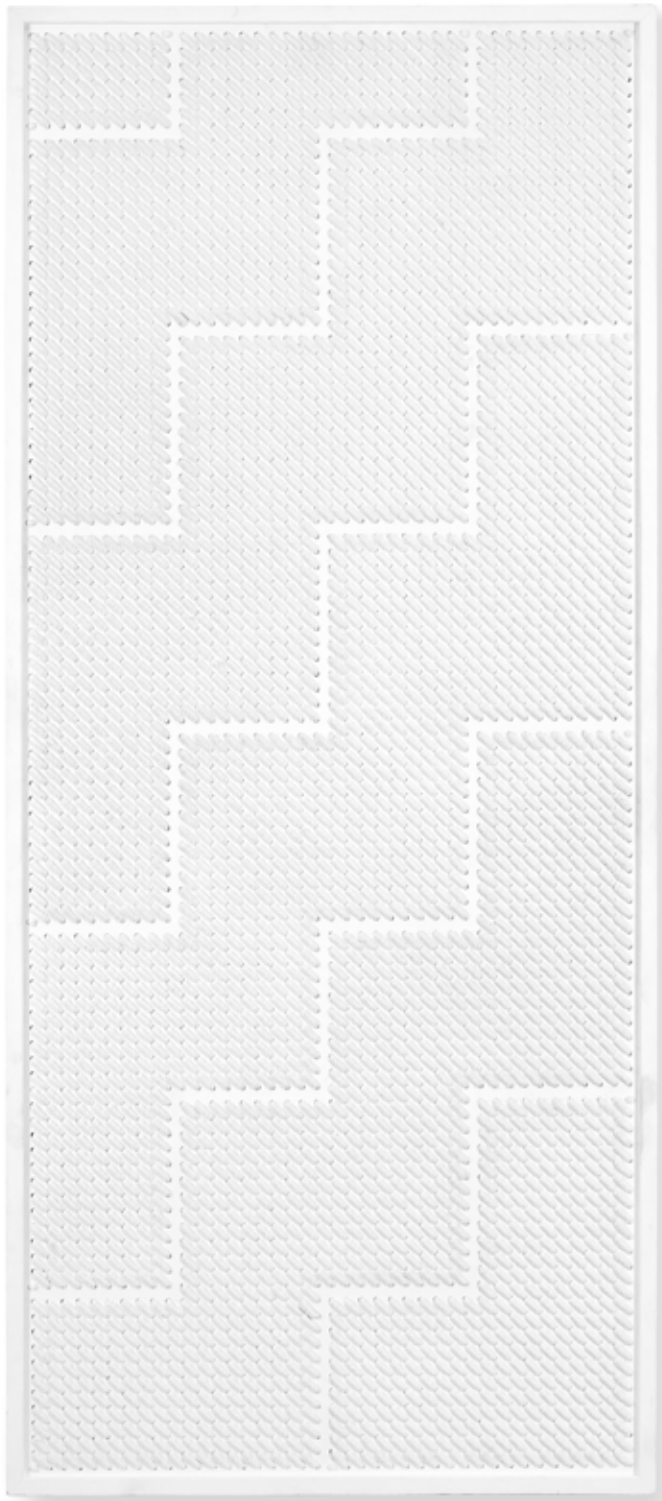
Entretanto, somente em nossa contemporaneidade e a partir dos incentivos para novos meios de criação (ou comunicação), como spray , máquinas fotográfica, computação, o argumento de uma idéia preestabelecida torna-se para o artista, vivendo dentro desta "poderosa atmosfera de liberdades" a difícil garantia de uma idéia almejada. "*A obra de arte que transpõe para o transcendental do artifício elimina de todo as motivações líricas do mundo físico*", como diz o mestre Dr. Clarival do Prado Valadares.

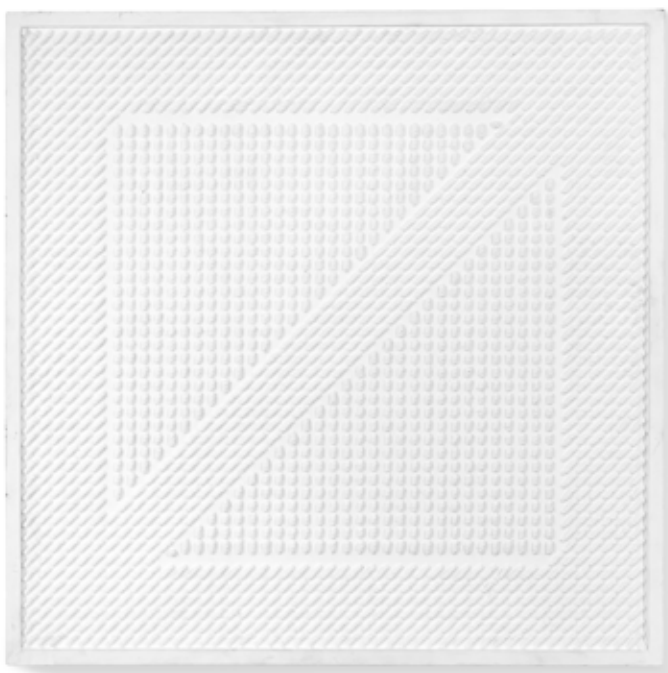
**Por que a escolha da cor branca?**

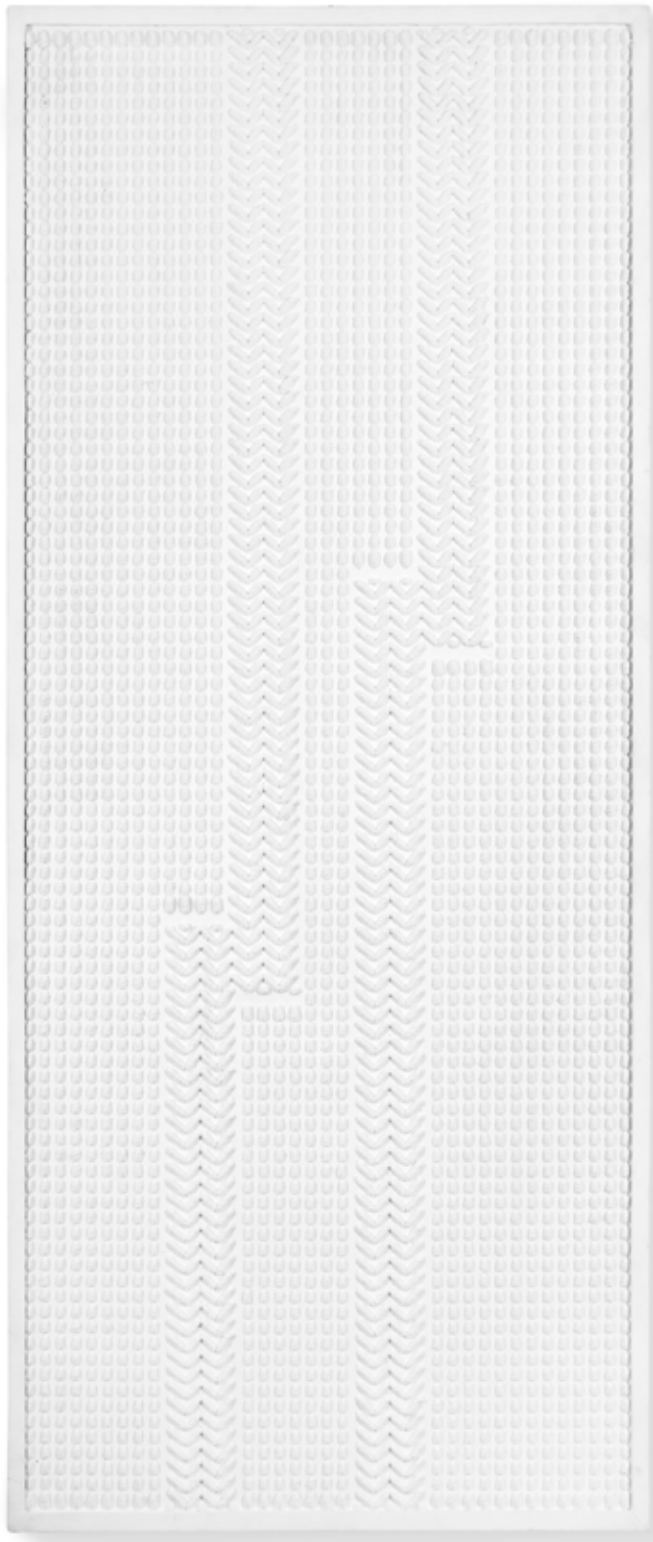
Para mim, o branco é uma mensagem de paz. E o meu saudoso amigo João Jacques Ferreira Lopes, em de 1985, fala poeticamente sobre esta minha criação, e transcrevo alguns trechos em sua homenagem : "Heloisa fia com material de punhos de rede e nisso está o seu amor à terra e a sua gente. Elabora toda uma geometria de efeitos múltiplos sobre tábuas perfuradas, dando vazão ao seu espírito de pesquisadora, de garimpeira de filões novos, de insatisfeita com todas as técnicas já exploradas. Deu amor ao branco, mostra a pureza de seu coração... Tenho a certeza de que o branco é silêncio ou voz invisível e, ao mesmo tempo, oratória e eloqüência em ondas curtas. E quem tem olhos de prisma, descobre nele a subjacência de todas as cores. O branco é expectativa de uma surpresa, é limpeza, translucidez, nuvem do céu, bruma da tarde. A bandeira da paz". ◥

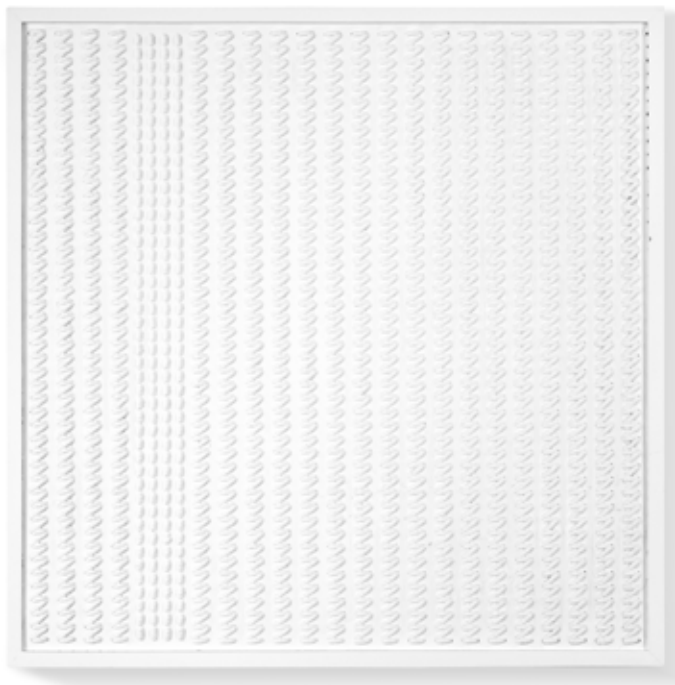
# os
# an

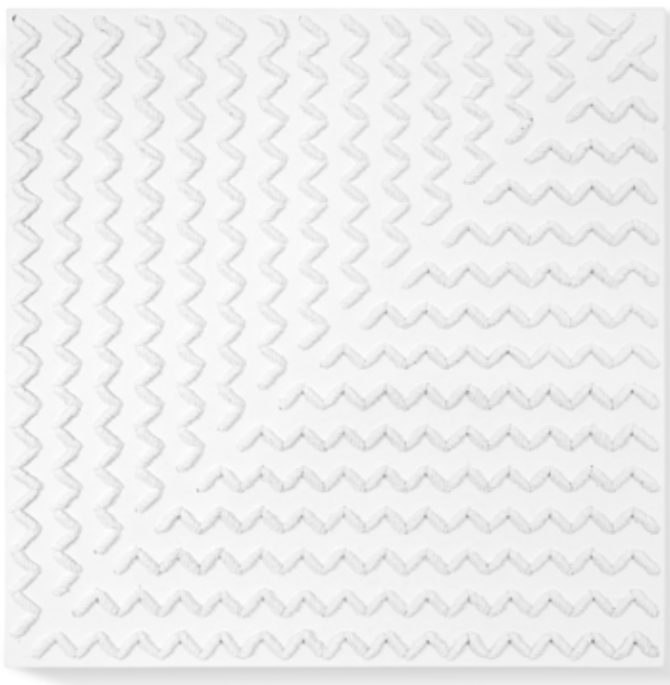
*de Heloysa*

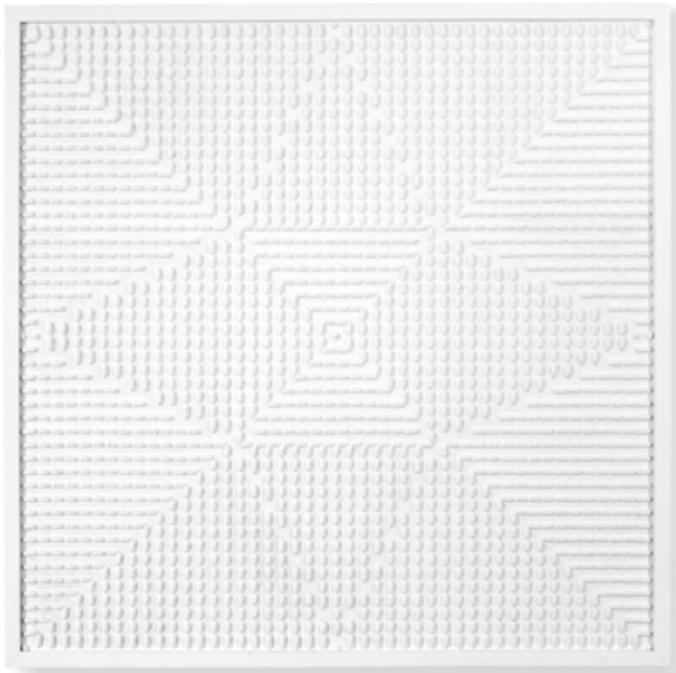












# *Linha do tempo*

*Heloysa e sua irmã Edith.*

## *anos 20*

Na década de 1920, no Sítio Cana Brava, na Serra de Baturité, em Guaramiranga, cercado de palmeiras imperiais, entre o colorido das flores e o verde da serra, nasce a menina Heloísa Holanda Ferreira, que mais tarde se tornaria Heloysa Ferreira Juaçaba, a "madrinha das artes", em solo alencarino.

***Imagens***
*Acervo Particular de D. Heloysa Juaçaba*
*MAUC: www.mauc.ufc.br | http://festaleza.blogspot.com.br/2010/08/blog-post.html | www.salaodeabrilfortaleza.com.br*
*VASCONCELOS, Tânia. Arte Pública de Fortaleza. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2003.*

***Colaboração*** *Eliene Magalhães Santos*

## *anos 30*

Na escola Heloysa já apresentava talento para as Artes Plásticas.

*Tempos da Escola Normal Pedro II, atual Justiniano de Serpa com as amigas da esquerda para à direita Heloysa, Yolanda Carvalhedo, Elvira Gomes e Bianca Menescal.*

A menina Heloísa vive a sua infância entre os pés de cafés do sítio Cana Brava, lugar que a inspiraria muitas de suas produções nos anos seguintes.

*Imagens do Sítio Cana Brava, em Guaramiranga. Foto - Ana Vírginia (1992).*

*Sítio Cana Brava representado por Heloysa Juaçaba.*

**1948** - Em Fortaleza, Heloysa Juaçaba casava-se com o médico Haroldo Juaçaba. Referência na medicina no Estado do Ceará, intelectual, cientista e um dos fundadores do Instituto do Câncer do Ceará (ICC), foi o maior incentivador da carreira artística de sua esposa, bem como da participação desta como voluntária nas atividades ICC.

*Heloysa Juaçaba na década de 40.*

*Heloysa e Haroldo Juaçaba.*

## *anos 40*

*Heloysa Juaçaba com seus pais e irmãos.*

*As sete irmãs Holanda Ferreira de Cana Brava. Da esquerda para à direita: Edith, Norma, Maria de Lourdes, Maria Augusta, Maria Stella, Alba e Heloísa*

*À esquerda, D. Heloisa e Dr. Haroldo no gabinete de estudo - encontro entre arte, literatura e medicina fizeram deles um exemplo de casal unido pelo o amor e pela intelectualidade. À direita, D. Heloysa e Dr. Haroldo Juaçaba entre os cinco filhos. Da esquerda para direita: Marta, Ana Virginia, Jorge e Sérgio e Célia.*

## anos 50

**1952 -** I Salão dos Novos Prêmio de Pintura. Primeiras obras da fase cubista.

*Mulher com bandolim, década de 1950.*

*A Enfermeira. Década de 1950.*

**1953** - Participou do IX Salão de Abril.

**1954** - Participou do 3º Salão dos independentes, Fortaleza/CE. Heloysa retrata sua mãe "Hermínia Holanda Ferreira", no estilo acadêmico, pintura que deixa a genitora feliz e orgulhosa do talento artístico da filha. Heloysa conta que a representação pictórica foi realizada a partir de minúsculo retrato de sua mãe.

*Retrato de d. Hermínia Holanda Ferreira, em estilo acadêmico, em 1954.*

**1956** - Participou da XII edição do Salão Municipal de Abril.
Frequentou o curso livre de desenho e pintura no Museu de Arte de Louisiana, Nova Orleans.

**1958** - Participou da XIV edição do Salão Municipal de Abril.

**1959** - Participou de uma exposição coletiva na Cecile Art Gallery, em Nova York/EUA.

**1961 -** Inauguração do Museu de Arte da UFC. Heloysa Juaçaba integrou a comissão organizadora, juntamente com o reitor Martins Filho e outros parceiros da arte.
Membro Fundadora da Sociedade Amigas do Livro - SAL.

*Rachel de Queiroz em palestra da SAL, proferida na residência do casal Dr. Haroldo e Heloysa Juaçaba.*

*Família Juaçaba na década de 1960: Marta, D. Heloysa, Dr. Haroldo, Ana Virgínia, Jorge, Célia e Sérgio.*

## *anos 60*

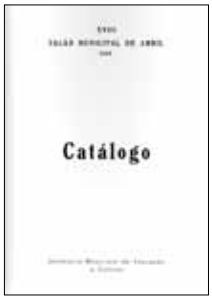
**1962 -** Expôs no Museu de Arte Moderna da Bahia - Salvador

**1966** - Foi criada, no Ceará, a 1ª Secretaria de Cultura do Brasil, tendo como primeiro secretário o Historiador Raimundo.

**1967 -** Foi nomeada membro do Conselho Estadual de Cultura. Fundou o Centro de Artes Visuais - Casa de Cultura Raimundo Cela. Dentre os colaboradores, estavam o historiador Raimundo Girão e o historiador e crítico de Arte Clarival do Prado Valladares.

*Crítico de Arte Clarival Valladares e o historiador Raimundo Girão.*

**1968** - Expôs no Museu Nacional de Belas Artes - São Paulo. Participou da XVIII edição do Salão Municipal de Abril.




*Capa do Catálogo do XVIII Salão Municipal de Abril*

**1969** - Expôs na Galeria Goeldi - Rio de Janeiro. Foi nomeada diretora do Departamento de Cultura da Prefeitura de Fortaleza. Organizou, juntamente com a bibliotecária D. Conceição Souza Barreira, a Biblioteca Municipal Dolor Barreira. Organizou da publicação do livro comemorativo do 243º aniversário da cidade de Fortaleza.

*A exposição na Galeria Goeldi foi notícia nos principais jornais do país prestigiando a jovem pintora.*

**1970** - Como diretora do Departamento de Cultura da Prefeitura de Fortaleza participou da comissão organizadora e do Júri do XX Salão Municipal de Abril. Participou do processo de organização do Museu de Arte Sacra São José de Ribamar, em Aquiraz/CE e da reorganização do Museu Diocesano de Sobral - Dom José Tupinambá da Frota.

*Capa do Catálogo do XX Salão Municipal de Abril.*

*O XX Salão de Abril contou com a presença de Aldemir Martins, Heloysa Juaçaba, Antônio Girão Barroso, Manuel Albano Amora, Mário Baratta e Miguel Martins (pai de Aldemir*

*Heloysa Juaçaba na abertura do XX Salão Municipal de Abril. À sua direita o prefeito José Walter e Manuel Eduardo Pinheiro Campos. Fotos do Acervo de Heloysa Juaçaba.*

## *anos 70*

**1971** - Exposição individual no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, composta por 20 pinturas a óleo subdividida em três categorias: vegetação, marinhas e figuras.

*Maria Emydia Cantídio, Adauto Bezerra, Lídia Bezerra, Heloysa Juaçaba, Walter Cantídio, Helena e Temístocles Macedo na abertura da exposição no MAUC.*

*Capa do Catálogo da Exposição.*

*Marinha apresentada no catálogo da exposição. Fonte: http://www.mauc.ufc.br*

**1972** - Participou do XXII Salão de Abril. Prêmio de Aquisição: Pintura – *Marinha* nº 14**.** Participação na exposição "Brasil Plástica 72", inaugurada no pavilhão da Bienal de São Paulo, na qual é premiada com painel seguinte, no qual Heloysa gravou nomes de outros artistas cearenses no relevo branco feito de isopor. Organizou a Pinacoteca do Palácio da Abolição. Coordenou a publicação do livro "88 Anos de Abolição no Ceará" e a mostra coletiva de artistas cearenses sobre o mesmo tema na Casa de Cultura Raimundo Cela.

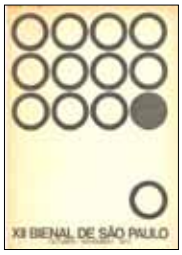
*Painel em relevo branco feito de isopor.*
*Fonte: Revista Veja, Ceará Rumo à Bienal, 1972.*

## *anos 70*

**1973**
Foi reconduzida ao segundo mandato no Conselho Estadual de Cultura.
Criação e idealização do Museu de Arte e Cultura Populares do Ceará, situado na Empresa Cearense de Turismo – EMCETUR, com a preocupação de "divulgação das culturas regionais". A artista doou cerca de 1000 peças para o acervo de cultura popular deste museu.
Participação na XII Bienal de São Paulo.
Organizou o 4º Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará.

*Capa do Folder do Museu.*

*Prédio da EMCETUR, onde funciona o Museu de Arte e Cultura Populares do Ceará.*
*Fonte: http://www.emcetur.com.br/emcetur.com.br/historiadaemcetur*




*Cartaz da XII Bienal de São Paulo Fonte: http://www.bienal.org.br*

*Estados brasileiros presente no 4º Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará, em 1975: Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará, Maranhão, Piauí.*

**1974** - Participou da Bienal Nacional - São Paulo/SP

*Diploma de Participação na Bienal Nacional 1974.*

**1975** - Participou da Sala Especial em homenagem aos artistas da SCAP da XXV edição do Salão Municipal de Abril com outros scapianos.
Expôs na Galeria de Aliança Francesa da Tijuca - Rio de Janeiro/RJ.
Publicou o Catálogo da Pinacoteca do Estado.
Organizou a Pinacoteca do Paço Municipal- Prefeitura Municipal de Fortaleza e coordena a publicação sobre o acervo desta Pinacoteca.
Organizou várias exposições na Galeria Raimundo Cela.

*Heloysa Juaçaba e Floriano Teixeira . A influência cubista de Heloysa foi por meio deste professor na SCAP. Também foi seu professor José Maria Siqueira.*

## *anos 70*

*Heloisa Juaçaba entre os alunos-artistas novos e experientes do Centro de Artes Visuais – Casa de Cultura Raimundo Cela.*

*Capa do catálogo do XXVII Salão de Abril*

*Capa do catálogo do XXVIII Salão de Abril.*

**1976** - Participou da Comissão de Seleção da XXVI Edição do Salão de Abril.

**1977** - Participou da Comissão de Seleção e Premiação da XXVII edição do Salão de Abril.

**1978** - Organizou o VI Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará.
Participou da Comissão de Seleção e Premiação da XXVIII edição do Salão de Abril bem como da Sala Especial com outros artistas.

**1979** - Participou da exposição Visão Objetiva da Pintura Cearense- Paço das Artes/SP.
Participou da Comissão de Seleção e Premiação da XXIX edição do Salão de Abril, bem como da Sala Especial com outros renomados artistas.

*Capa do catálogo do XXIX Salão de Abril*

**1980** - Organizou o VII Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará.
Participou da Coletiva "Dez artistas cearenses" no Maranhão.

**1981** - Expôs na Galeria Artimagem- Recife/PE.

**1982** - Participou do projeto em homenagem à SCAP na Hoje Galeria de Artes Plásticas e Popular. Este projeto, além da exposição, promoveu debates com os scapianos abertos ao público.
Organizou o VIII Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará.

*Capa do catálogo da Hoje Galeria de Artes Plásticas, onde havia o seguinte depoimento de Heloysa Juaçaba: "A Sociedade Cearense de Artes Plásticas foi uma grande e frondosa árvore que abrigou um punhado de gente. (...) Essa árvore abrigou Bandeira, Floriano, Aldemir, Zenon, Siqueira, Barata, Sérvulo Esmeraldo, Estrigas, Nice, Hermógenes e esta eterna amante da arte cearense".*

## *anos 80*

**1983** - Colaborou na organização da mostra Panorama da Arte Atual Brasileira MAM- São Paulo/SP.
Expôs na Arte Galeria - Fortaleza/CE, com a curadoria de Dodora Guimarães. Primeira vez que expôs os "Brancos".

Heloysa Juaça

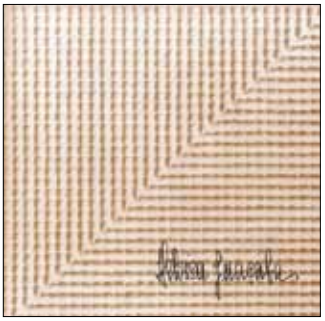
criando na pureza do branco

*Matéria sobre a exposição publicada no Diário do Nordeste em 23/09/ 1983.*

**1984** - Participou da comissão organizadora do IX Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará

*Capa do catálogo do IX Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará*

**1985** - Exposição individual "Relêvos" na Galeria ASSEFAZ.



*Capa do catálogo da exposição "Rêlevos".*

*Foto do interior do catálogo.*

**1987** - Participou de uma exposição coletiva de artistas cearenses em Montevidéu - Uruguai.

**1988** - Passou a coordenar no Ceará o Sistema Nacional de Museus.

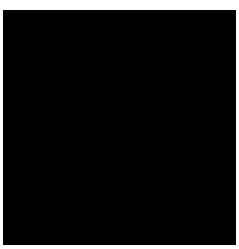
*Família Juaçaba: Dr. Haroldo Juaçaba, Marta, Sérgio, Jorge, Célia, D. Heloysa e Ana Virgínia.*

## *anos 80*

**1989** - Juntamente com Gilberto Cardoso, Roberto Galvão e José Guedes elaborou o projeto "Fortaleza Tempos de Guerra", que consistia em uma exposição coletiva e na publicação de um catálogo. O projeto teve por objetivo "situar um momento histórico que provocou significativas transformações na cidade e no seu povo" e contava com textos de intelectuais sobre a temática.
A artista foi homenageada com o Troféu Sereia de Ouro, do Sistema Verdes Mares de Televisão, pelos serviços prestados à cultura cearense.

*Heloysa Juaçaba recebendo o troféu Sereia de Ouro.*

*Capa do catálogo do projeto Fortaleza Tempos de Guerra*



*O troféu Sereia de Ouro.*

**1990** - Participou de uma coletiva na Galeria Ignês Fiúza.

**1991** - Participou da Exposição em homenagem aos 50 anos da Scap " Scap 50 anos". Uma homenagem do Grupo Clã, organizada por Paulo Lima e Ocilma Lima no Salão Juazeiro do Imperial Othon Palace.

*Capa do catálogo da exposição "Scap 50 anos".*

**1992** - Exposição "Heloisa Juaçaba e Zé Pinto" - Galeria Antônio Bandeira - FUNCET. Neste ano, a galeria ficava no Passeio Público. Curadoria no Ceará da Exposição "Arte Popular" para o ECO 92 Museu de Arte Moderna - Rio de Janeiro.

*Catálogo da exposição "Heloisa Juaçaba e Zé Pinto".*

## *anos 90*

**1996** - Participou da exposição coletiva "Criações recentes" na Art Galery, Ibeu-CE, com Gilberto Cardoso.

**1997** - Teve uma de suas obras no Parque das Esculturas, localizado às margens do Riacho Pajeú, patrocinado pela Câmara de Dirigentes Lojistas- CDL, com o apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

**1998** - Exposição Individual "Arquitetemas" - Galeria Arte Visual.

*Gilberto Cardoso, Claudio Pereira e Heloysa Juaçaba.*

*Escultura "Abstração"*
*Fonte: VASCONCELOS, Tânia. Arte Pública de Fortaleza. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2003.*

*Heloysa Juaçaba e o curador da exposição, José Guedes.*

**2001** - "Branco e Marinhas" – Exposição Individual no Centro Cultural Oboé - Fortaleza.

*D. Heloysa e Dr. Haroldo Juaçaba.*

**2002** - D. Heloísa Juaçaba foi homenageada pela Fundação de Cultura, Esporte e Turismo – FUNCET – com a Medalha Jean Pierre Chabloz, por ocasião do 53º Salão de Salão de Abril.

*Medalha recebida das mãos do então prefeito de Fortaleza Juraci Magalhães.*

*Heloysa Juaçaba e José Maria Barros Pinho (Funcet).*

## *anos 00*

**2003** - Foi homenageada com a "Sala Heloysa Juaçaba" pelo Centro Cultural Oboé-Fortaleza.

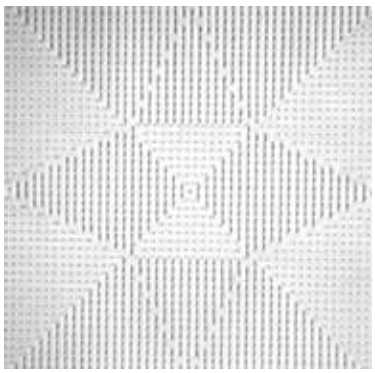
**2004** - Foi homenageada com a placa de Honra ao Mérito durante o evento do 4º Prêmio Cultural Mário Baratta de Pintura – Centro Cultural Praia de Iracema.
Expôs na Galeria Vicente Leite - "Diafragma"- Faculdade 7 de Setembro - Fortaleza. Nesta exposição foram homenageadas as Heloysa Juaçaba e Nice Firmeza. Curadoria: Dante Diniz.

**2005** - Depois de um longo período afastada do tradicional Salão de Abril, a artista veterana retornou surpreendendo os artistas contemporâneos. No meio de vídeos e instalações a pintura geométrica de Heloysa foi premiada como todos os demais selecionados.

*Inauguração da Sala Heloysa Juaçaba. Na primeira foto com Lúcio Alcântara e Newton Freitas, diretor-fundador do Centro Cultural Oboé.*

*Composições geométricas I e II, selecionadas para o 56º Salão de Abril.(técnica acrílica sobre tela)*

**2006** - Foi homenageada pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará como uma das 40 Personalidades das Artes e da Cultura do Estado do Ceará, por ocasião da Comemoração dos 40 anos da SECULT-CE.
Foi realizada a exposição "Discurso do Branco" no Centro Cultural Banco do Nordeste, com a curadoria de Solon Ribeiro, que ressalta: "Heloysa Juaçaba através de uma intuição privilegiada a serviço da invenção, constrói labirintos que vão do branco ao mesmo branco, atingindo assim a pura luminosidade".



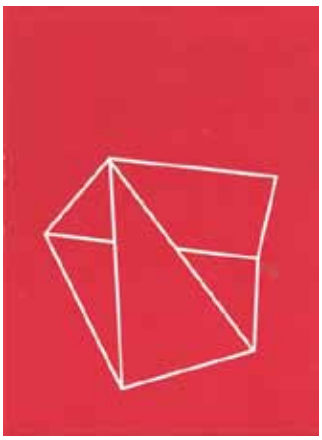


*Obras expostas no Centro Cultural Banco do Nordeste.*

## *anos 00*

**2007** - A exposição "Juventude Dourada", de curadoria de Roberto Galvão, realizada no Centro Cultural Banco do Nordeste, homenageou Heloysa Juaçaba – O recorte da mostra foi os anos 60 e 70, décadas de ouro para a formação de jovens artistas cearenses.
Foi homenageada com a Exposição "Percursos" – "retrospectiva dos últimos 20 anos de sua criação artística" com a organização e curadoria de Ignez Fiuza.

*Roberto Galvão e Heloysa Juaçaba*



*Catálogo da exposição - capa de José Guedes que também idealizou um troféu ofertado pela Galeria La Bohème a D. Heloysa Juaçaba.*

*Troféu*

*Matéria veiculada no Jornal O Povo, no caderno Vida e Arte em 31/05/2007.*

**2008** - Ocupou o cargo de presidente nacional no biênio 2006-2008 da Rede Feminina Nacional de Combate ao Câncer, cuja Rede Feminina do Instituto do Câncer do Ceará foi criada por ela e um grupo de mulheres voluntárias em 1954.
Foi produzido um DVD em homenagem a D. Heloísa pela TV Assembleia e pela TV Unifor.
Foi homenageada, juntamente com outros 10 artistas cearenses, em uma coleção didática publicada em fascículos sobre suas trajetórias, por ocasião da comemoração dos 80 anos do Jornal O Povo.

*Da esquerda para a direita: Luiz Carlos Sabadia, Heloysa Juaçaba, Sérvulo Esmeraldo, Luciana Dummar e Zé Tarcísio, no lançamento de 10 fascículos de obras dos artistas cearenses.*

*Fascículo publicado pelo jornal O Povo.*

## *anos 00*

**2010** - O Museu de Arte Contemporânea (MAC-PE), na cidade de Olinda, recebeu a exposição "Construtivismo & Abstracionismo", uma retrospectiva da artista cearense Heloysa Juaçaba, a convite da Diretora do museu, Célia Labanca. Participou da coletiva "Arte Abstrata: Quatro Gerações", que teve a curadoria de Roberto Galvão. A exposição apresentou o abstracionismo dos artistas de diferentes gerações: Heloysa Juaçaba, Sérgio Lima, José Guedes e Alexandre Chaves. A mostra coletiva foi realizada no Espaço Cultural Porto Freire.

*Heloysa Juaçaba na abertura da Exposição. Imagem disponível em: http://festaleza.blogspot.com.br/2010/08/blog-post.html. Acesso em: 22/05/2012*

*Obra da exposição "Construtivismo & Abstracionismo": "Marinha Contemporânea", 2011.*

*Capa do convite da Exposição "Arte Abstrata: Quatro Gerações".*

**2011** - Por ocasião do cinquentenário do MAUC, Heloysa Juaçaba, juntamente com outros que participaram da comissão organizadora do museu e os pioneiros nas exposições, foi homenageada com uma medalha e uma placa comemorativa. Foi uma das homenageadas pelo artista Fernando França na exposição "Diálogos", no Centro Cultural Dragão do Mar. A XVI Unifor Plástica, com o tema "Educação pela Arte" e curadoria de Pablo Manyé homenageou a artista. No mesmo ano o Centro Cultural Banco do Nordeste realiza o projeto "Acervo Aberto" com obras da artista.

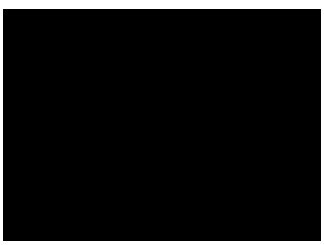
*Homenagem do MAUC aos colaboradores.*

*Heloysa Juaçaba e o diretor do MAUC Pedro Eymar Barbosa Foto: Pedro Humberto - fonte Site do Mauc*

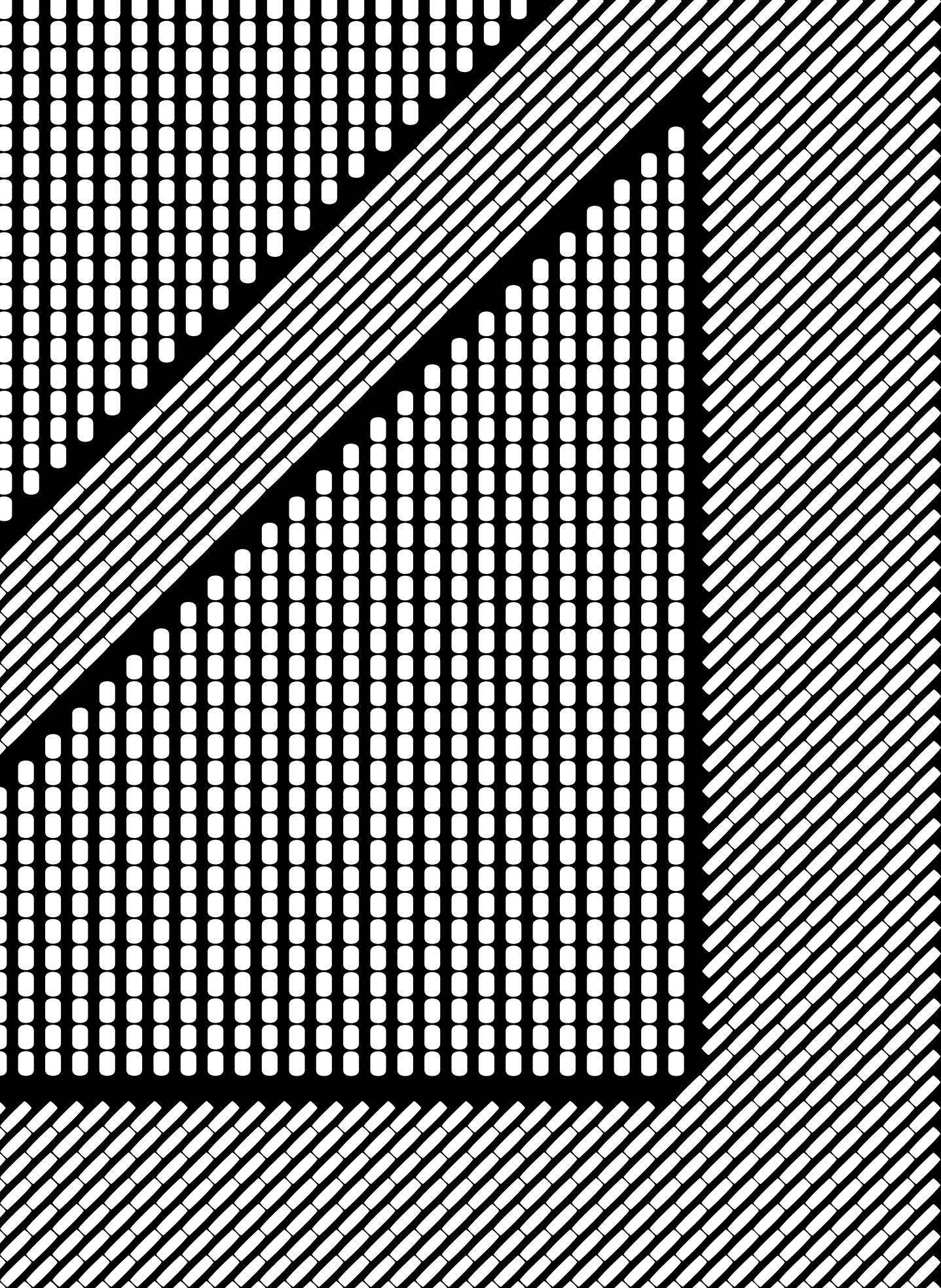
## *anos 00*

*Processo criativo e resultado da obra dialógica de Fernando França.*

**2012** - O 63º Salão de Abril, com o tema "A cidade e suas desconexões antrópicas", homenageia aquela que já muito contribuiu com a cultura e com as artes visuais no Ceará: Heloysa Juaçaba. Em edições passadas, a artista participou deste Salão inúmeras vezes, seja como artista ou como membro de comissões organizadoras e julgadoras.



*D. Heloysa na sala de exposição*



Núbia Agustinha Carvalho Santos

# *Formação: a construção de si e do Outro na obra e na pessoa de Heloysa Juaçaba*

O ser humano percorre diversas veredas na construção de sua formação e, nesse processo de desbravamentos de caminhos e de interlocução com o Outro, engravida de experiências que enriquece a sua vida e a de outras pessoas. A acumulação deste "capital cultural" foi compartilhado por Heloysa Juaçaba, como aluna da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), promotora cultural, artista-gestora e como pessoa. Não é por acaso, que ficou conhecida no Ceará como a "Madrinha das Artes". Sua versatilidade junto ao poder oficial legitima sua capacidade de atuação cultural no Estado. O percurso artístico de Heloysa Juaçaba foi experienciado nas mais variadas tendências da arte: impressionismo, cubismo, abstracionismo e construtivismo. No intuito de compreender a formação da pessoalidade da artista Heloysa Juaçaba, o breve texto traz a seguinte questão central: que elementos constituem a pessoa e a artista dos coloridos e dos relevos brancos, filha de Cana Brava?[1].

As reflexões ao longo do texto, bem como os depoimentos da artista e de outras pessoas que convivem/conviveram com D. Heloysa, podem ser sinalizadores para compreendermos a sua formação. É possível pensar sobre como os discursos são construídos e legitimados por diferentes vozes, a partir de um lugar: as Artes Visuais.

As Artes Visuais são a área do conhecimento que possibilitou Heloysa narrar em cores a vegetação serrana de Guaramiranga e Maranguape. Histórias e memórias são protagonistas na arte de Heloysa, muitas destas podemos interpretar, analisar e interrogar pela mediação das obras. Contudo, outras podem permanecer inacessíveis. Entretanto, todas são elementos constitutivos da artista, que me relatou num breve depoimento: "Toda a minha infância vivi em Guaramiranga. Como sou a caçula de nove irmãos, pude usufruir da beleza natural desse lugar"[2]. Ao vir ao mundo, pois, soube observar, brincar e experimentar a natureza, também como linguagem plástica.

Outra temática constante na obra da artista são as marinhas, representadas em diversas tendências, dentre estas, o cubismo, influenciada primeiramente por um de seus professores da SCAP, Floriano Teixeira, posteriormente pela própria história da arte. Foi possível constatar no acervo de sua biblioteca, títulos nas áreas da museologia, do artesanato, da "arte popular", da "arte eru-

dita", enfim, das artes visuais. Livros que podem ser mediadores da constituição de sua leitora, Heloysa Juaçaba. E, o que sugerem as marinhas de Heloysa?

Chico da Silva, num diálogo com a artista, diz o seguinte:

> *Esses quadros você sentiu e plantou em seu coração. Essas pinturas são concentrações. O que sai de seu coração pode jogar na tela, mesmo quando a tempestade vem jogando os seus botes para fora do mar. Essas marinhas vibram. Dá saudades do mundo distante. São saudades que diz com cores e o que você pinta é a recordação mais forte. Tudo vem da concentração. É uma poesia da madrugada chegando no porto (grifos meus)*[3].

Chico da Silva (1971) poeticamente interpreta as marinhas de Heloysa, com figuras de linguagem que enaltecem a composição pictórica da artista cearense. O vivido passa a ser memória pintada, ou melhor, representada por formas e cores nas pinceladas juaçabyanas. Ele carrega as palavras de imagens e de sentimentos que condizem com as rememorações de Heloysa, ao dizer: "Essas marinhas são recordações de portos distantes. Portos que vi e portos que gostaria de ver. Eles me dão um pouco de nostalgia misturada de saudades"[4]. E o que mais a artista viu e experienciou nas suas andanças pelas cidades e outros recantos?

A imaginação, a memória do vivido e os seus estudos no campo da história da arte são elementos primordiais para a construção da narrativa visual de Heloysa, que alcançou o ápice de sua carreira artística na década de 1980, com a série dos relevos brancos. Resultado de seu olhar observador para as coisas do cotidiano, foi com os "modos de fazer" e pela "geografia dos passos" pelos mercados fortalezenses que Heloysa encontrou as pistas necessárias para desenvolver sua pesquisa em arte. A apropriação do fazer artesanal dos punhos de rede e a plasticidade do material, bem como a pesquisa desencadearam o processo inovador, inaugural de sua obra visual considerada pelos artistas e pela crítica como o seu apogeu. Heloysa reconhece esse fato ao dizer: "os brancos marcaram muito a minha trajetória artística"[5].

A artista plástica Mônica Pinheiro[6] reconhece que a referida série "alcança uma dimensão maior, ainda, porque une o conceito que representa o Construtivismo à arte popular e ao artesanato, dados os materiais utilizados na construção das obras" (p.39). Aqui, nas palavras da autora, bem como nos próprios cuidados prescritos na receita abaixo, encontro indícios do caráter construtivo e de uma relação fraterna e respeitosa imbricadas na obra e na vida da D. Heloysa. Ela foi além da criação artística, pensou na sua preservação, ao aderir no verso de seus quadros brancos procedimentos que orientam para os devidos cuidados que devem ter as pessoas que adquirem suas obras. Essa atitude revela sua alteridade e, simultaneamente, também a possibilidade da memória preservada através da obra. Portanto, preservar e restaurar um objeto artístico pode garantir às futuras gerações o conhecimento da arte e de seu autor. Observe o que diz a receita da artista:

Limpeza dos quadros brancos.

***Procedimentos:***

***1º*** *Com uma escova meio dura, escovar as tramas do cadarço. Nunca molhar*

***2º*** *Para restaurar a pintura e retirar a poeira da trama, usar um pincel meio duro, de largura média mergulhado com a tinta (Suvenil branca – fosca aveludada) na seguinte dosagem: Depois de mexer bem a lata, colocar em um recipiente, uma porção da tinta, e Igual porção de água. Unir bem. Uma camada de tinta é suficiente. Não usar tinta pura Para não danificar a beleza do cadarço (grifos da artista).*

Quando ou como surgiu a ideia desses cuidados? Quem me esclareceu sobre o assunto foi Ana Virgínia[7] ao dizer que, após a primeira exposição individual, intitulada "heloysa juaçaba relevos"[8] da série branca, logo a artista percebeu que o branco sobre o branco, precisaria de cuidados redobrados, isto é, mais do que a maioria das outras obras. Por essa razão, D. Heloysa pensou na receita. Algumas de suas obras compradas retornaram às mãos da artista para que ela fixasse atrás dos quadros os procedimentos necessários ao combate à ação do tempo, etc.

Os relevos, o branco e a importância do Outro na vida e na obra de Heloysa antecedem a década de 1980. Na obra intitulada "Painel", de 1972[9], a artista grava em relevo branco numa placa grande de isopor os nomes de artistas cearenses. A sigla CAV, de Centro de Artes Visuais, situa-se na centralidade da obra. Logo abaixo, é posto o nome da dirigente Heloysa, além de alguns símbolos na cor vermelha que se intercalam na configuração da obra: mão, coração, olho, chave, ponto de interrogação e etc. O que estes signos podem nos sugerir?

Ao divulgar em sua obra nomes de artistas cearenses, D. Heloysa promove a visibilidade de muitos destes. Essas ações culturais desenvolvidas por ela aos poucos foram construindo a imagem da "madrinha das artes", que encontrou legitimação no trabalho durante muitos anos desempenhado por ela, junto aos órgãos oficiais da cultura municipal e estadual.

Tal reconhecimento pode ser observado nas palavras do crítico de arte Dimitri Ganzelevitch, num depoimento sobre a generosidade da artista, ao afirmar: "Heloysa Juaçaba incentiva a todos aqueles que sentem a necessidade de expressar-se através do pincel, do lápis ou do formão, com entusiasmo – graças a Deus – sem paternalismo"[10] (sic).

Outro depoimento que vale aqui ser registrado é o do artista Totonho Laprovítera, que fala também sobre o assunto:

> *Ela é uma mãezona pra todos os artistas e eu que tive a sorte de ter começado a minha trajetória artística, a minha carreira artística através dela, digo isso com muita segurança, com muita certeza porque a dona Heloysa ela não se preocupa apenas com o trabalho do artista, ela se preocupa com o artista. Sempre orientando, sempre dando abertura, ouvindo*[11].

A preocupação da artista-gestora com os artistas é ressaltado nas palavras de Laprovítera, ratificada também nas falas de outros artistas que fizeram parte da intitulada "Geração Dourada" dos anos 60 e 70, do século XX. Vale destacar que na sua gestão, como também na de D. Hilma Montenegro primeira diretora do Centro de Artes Visuais – Casa de Raimundo Cela, D. Heloysa contribuiu para a efetivação de diversos cursos sobre arte, exposições e salões nacionais realizados pela instituição, por ocasião dos cargos ocupados no âmbito dos governos municipal e estadual. Renomados críticos de arte do Brasil colaboraram com o processo de formação dos artistas cearenses, a convite de D. Heloysa. Ela manteve correspondência por muito tempo, com Roberto Pontual, Walter Zanini, Paulo Tausz, Carlos Cavalcanti e Clarival do Prado Valladares, este sendo um grande aliado no processo de criação de instituições museológicas no Ceará.

Segundo Cavalcanti, "A vida nas artes plásticas dos cearenses tem modernamente dois períodos – ANTES e DEPOIS de Heloísa Juaçaba"[12]. Para Heloysa Juaçaba, a formação do artista é o mote central da Casa de Raimundo Cela. Nesse sentido,

> *A vinda de críticos de arte, a realização e patrocínio frequente de exposições, que recebem não somente expressões favoráveis mas, também, objeções construtivas, e a realizações de cursos têm sido os pontos de maior insistência da Casa visando aquela finalidade*[13].

A finalidade a que se refere Juaçaba é a dimensão educativa, ponto central no pensamento da gestora-artista, que reconhece, mesmo com os esforços empreendidos naquele momento, que ainda havia muito a ser feito, por exemplo:

> *[...] nem todos os pontos que se propôs enfrentar, nem tudo o que se desejou fazer em prol do maior desenvolvimento artístico da terra, foi conseguido ainda. Cursos mais frequentes, bibliotecas mais ricas e mais dinâmicas, filmoteca especializada com sessões de projeção e discussão crítica, oficina de gravura, bolsas de aperfeiçoamento, expansão da Pinacoteca do Estado e, finalmente, uma sede própria, são os setores a serem conseguidos, a curto prazo*[14].

A partir dessas palavras de Juaçaba, percebe-se o seu comprometimento com a formação da classe artística cearense. Compreender o que é formar, bem como o que é atuar, numa perspectiva sócio-cultural juaçabyana, pode significar uma abertura de múltiplas possibilidades de compreensão à fala do Outro, desnudado de apreciações estigmatizadas. Busquei aqui pensar a palavra Formação, cujo sentido se relaciona com o tema desta escrita.

***Forma*** + ***Ação***
*(configuração, desenho)* *(atuação, combate)*

A constituição da pessoalidade de Heloysa é desenhada mediante suas atuações em diversos âmbitos da cultura cearense. A arte foi a arma utilizada pela artista de Cana Brava na peleja para a formação de Si e do Outro. Com o seu prestígio social junto a diversos governos, ela conseguiu concretizar muitas de suas ações culturais. Cito como exemplo a implantação de instituições museais, bibliotecas e pinacotecas. Sobre sua atuação, numa entrevista concedida a Walter Gomes (Correio do Ceará, em 1977, apud ESTRIGAS, 2004, p. 137), Mário Baratta discute sobre a SCAP, os artistas, enfim, sobre alguns aspectos da arte no Ceará. Ao ser interrogado sobre a arte hoje, ele responde:

> *Cheia de contradições, cheia de dificuldades. Faltando um capitão, um agente catalizador. Que se leve em conta todo o trabalho feito por Heloísa Juaçaba, artista admirável e trabalhadora incansável, que muito lutou pelos nossos salões. Esta bem que merecia uma medalha de ouro pelo que tem feito por nossas artes.*

Baratta reconhece a magnitude do trabalho realizado por D. Heloysa no campo das artes. O seu testemunho legitima as ações culturais desenvolvidas na sua gestão à frente do departamento de Cultura e, posteriormente, como diretora do Centro de Artes Visuais – Casa de Raimundo Cela, fundado por ela, em 1967, com o apoio do secretário de cultura, o historiador Raimundo Girão.

Ainda sobre o papel dessa instituição, Estrigas[15] discute que, com o fim da SCAP, os artistas cearenses ficaram dispersos. Segundo ele,

> *Só em 1967, com a inauguração da Casa de R. Cela, uma entidade oficial, os artistas teriam um local destinados às suas atividades e ali poderiam trabalhar, ter aulas, e expor ou ser encaminhados para exposições. Nesse fase inicial Heloísa Juaçaba, ex-escapiana (sic) deu muito de si pelas atividades da Casa, como membro que era do Conselho Estadual de Cultura*[16].

Nesse mesmo texto, Estrigas vislumbra as diferenças entre os modos operandi de pensar a arte nos dois contextos. A SCAP se

destaca na ótica do crítico como um espaço de excelência artística. A Casa de Raimundo Cela, por sua vez, destaca-se como um espaço controvertido, impulsionado pela própria lógica de um incipiente "mercado de arte", em Fortaleza. Vale lembrar que a abertura dos salões nacionais realizados pelo Centro de Artes Visuais - Casa de Raimundo Cela apresentou-se como uma interlocução com outros estados brasileiros, divulgando a produção dos artistas cearenses. Nesse espaço, talentosos artistas nasceram assinalando os seus nomes na história da arte no Ceará.

D. Heloysa, como mediadora da cultura e conhecedora de museus de diversas tipologias, buscou socializar o conhecimento ao criar instituições culturais, ao levar exposições para as escolas e para o interior do estado e, sobretudo, ao compreender que a "Arte não é de pobre e nem de rico"[17], mas uma necessidade humana.

Nessa mesma perspectiva, a artista-professora Fayga Ostrower (1994, p.358) também compreende a dimensão da arte, quando, em meio a certas resistências iniciais da parte dela, aceitou dar um curso para operários de uma fábrica em São Paulo, que durou 7 meses. Nas palavras da autora, os operários "Mostraram-me, com o seu interesse e sua participação, que a arte continua sendo uma necessidade para todos os seres humanos e não apenas um passatempo de luxo dispensável".

Por último, não posso finalizar este artigo sem as reflexões sobre os possíveis discursos de silenciamento no Ceará na área cultural, nas décadas de 1960 e de 1970, assunto que carece ser pesquisado com mais fôlego. Nesse sentido, indago: no caso do Ceará, como os artistas visuais que aqui permaneceram se posicionaram plasticamente antes da abertura política quando seres humanos eram torturados e mortos em diversos recantos do Brasil? D. Heloysa transitou na administração pública numa época de perseguições políticas e ideológicas declaradas ou disfarçadas. De que forma a artista-gestora lidou nesse campo de tensões? Uma vez que a arte não é inocente, ou melhor, nenhum campo do saber é inocente, tudo passa pela dimensão política.

D. Heloysa, à sua maneira, sem entrar em confronto com o poder político, não fechou os olhos para os atos arbitrários do regime. Ao visitar Auto Filho no Instituto Paulo Sarasate, onde se encontrava detido, mostra com essa atitude, dentre outras, uma forma de discordar, de não se calar. D. Heloysa, para o filósofo-professor,

> *[...] é uma personalidade verdadeiramente singular. Eu preciso dar um depoimento pessoal que nunca fiz isso em público, porque nunca tive oportunidade de fazer, mais se trata do grande sentimento de solidariedade que ela tem para com as pessoas e de uma coragem cívica que eu não encontrei nem nos meus companheiros de esquerda [...]. Heloysa, além de uma mulher de sensibilidade artística, é uma pessoa sempre preocupada em criar instituições, fazer funcionar melhor as instituições existentes. Apoiar os novos talentos ela teve coragem cívica, coragem política de manter as amizades com aquelas pessoas que foram proscritas pela a ditadura. Eu sou exemplo disso, isso mostra a outra faceta da Heloysa que sendo uma mulher da alta sociedade, portanto, teria todos os motivos ideológicos para não simpatizar com a minha atitude política, ela superou as limitações de sua própria classe, as limitações ideológicas o medo psicológico dos ditadores, que foi me visitar na cadeia*[18].

Esse recorte do depoimento mostra a distinção de Juaçaba ao visitar o amigo num momento de grandes tensões políticas, além de encontrar alternativas para ajudá-lo financeiramente[19] naquela situação difícil, quando Auto Filho passou sete anos desempregado, devido ao seu posicionamento político.

Minhas impressões sobre a artista homenageada do 63º Salão de Abril são motiva-

das pela pesquisa, que encontrou argumentos para assegurar que a sua trajetória é extremamente comprometida com o universo artístico cearense e, portanto, é merecedora do título "Madrinha das Artes", no Ceará. Ela é um marco na história da arte deste Estado. Os seus princípios são fundamentados pela coragem, ação, ética, arte, cultura, alteridade e ternura, elementos constitutivos da artista e da pessoa de D. Heloysa Juaçaba.

# *Referências*

BOURDIEU, Pierre. O Poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ESTRIGAS. Arte Ceará: Mário Baratta: o líder da revolução. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do estado do Ceará, 2004.

OSTROWER, Fayga. Universos da Arte. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PINHEIRO, Mônica M. A. "O Construtivismo na obra de Heloísa Juaçaba". Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizada pelo Curso Superior de Tecnologia em Artes Plásticas, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência Tecnologia do Ceará (IFCE) - Fortaleza, 2010.

# *Notas*

[1] Sítio em que nasceu Heloísa Juaçaba, em 1926, localizado na Serra de Guaramiranga, Ceará.

[2] Depoimento concedido em 12 de março de 2012.

[3] Heloysa Juaçaba – Catálogo do MAUC de 1971

[4] IDEM

[5] Depoimento em 12 de março de 2012.

[6] Ver Monografia "O Construtivismo na obra de Heloísa Juaçaba", realizada no Curso Superior de Tecnologia em Artes Plásticas, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência Tecnologia do Ceará (IFCE), 2010.

[7] Filha de D. Heloysa e responsável pela organização do acervo da artista.

[8] Exposição realizada em Fortaleza na Arte Galeria, em 1983. Curadora Dodora Guimarães

[9] Ver linha do tempo página 84 - 1972.

[10] Depoimento impresso no catálogo da ASSEFAZ Galeria de Arte, exposição Relêvos, 1985.

[11] Recorte da transcrição do Documentário realizado pela TV Assembléia e pela Unifor, "Heloysa Juaçaba: uma senhora artista", 2008.

[12] Carta do crítico de arte Carlos Cavalcanti, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1974.

[13] Catálogo do 4 Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará, 1973.

[14] IDEM

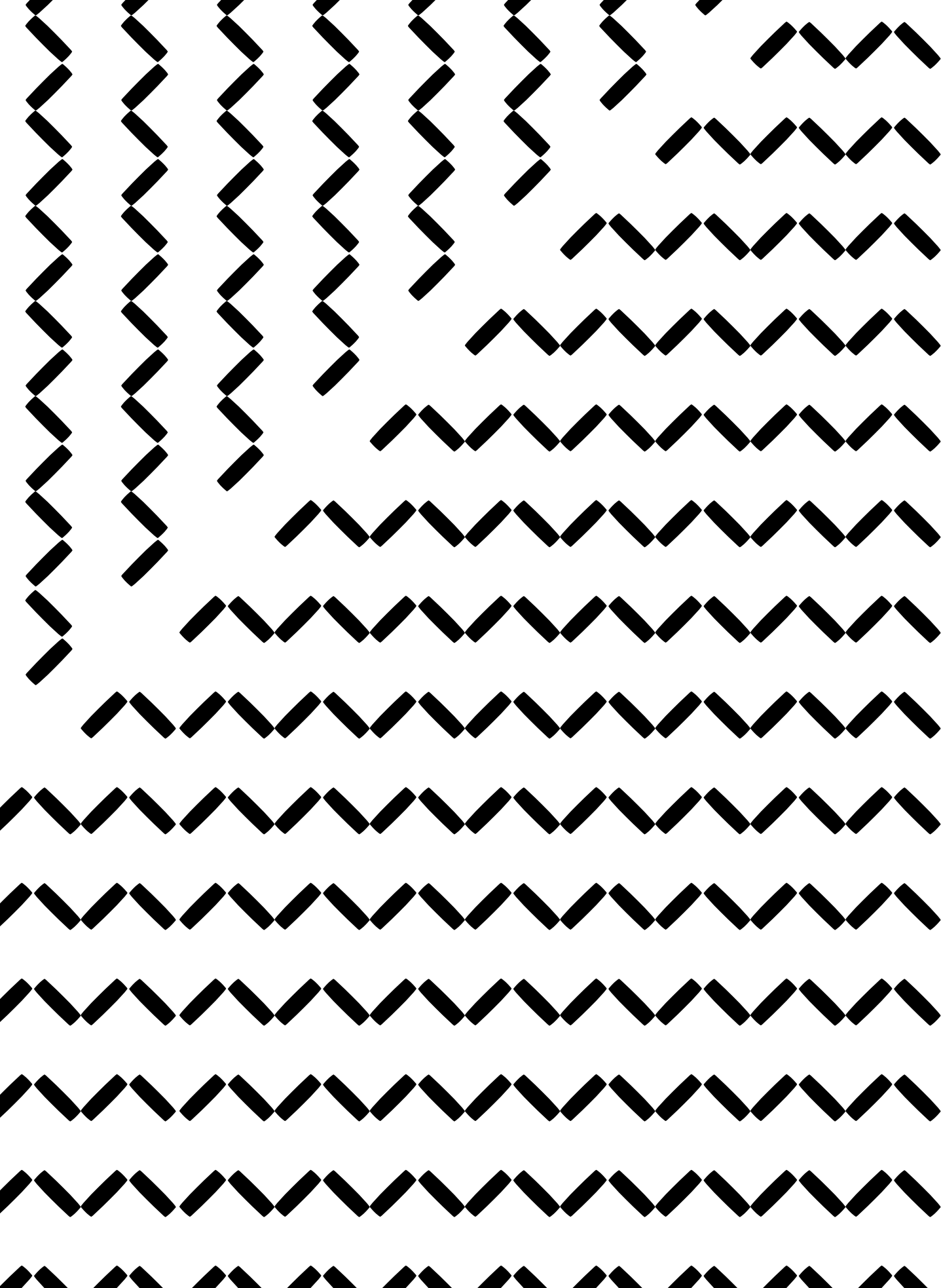
[15] Pesquisador da arte no Ceará, crítico e artista plástico.

[16] Texto do catálogo " Hoje Galeria Apresenta SCAP", 1982, p.5.

[17] Depoimento da artista em 04 de abril de 2012.

[18] Ver Documentário "Heloysa Juaçaba: uma senhora artista", realizado pela TV Assembleia e pela TV Unifor – Programa Perfil, 2008.

[19] IDEM (a respeito da colaboração financeira de D. Heloysa, ver na íntegra o depoimento).



Roberto Galvão

# *Dona Heloysa: Arte, café com pão e manteiga*

Em Fortaleza, se desejarmos tomar um café na Praça do Ferreira não poderemos aproveitar e ver com facilidade o painel do Floriano que Heloysa Juaçaba ajudou a pintar no edifício Sul América. E se percorrermos a cidade, poucas são as histórias que encontraremos contadas sobre as artes e as batalhas das pessoas que lutaram na sua construção. Apesar dos esforços desenvolvidos por Dona Heloysa e outras pessoas, não temos museus como mereceríamos, nem lugares estruturados como deveriam para contar as histórias da nossa arte, de nossos artistas. É dai que vem a tristeza. É saber que o que nos resta é apenas o desejo de construir o futuro. E, como disse o poeta, no seu Aniversário "comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes".

Por isso, não gosto de pensar no passado. Sinto um gosto de tristeza entre os lábios, mas vou contar algumas histórias e lembranças do passado que envolvem Heloysa Juaçaba.

**Lembranças em fragmentos**

Li no jornal que estava sendo inaugurado com uma exposição do Barrica o Centro de Artes Visuais, na praça do Cristo Redentor. Eu morava na Tenente Benévolo, próximo ao mercado dos Pinhões. Era perto. Eu já havia visto uma exposição do Barrica na Crasa, uma revendedora de carros no centro da cidade, e ficara profundamente tocado pela cor e modo personalíssimo de fazer pintura do artista. No sábado seguinte, dia livre no Colégio Militar, procurei o endereço. Não foi fácil encontrar.

Era uma espécie de entrada de serviço lateral de um palacete que servia de sede para a Polícia Federal e, muito depois, foi demolido para dar lugar ao que é hoje a entrada principal do Centro Dragão do Mar. O Centro de Artes Visuais – CAV ficava no andar superior do palacete. Quem me atendeu foi o Fransquim, importante personagem neste momento de minha iniciação nas artes visuais. Era ele quem montava as exposições do CAV e fazia as minhas telas e molduras. As minhas e de todos os artistas jovens que frequentavam o Centro de Artes Visuais.

Antes desse momento eu já participara de uma mostra coletiva de estudantes do Colégio Militar; de um Salão de Arte Estudantil, promovido pelo Governo do Estado, coordenado por Hilma Montenegro, onde conheci Tarcísio Félix, Kleber Ventura, Ximenes e Joaquim de Souza; e de um Salão de Abril, que não lembro bem se ocorreu na Cidade da

Criança ou no IBEU. O que ficou dessa mostra cravado em minha mente foram as "naturezas mortas" do Sergio Lima. Inesquecíveis.

O Fransquim me informou que nos fins de semana o Centro não funcionava e que o melhor momento para visitas era nas tardes dos dias de semana. "Dona Heloysa chega depois das três", complementou.

Eu não sabia quem era Dona Heloysa, mas na quarta seguinte, único dia em que a tarde era livre no Colégio Militar, voltei ao Centro de Artes Visuais. O Fransquim me informou que Dona Heloysa ainda não havia chegado, mas Dona Hilma estava. Dona Hilma me reconheceu mesmo sem a farda do colégio e falou que eu deveria me inscrever no cadastro da Casa. O Pescador de Cela tecendo o samburá observava toda a movimentação. Tarcísio Félix era o funcionário que fazia a inscrição numa máquina datilográfica cinza. Havia outros artistas que apenas lembro o nome de um deles, Jesus. Logo depois chegou Dona Heloysa, vestida com uma roupa de saia larga como um New Look do Dior, chamou o Fransquim, mandou preparar um café e comprar pão quente na padaria. Esse ritual se repetia cotidianamente. Me senti em casa.

O Centro de Artes Visuais era minha casa porque lá eu encontrava artistas iniciantes como o Sergei de Castro, o Rodolpho Markan e o Magerbio, que virou médico e nunca mais o vi. E mais experientes como o Descartes Gadelha e o Luis Derossy. E já conhecidos como o Barrica. E havia revistas de arte estrangeiras, livros, cursos interessantes ministrados por artistas como o Jean Pierre Chabloz, Carlos Cavalcante, Zenon Barreto, João Lázaro Figueiredo, Ricardo Videla e muitas conversas saborosas. Dona Heloysa contava as suas viagens e as exposições que tinha visitado. Sempre apareciam visitas de pessoas de outros mundos como o Lincoln Machado, o Belchior, entalhadores (onde andarão Romilson, Ricardo, Jordão e o Ferreira do Ceará?) escritores, fotógrafos, sociólogos nos dando informações novas e falando de histórias e coisas que não sabíamos. Lembro-me, de modo impreciso, do sotaque do André Haguette descrevendo algo do Canadá e o Geraldo Markan contando visitas suas a terreiros de macumba.

Como não tinha condições de ir todos os dias visitar a casa, sabia das aventuras dos artistas em narrativas, por certo, fantasiadas: as aventuras na combi do Luiz Antônio Alencar repleta de artistas e quadros "invadindo" residências de pessoas mais abonadas para montar exposições relâmpago; as festas, verdadeiros happining's, realizadas pelo Kleber Ventura.

Foi alí que soube de Clarival do Prado Valladares, médico amigo do Haroldo Juaçaba, bahiano, crítico de arte internacional com muitas histórias na Bienal de Veneza. Homem de visão comunista, Clarival foi o responsável pela indicação de Chico da Silva para representar o Brasil em Veneza. Foi nas histórias de Clarival que, pela primeira vez ouvi falar do teto da igreja de Aquiraz, da Fundação Kalouste Goulbenkian, da revista Colóquio, da preciosa coleção de antiguidades reunida por Dom José Tupinambá da Frota, em Sobral, e das estátuas em mármore dos túmulos do cemitério São João Batista.

De Clarival soube também que passava "horas a fio" deitado nos bancos da igreja observando os paineis de Aquiráz tentando ver semelhanças entre os rostos das figuras representadas, para depois fotografá-los em preto e branco em máquinas de filmes 6x6. E também de suas idas aos cemitérios de Parangaba, Mucuripe e Messejana, que considerava, na época, um dos mais belos do Brasil.

O transporte que conduzia os "herois" em suas andanças pelos subúrbios e cidades próximas era o mesmo: um gálaxi azul de Heloysa, cuja imagem ainda hoje, por certo, povoa muitas histórias que ficaram gravadas no fabulário dos artistas da época.

Como pouco sabíamos, cada curso oferecido pelo Centro de Artes Visuais, como dizia Heloysa, era um "deslumbramento": "Como Entender a Arte Moderna", mi-

nistrado pelo Prof. Carlos Cavalcante; "Ver e Ouvir", ministrado por Geni Marcondes; "A Cor na Era da Comunicação", ministrado por Bruno Tausz.

Dona Hilma Montenegro era quem administrava a Casa. Era a diretora, cuidava das coisas burocráticas. O Félix era uma espécie de agente administrativo, realizava os serviços, escrevia cartas, fazia cadastros, realizava cartazes compondo os textos recortando letra por letra de revistas. Ainda não havia "letra sete". O Fransquim era vigia, montador de exposições, carpinteiro e, como já falei, fazia as telas e molduras de todos. Dona Heloysa era a animadora da casa. Era ela que decidia as paletras e cursos que aconteciam na casa. Era ela quem planejava as exposições e o seu prestígio social era que atraía os convidados. E com a sua capacidade de convencimento fechava as vendas com suas amigas, para desgosto de alguns poucos maridos.

Nos cafés com pão e manteiga escutava-se notícias das atividades de Dona Heloysa, por sua própria fala, sempre de forma bem humorada e cercada de risos que enchiam as salas de descontraída alegria. Histórias do Mr. Davis no curso de "Ambientação de Interiores", onde Heloysa dizia ter aprendido as noções iniciais dos seus conhecimentos na identificação dos estilos de móveis, vidros e porcelanas antigas; histórias do método empregado pelos professores do Curso de Desenho Livre e Pintura, no Museu de Louisiana, em Nova Orleans, nos Estados Unidos; histórias das preciosas aulas ministradas pelo poeta Dr. Filgueiras Lima, ainda no seu tempo de Colégio Pedro II, Escola Normal. E da ajuda que dera ao Dr. Martins na implantação inicial do Museu de Arte da Universidade do Ceará – MAUC. E muitas outras histórias do mundo das artes e pessoais: da Cana Brava, da "Rachelzinha[1]", do Haroldo. Histórias que, por um motivo ou outro, surgiam e iam ensinando coisas.

Sabia-se também de sua participação na fundação da Rede Feminina do Instituto do Câncer do Ceará, que presidiu de 1954, quando foi fundada, até 2007. Das dificuldades iniciais junto com Dona Carmen Prudente (presidenta nacional) e das alegrias quando das ajudas obtidas junto a empresários locais. Falava também das palestras que tinha a oportunidade de assistir na Sociedade Amigas do Livros, que também ajudara a fundar em Fortaleza, em 1960, e das novidades que sabia no Conselho Estadual de Cultura, onde permaneceu por 12 anos, de 1967 até 1979.

## Talento para arte e empreendedorismo cultural

Nas artes, o talento de Heloysa impressionava desde menina, em casa e na escola, onde desenhava mapas e ilustrava trabalho de colegas. Depois de casada surpreendeu o marido Haroldo, que não sabia de suas qualidades artísticas e, ao perceber o seu talento a presenteou com cavalete, prancheta, telas, pincéis, papeis variados e todos os materiais que um artista pode sonhar. Depois frequentou os cursos da SCAP, onde estudou com João Maria Siqueira (desenho) e Floriano Teixeira (pintura), que a introduziu no universo cubista.

O apoio de Haroldo foi muito importante na consolidação do seu múltiplo talento. Além dos diversos materiais de qualidade, ele adquiria os mais diversos livros sobre arte para presenteá-la. E proporcionou incontáveis viagens onde puderam ver as obras dos mais significativos museus internacionais. E Bienais, grandes exposições, importantes galerias e mesmo visitas a atelies de artistas consagrados. Numa destas visitas foi apresentada a Picasso.

Estas viagens, visitas a museus e exposições, contatos com artistas, leitura constante de livros e revistas de arte, aliados à sensibidade de Heloysa, possibilitaram uma formação sólida e diversificada no campo da cultura artística. Isso possibilitou o desenvolvimento de suas capacidades empreendedoras no campo cultural.

No início da década de 1960, Heloysa participou das conversações iniciais que

desaguaram na fundação do Museu de Arte da Universidade Federal, junto com o Reitor Martins Filho e os artistas Antônio Bandeira, Floriano Teixeira e Zenon Barreto. Observando as fotografias que registram as primeiras exposições do MAUC, impossível não perceber o "estilo" de Heloysa, na cenografia de adaptação do espaço.

Em fins de 1966, o Governador do Ceará, Plácido Aderaldo Castelo, cria o Conselho Estadual de Cultura e nomeia Heloysa para a cadeira de Artes Plásticas da referida instituição que inicia as suas atividades em janeiro de 1967. Poucos meses depois, por infuência sua, é criado pelo Estado o Centro de Artes Visuais – Casa de Raimundo Cela, instituição que, junto com o MAUC (1961) e outras ações particulares, surgia para dinamizar o modorrento cenário das artes plásticas que se instalara em Fortaleza depois do fechamento da Sociedade Cearense de Artes Plásticas, em 1958.

Apesar de não ser efetivamente a diretora da instituição, Heloysa utiliza o CAV como base de suas ações empreendedoras na cultura de Fortaleza: cursos, palestras e exposições, possibilitando que jovens artistas tivessem contato com artistas importantes como Zenon Barreto, J. Figueirêdo, Barrica, Estrigas: professores como Jean Pierre Chabloz, Carlos Cavalcante, Mizabel Pedrosa, Bruno Tausz; críticos como Clarival do Prado Valladares, Olívio Tavares de Araújo, Jaime Maurício, Roberto Pontual, Casimiro Xavier e outras personalidades do mundo cultural que passavam pelo Centro de Artes como Antônio Girão e outros poetas. Nesse tempo parecia que o meio artístico era mais próximo, não tão segmentado como hoje.

Nos anos da década de 1970 o prestígio e o seu empreededorismo cultural parece atingir o seu mais elevado nível. Na gestão do Prof. Raimundo Girão, na Secretaria Estadual da Cultura do Estado do Ceará, ela organiza com Henrique Barroso, Themis Araújo e apoio do Padre Hélio Paiva, o Museu de Arte Sacra São José de Ribamar, em Aquiraz. Na mesma época, também trabalha na reorganização do Museu Diocesano Dom José Tupinambá da Frota, em Sobral, com Henrique Barroso e Themis Araújo.

Em 1971, o coronel Cesar Cals de Oliveira assume o governo do Estado, nomeia o advogado Ernando Uchoa Lima Secretário da Cultura e Heloysa Juaçaba para a direção da Casa de Raimundo Cela. Nessa época o nome Casa de Raimundo Cela, havia eclipsado o nome oficial de Centro de Artes Visuais. A instituição era denominada apenas por Raimundo Cela, mesmo a palavra "Casa" havia desaparecido na linguagem dos artistas e usuários frequentes. O prédio era outro, a Raimundo Cela não mais ocupava o casarão da praça do Cristo Redentor, mas os cafés continuavam, às três da tarde. Como curiosidade vale informar que, algumas vezes o Governador Cesar Cals convidava alguns artistas para tomar o café da tarde na casa dele. Lembro de estar duas vezes nestes cafés. Uma vez na parte residencial do Palácio da Abolição, outra vez na casa particular do governador, na cozinha, ele mesmo servindo o café e cortando pão para os artistas levados por Heloysa.

Na efetiva direção da Raimundo Cela, Heloysa implanta, com o incentivo de Carlos Cavalcante, uma biblioteca de livros e revistas dedicadas as artes plásticas, na sua grande maioria estrangeiras porque esse setor editorial no Brasil, na época, ainda era muito precário. A maior atração da biblioteca era o dicionário do Roberto Pontual que reunia biografias dos artistas brasileiros desde o período colonial. A revista mais requisitada era a Colóquio, da fundação Kalouste Goulbenkian, que trazia informações sobre as vanguardas nas artes visuais, notícias de bienais, grandes exposições realizadas em Paris, Milão, Londres, com uma grande vantagem: era escrita em portugues.

Lembro também da instalação, em 1971, do novo Paço da Prefeitura de Fortaleza, no antigo palácio Episcopal, por trás

da Catedral, nas margens do riacho Pajeú. Com o apoio do prefeito Dr. Vicente Fialho, Heloysa ambienta o prédio com mobiliário autêntico, e de alta qualidade, comprado em antiquários do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e algumas peças adquiridas à família do artista Raimundo Cela. E, principalmente, reúne uma significativa coleção de obras de arte que compreendia um verdadeiro panorama da arte cearense, de Raimundo Cela, Vicente Leite, Barboza Leite, Barrica até os artistas mais jovens como eu. Tanto o mobiliário como as obras de arte foram sendo adquiridas com o vagar exigido pela qualidade do que era adquirido. O certo é somente em 1974 a prefeitura publica o catálogo geral das peças que compõem a pinacoteca do Palácio. Infelizmente tanto o mobiliário, como a coleção de obras de arte foi descurada nas gestões seguintes, principalmente na da prefeita Maria Luiza que levada por arroubos antiburgueses não soube ou não teve forças para preservar tão precioso acervo reunido por Heloysa.

Em 1972, Heloysa também adquire uma coleção de obras de artistas cearenses para o Palácio da Abolição, ainda ocupado por Cesar Cals. Muitas das obras dessa coleção, para não dizer quase todas, também não se têm notícia do paradeiro, foram perdidas.

Reconduzida, em 1973, para o Conselho Estadual de Cultura, Heloysa idealiza e organiza o "Museu de Arte e Cultura Populares" no prédio da antiga Cadeia Pública, então adaptada para receber um centro comercial de artesanato regional. Para formar o museu, Haroldo e Heloysa Juaçaba doaram cerca de 800 obras de sua coleção particular de arte popular. Essa doação aliada a também significativa doação feita por Eduardo Campos, pode-se dizer, compuzeram a totalidade do acervo da nova instituição.

Participando da organização de tantas instituições culturais, museus, coleções públicas pode-se perceber que não é pouca contribuição de Heloysa para a construção da cultura artística de nossa sociedade. E se, além disso, adicionarmos a sua participação na realização de Salões, na montagem de exposições, na orientação e apoio na carreira de inúmeros artistas e outras muitas atividades ligadas as artes plásticas, podemos, sem medo de errar, afirmar que ela foi uma das pessoas que mais colocou pedras na construção do alicerce das artes visuais do Ceará.

Hoje, passados muitos anos, já quase meio século de quando conheci o Fransquim, Dona Hilma, Félix, meus primeiros contatos com a Casa de Raimundo Cela, e, principalmente Heloysa Juaçaba, sinto uma ponta de tristeza.

Perceba-se com clareza que não é saudade. Não é saudade do aroma do café de outrora, do sabor da manteiga Patrícia derretida no pão fresco saído da padaria. Não é saudade da Casa de Raimundo Cela, que não mais existe. Não é saudade dos amigos Fransquim, Dona Hilma, José de França Amora, Geraldo Markan, Joaquim de Souza, Luis Derossy, Marcus Francisco, Marcos Jussier, Atayde e outros que já partiram ou que estão tão distantes que não sei onde. Não é saudade por saber o Museu de Artes e Tradições Populares quase vazio. Não é saudade das obras perdidas entre as salas e corredores dos palácios do Bispo, da Luz e da Abolição. É tristeza mesmo.

Todavia tenho que reconhecer que ainda existe a possibilidade de uma gota doce de alegria. Se encontrar tempo entre os múltiplos esforços por sobreviver, e for tomar café na residência de Heloysa Juaçaba, tenho certeza que meus olhos vão reconhecer as mesmas obras que me encantaram no tempo de quase menino. Uma coleção adquirida com muito carinho durante anos de convivência com artistas, em visitas a ateliês, galerias e antiquários.

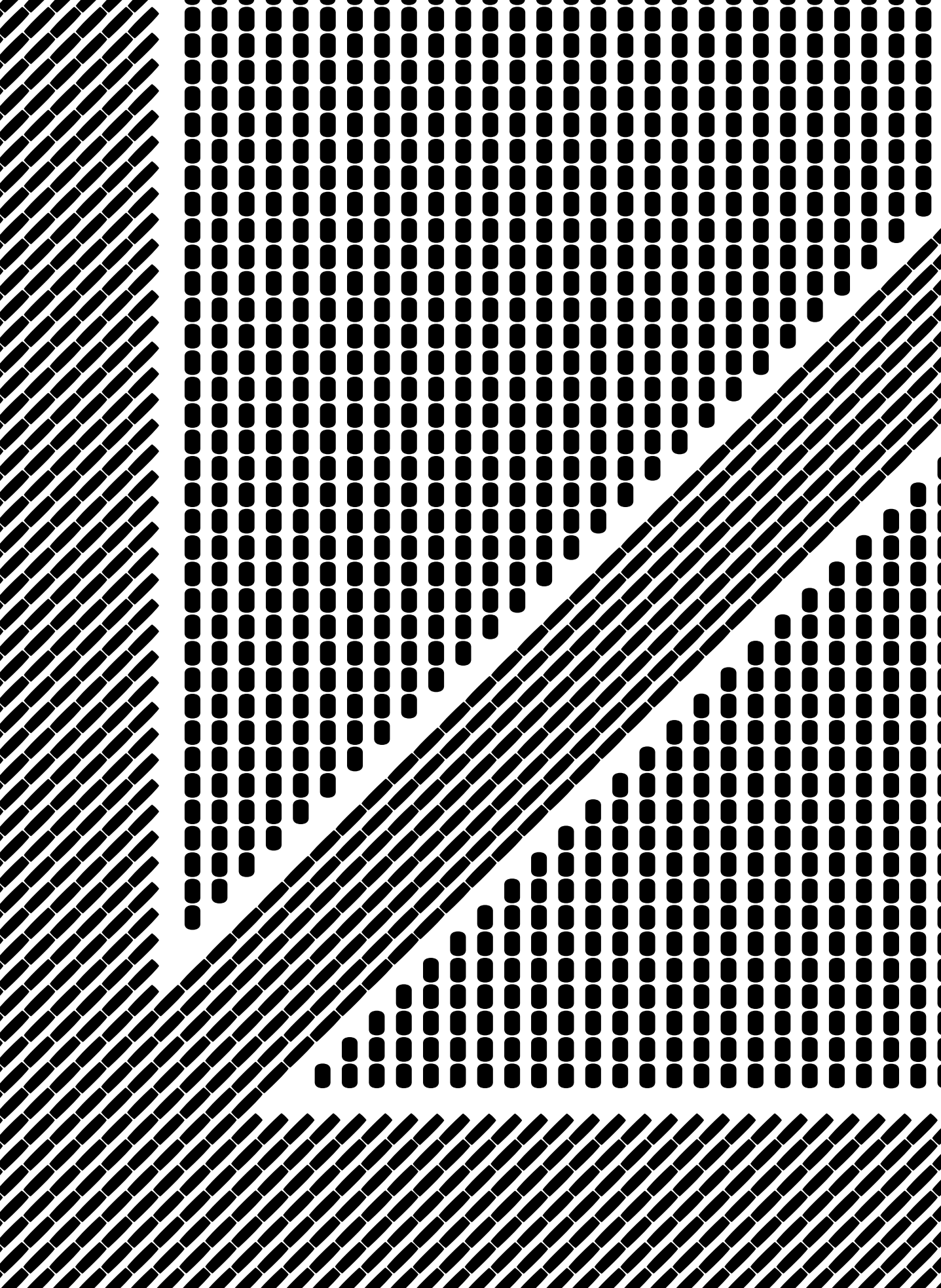
Elas estão lá quase todas nas paredes repetindo as suas histórias. Uma muito grande foi trazida do Peru, na mala enrolada aos pedaços e aqui foi restaurada pela própria Heloysa e por Gilberto Brito. Outra foi enviada pelo Clarival do Prado Valladares. Outra foi dada de presente pela irmã do Raimundo

Cela. Uma escultura em bronze é o original da Iracema do Zenon que quase marca a frente do prédio onde mora e que participou do concurso que escolheu a Iracema da Beira Mar. Uma pequena pintura é o projeto do painel que Floriano Teixeira realizou para o prédio da Sul América, na Praça do Ferreira, no centro de Fortaleza e que ela ajudou a realizar, grávida esperando a primeira filha. Um móvel foi comprado numa fazenda em Minas. Outro foi presente das "freirinhas" da congregação que atendia na Casa de Saúde São Raimundo que mandaram vir da França para presentear ao Dr. Haroldo. São muitas histórias que permanecem lá, na casa de Heloysa, penduradas nas paredes, nas cristaleiras, nas salas.

Lá não mora a tristeza. Lá posso, com tranquilidade, ter a Praia de Iracema aos meus pés e sentir saudades de tomar café com manteiga, às três da tarde. Sem tristeza.

## *Notas*

[1] Escritora Raquel de Queiroz, parente da Dona Heloysa Juaçaba



Dodora Guimarães

# *Heloísa Ferreira Juaçaba. A pintora, a colecionadora, a animadora cultural.*

Avenida Barão de Studart, 1001. Este endereço em Fortaleza guarda momentos memoráveis da história da arte cearense. A casa que atualmente abriga uma igreja foi outrora um verdadeiro "templo" das artes plásticas na cidade, num período importante da história recente da cidade. Este lugar onde viveu por décadas o médico Haroldo Juaçaba e sua musa, a pintora Heloísa Ferreira Juaçaba, foi nos anos 1960, 1970 e 1980 o ponto convergente de artistas, críticos, colecionadores e pesquisadores de arte. Numa época de poucos espaços para o convívio e a troca de ideias sobre o fazer artístico, a residência do casal Juaçaba cumpriu com generosidade as funções deste espaço necessário. Mais do que um ponto de encontro, o local mantinha atualizada a sua coleção de obras de arte, contribuindo desta forma também para a formação do olhar dos seus frequentadores.

Contemporânea de Nice Firmeza, nos ateliês livres da Sociedade Cearense de Artes Plásticas - SCAP, nos anos 50, Heloísa Juaçaba, ou Heloysa, como assina os seus quadros, teve como primeiro mestre e timoneiro o pintor João Maria Siqueira. O apreço pelas marinhas cultivado com ele, a acompanha desde sempre, mesmo quando ela se distancia da pintura de cavalete. O espírito da pintora de marinhas atravessa toda a sua obra, inclusive na sua famosa série de relevos monocromáticos, brancos, construídos com cordões de algodão (usados para o fabrico de punhos de rede), iniciada no começo dos anos 80. Heloísa abriu um horizonte de possiblidades com esta série muito original e de amplos recursos.

A exposição inaugural desta série ocorrida entre agosto e setembro de 1983 na Arte Galeria, em Fortaleza, foi uma revelação. A pintora plena e senhora de si expunha agora a sua obra depurada, madura. Afirmativa de seu poder de oxigenar a cena também como artista inovadora.

O seu nome, porém, cintila com maior grandeza na histórica criação e manutenção do Centro de Artes Visuais Raimundo Cela, em 1967. Esta, certamente, a sua contribuição mais radical ao movimento artístico cearense. Grande líder, além de artista ela soube aqui exercitar com maestria o seu poder de convencimento. Instituída pelo primeiro Secretário de Estado da Cultura do Ceará (o primeiro também do Brasil), historiador Raimundo Girão, O Centro de Artes Visuais Casa de Raimundo Cela (como ficou mais conhecido) chegava como o lugar da arte e de seus artistas. Com a regência de Heloísa Juaçaba e a direção executiva de Hilma Montenegro, o Centro foi instalado numa casa cor- de- rosa, com uma grande porta em forma de harpa, na

Praça do Cristo Redentor, exatamente onde hoje está plantado o Centro Dragão do Mar, na entrada do Memorial da Cultura Cearense.

Sobre os primeiros anos de suas atividades, realizamos em 2006 uma série de entrevistas (ainda inéditas) com alguns artistas que participaram do início do Centro, como o desenhista e pintor Tarcísio Félix. Trechos de sua entrevista editada abaixo revelam o trabalho de formiguinha desta grande mulher, admirável pela persistência e pelo seu grande amor à causa da arte.

**Entrevista com o desenhista e pintor Tarcísio Félix - Por Dodora Guimarães**

*Hoje, 5 de setembro de 2006, vamos conversar com o artista Tarcísio Félix sobre a história do Centro de Artes Visuais Casa de Cultura Raimundo Cela. Ele que foi o seu primeiro secretário, e também um dos primeiros artistas a montar ateliê na instituição.*

**FÉLIX É IMPORTANTE QUE VOCÊ NOS FAÇA UM RELATO DA SUA EXPERIÊNCIA, VOCÊ CHEGANDO DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES DO RIO DE JANEIRO EM FORTALEZA NESTE MOMENTO DE ARREGIMENTAÇÃO DOS ARTISTAS EM TORNO DO CENTRO DE ARTES VISUAIS:**

O Centro de Arte Visuais Casa de Raimundo Cela foi criado em 1967, logo depois de implantada a Secretaria de Cultura do Ceará, a pioneira no Brasil. Eu chegava do Rio e, enquanto montava um ateliê com alguns meninos, uns artistas, recebemos a visita de dona Heloísa Juaçaba, a pintora Heloysa que nos propôs a mudança desse ateliê para a Casa de Raimundo Cela, onde vida nova começaria para a arte em Fortaleza. Com a nomeação da professora Hilma Correia Montenegro para diretora executiva, e um rapaz, o Fransquim, para mandados, as coisas passaram a se movimentar. Dona Heloísa era sua embaixadora competente, uma relações públicas muito comprometida com o futuro da arte na cidade que crescia e se modernizava. Ela levava as pessoas ricas para comprar as obras dos artistas que trabalhavam e expunham na Casa de Raimundo Cela, o Centro de Artes Visuais inaugurado na Praça do Cristo Redentor. Como profissional convincente, ela ajudava os pintores nas vendas e não cobrava nenhuma porcentagem por isso. Assim começou o nosso mercado de arte, voltado para os artistas locais. Por intermédio dela conhecemos as pessoas, passamos a receber encomendas, iniciamos um trabalho de vendas que teve uma época que vendíamos mais do que a galeria da Ignez Fiúza. Dona Heloísa ficou surpresa com os pedidos constantes de pintura, de desenho, de escultura, de tudo. O nosso ritmo era de exposições a cada dois meses, alternado muitas vezes para uma a cada mês. Todos queriam expor na Raimundo Cela porque era de graça e se vendia muito. Esse era o grande lance da Casa.

**QUEM ERAM OS ARTISTAS DESTA PRIMEIRA GERAÇÃO?**

Ah, eram muitos... Roberto Galvão estava começando, Sergei de Castro, Aderson Tavares Medeiros, Joaquim de Souza, este morava muito próximo, todo dia ele ia assinar o ponto, tinha que assinar o ponto. Descartes Gadelha veio do Museu de Arte da Universidade (UFC) com o grupo dele, Olavo Vasconcelos, Góes, Zenon Barreto, Amora, Isaías, Marcus Francisco Alcântara, Carlinhos Morais, Hipólito Rocha. No final de 1967, tínhamos cerca de sessenta artistas catalogados, fiz uma ficha para todos, com retratinho de identidade e currículo no verso. Começamos uma verdadeira revolução cultural na cidade e a dona Heloísa era a cabeça de tudo. Ela conhecia muita gente e usava suas boas relações sociais em benefício do prestígio e das vendas dos jovens artistas. Como não tínhamos telefone, para o contato com os futuros compradores,

eu dava "expediente" na casa da dona Heloísa num período do dia. Vendíamos através do telefone dela. E quando eu ia entregar os quadros a gente ia no seu Galaxy, quase sempre lotado de quadros. A entrega era feita e o dinheiro recebido. O numerário era colocado em envelopes e entregue integralmente aos artistas. Isso foi um "escândalo" porque antes ninguém vendia quadros. Eu nunca vendi quadro na minha vida, eu comecei a vender com a criação da Raimundo Cela, e todos eles. No final do primeiro ano de batalha, tivemos a ideia de fazer um Salão Nacional. Com o maior entusiasmo, nossa líder entrou em contato com o Dr. Girão, secretário de cultura que ele lhe deu carta branca. Iniciamos os trabalhos lançando um concurso para escolha do cartaz de divulgação.

**Como foi o processo de divulgação e seleção do Salão Nacional, nesta primeira edição?**

Expedimos cartas para todas as secretarias de cultura do Brasil. O Rio de Janeiro participou com peso, seus melhores gravadores compareceram ao salão. Tivemos representantes do Amazonas, Acre, Paraíba, de todos os estados do Brasil vieram quadros. Eram caixas e mais caixas chegando, e o Francisquim abrindo caixas, era um negócio de louco. Quando nós abrimos os olhos, eu disse-lhe: dona Heloísa onde é que nós vamos fazer esse Salão? Aqui ele não cabe. E ela: Pronto, Félix, o que é que nós vamos fazer? Eu disse-lhe: Só tem um lugar, o Colégio Militar, que parece que é grande e tem aquelas Salas compridas, imensas. Fomos até o comandante, ele achou a ideia maravilhosa e cedeu o prédio do Colégio Militar, onde aconteceu o primeiro Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará, em 1968.

**E a equipe foi ampliada para a montagem do Salão?**

Que nada. Pra montar era ela, eu e o Francisquim, e a dona Hilma cuidando das etiquetas, porque a gente queria também vender as obras no Salão; isso era importante porque os artistas eram pobres, precisavam vender seus trabalhos, até para pagar as molduras dos quadros. Outro problema apareceu: a confecção do catálogo. Meu Deus, uma loucura, a gente trabalhou até meia-noite para botar a relação dos artistas em ordem alfabética, obedecendo as categorias de pintura, escultura, fotografia, desenho. Como toda primeira vez a gente não sabia como fazer, mas a gente fez e deu certo. Outra dificuldade: convidar críticos de fora para os trabalhos de julgamento e premiação. Decidiu-se pelos nomes de Clarival do Prado Valladares, José Roberto Teixeira Leite, este um dos maiores críticos do Rio de Janeiro, que dividiram os trabalhos com dois representantes locais. Sérvulo Esmeraldo que morava em Paris na época, veio para o Salão, e participou com gravuras, e ganhou o primeiro da categoria. Eu lembro demais, uma gravura pequena, modernísima. Eu tirei o segundo prêmio de pintura ou o primeiro, não me lembro bem. Este Salão ficou um mês em exposição, com uma segurança total de soldados, exigindo documentação dos visitantes. Foi uma boa divulgação para a Secretaria de Cultura do Ceará e os seus artistas. Clarival me convidou para expor no Rio, na Galeria Goeldi, uma galeria muito conceituada que ele dirigia, na Rua General Osório, em Ipanema. Por seu intermédio, eu fui expor pela primeira vez no Rio de Janeiro. Ele convidou outros artistas também. Clarival editava nesta galeria os "Cadernos Brasileiros". Por conta desta publicação a galeria foi fechada pelos militares, durante a revolução.

**dona Heloísa interferiu com o seu prestígio nesta sua primeira exposição no Rio de Janeiro?**

A minha exposição foi muito concorrida, olha, era tanta gente do Ceará, que você não pode imaginar. Inclusive a mãe do governador Tasso Jereissati que havia me comprado um quadro aqui em Fortaleza, foi ver minha expo-

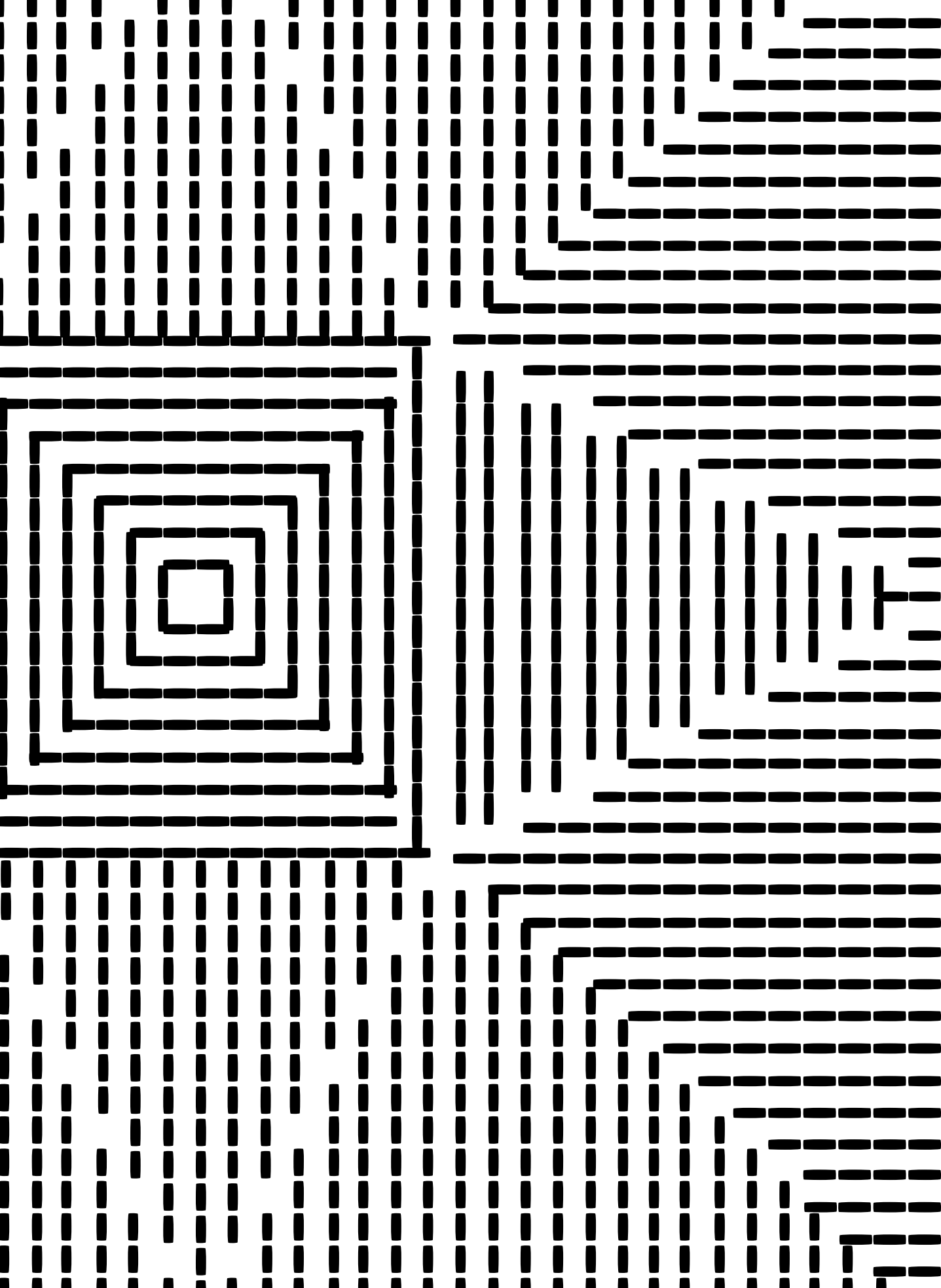
sição lá. O pessoal todo da dona Heloísa, gente que ela conhecia aqui, gente que comprava, estando naquele momento no Rio foi lá ver a minha exposição, como os Machado que foram e quiseram comprar. Vendi tudo, foi uma maravilha. Isso graças ao nosso Salão Nacional, porque os críticos tinham vindo ao Ceará para conhecer as obras dos artistas. E muitos artistas foram convidados para expor no Rio, se não foram é porque não quiseram por alguma razão, eu aproveitei e fui logo. Então, isso é o início da grande história do Centro de Artes Visuais Casa de Cultura Raimundo Cela. Uma história que foi compartilhada por muita gente importante. Nestes primeiros anos recebemos visitas importantes, como a do Fernando Cela, irmão do grande pintor homenageado, intelectuais, banqueiros, cientistas, industriais. Dona Heloísa levou muitas pessoas da alta sociedade para aquele endereço, pessoas que ela levava para ver e comprar arte.

**O Salão Nacional chegou a ter quantas edições?**

O Centro de Artes Visuais Raimundo Cela passou por vários prédios. Ficamos no prédio da antiga Cadeia Pública, ali onde funciona o Centro de Turismo por um tempo. Fizemos grandes exposições ali, depois fomos pra casa da dona Suzana Ribeiro, na Santos Dumont esquina com Desembargador Moreira, uma casa pequena. Depois disso nos desligamos da Casa de Cultura.

Olha, eu não sei dizer. Eu me mudei pro Rio de Janeiro em 1975 e fiquei sem acompanhar o movimento cultural do Ceará. Sei que nos anos 80 teve uma edição, acho que em 1983, na Casa de Cultura Raimundo Cela.

O Salão Nacional além de descobrir gente nova, incentivou os artistas, incentivou o mercado. Vinham gravadores, escultores, pintores do Rio de Janeiro, do Brasil inteiro, era uma maravilha. A gente ficava a par do que estava acontecendo no Rio, em São Paulo. E a gente participava junto. E vendia o nosso trabalho. Vendíamos muito no Salão Nacional.



Pablo Manyé

# *Heloysa, uma heroína tranquila*

Entro em minha casa precisando de ajuda para segurar todas as pastas que Heloísa Juaçaba e sua filha Ana Virgínia têm tido a generosidade e confiança de depositar em minhas mãos. Trata-se de oito pastas cheias de cartas pessoais que Heloísa trocou com as figuras mais marcantes do panorama das artes cearenses durante mais de meio século. Emociona tocar os papéis pouco padronizados, de texturas variadas e por vezes com logotipos de uma formalidade e sobriedade em desuso; sentir as caligrafias, algumas de pintores com letra traçada com imperícia, outros com uma caligrafia preciosista realizadas com uma pena acostumada a escrever; reparar nas construções das frases com aberturas e fechos muito retóricos, com o uso de certas palavras injustamente esquecidas ou que nos trazem valores que uma vez foram os imperantes em nossa sociedade. Todos esses documentos privados convivem com numerosas matérias e impressos, com notícias dos artistas da segunda metade do século XX e início do XXI. E quero compartir com o leitor uma confidência: muitas das matérias guardadas por Heloísa não são dela, nem seu nome vem citado. Guardou apenas por um carinho sincero, discreto e calado por dezenas de artistas e intelectuais amigos pelos quais se preocupava. Já que estou de confidências, quero compartir aqui também como vários artistas pedem ajuda para ela e resulta indicativo como a palavra obrigado se repete tantas vezes nas cartas que ela recebe.

A escusa para analisar, ainda que não de modo exaustivo, esse material foi a solicitação dos organizadores do Salão de Abril, de um texto que, de forma breve, mergulhe na faceta de Heloísa como protetora das artes. Tomara que o resultado pelo menos leve o leitor até a última linha deste texto. Esta participação que Heloísa teve em atividades voltadas aos outros ou trabalhando pelo interesse geral é uma faceta que me interessa destacar especialmente. Na arte, em geral, com frequência assistimos à criação de divisões e invejas. Pessoas que, pelo bem de todos, têm uma visão conglobante e que queiram somar e ajudar fazem falta na arte.

Nossa história começa em 1948, quando um jovem médico de Fortaleza deu de presente a sua esposa um cavalete, tintas e pincéis. Poderia ter sido um fato sem transcendência se não fosse porque a destinatária era Heloísa (que como artista passaria a usar posteriormente o nome de Heloysa, pelo que nos referiremos a ela daqui para frente). Esse presente teria consequências que podemos sentir até os nossos dias.

Um par de anos depois, com apenas 24 anos, Heloysa começou a frequentar a Sociedade Cearense de Artes Plásticas, pro-

vavelmente mais conhecida por sua sigla: SCAP. O primeiro presidente da SCAP tinha sido o carioca Mário Baratta, que também foi fundador do Centro Cultural de Belas Artes - CCBA, entidade que começou a organizar o Salão de Abril. Anos depois, em 1977 declarara no diário O Povo referindo-se a Heloysa que se tratava de uma artista admirável e uma trabalhadora incansável. Ele, além de artista, era advogado e trabalhava no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS. Isso lhe permitia ter suficiente autonomia financeira para poder alugar um local para a SCAP. Na verdade uma das características desse período foram as mudanças de sede e os despejos, tal como lembra Estrigas (Nilo de Brito Firmeza).

Muito poderíamos falar do CCBA e da posterior SCAP, mas não queria desviar-me em excesso. Também seria interessante fazer referência ao grupo Clã, que nasceu sob o amparo da SCAP, se bem que ele nunca teve sede nem estatuto, congregava um grupo de intelectuais muito ativos. Tal como comenta o incisivo escritor Moreira Campos, membro do grupo, reuniam-se, geralmente nos cafés para destruir ídolos, promover congressos e discutir Proust, Gide, Camus, Sartre ou Joyce "mesmo sem os ter lido". O grupo editou a Revista Clã, de 1946 até 1957. Temos uma rica fonte de informação sistematizada na tese de mestrado em História da professora Maria Auxiliadora de Almeida Farias: Edições e Seduções, Revista Clã: 1946-1957. Recife 2003.

Cabe indicar que, nas origens da SCAP, sua composição era de pessoas de alinhamento mais acadêmico junto com outras de tendências mais influenciadas pelos movimentos que tinham se desenvolvido desde o impressionismo na Europa. A própria Heloysa se refere a essa época como a um momento de "efervescência". Nesse momento, surgem outras figuras como Estrigas e Zenon Barreto. Deste último, Heloysa tem em sua casa o modelo que deveria ter seguido a escultura da Beira-Mar, que finalmente foi realizada em fibra de vidro e que alterou a graça original como se pode ver ao comparar com a obra original de Zenon.

Nesses inícios, Heloysa tem como professores na SCAP a João Maria Siqueira e a Floriano Teixeira, vindo do Maranhão, como foi o caso de J. Figueirêdo. Dois anos depois de começar a aprender a pintar, apresenta-se no Salão dos Novos e recebe o Primeiro Lugar em Pintura. Os artistas organizados têm muito mais força, mas os apoios são mínimos e fica difícil manter estas iniciativas.

Heloysa viajava muito com seu marido Dr. Haroldo. Isso tinha uma grande importância numa sociedade onde as informações chegavam a conta-gotas. Não vinham as grandes mostras internacionais, não existiam meios de comunicação que mostrassem de forma eficiente o que estava acontecendo e, para os artistas locais, realizar uma viagem a Paris ou Nova York era absurdamente caro. Por isso, os livros tinham uma importância radical, se bem são poucos os que chegam e geralmente só os dos artistas mais conhecidos, os artistas menos badalados são ignorados. Os livros eram lidos e emprestados, como autênticos agentes de dinamização do pensamento e do fazer artístico da época. Nas prateleiras de Heloysa no seu ateliê, ainda podemos ver muitos livros desse período, até algumas autênticas joias bibliográficas.

Até a dissolução da SCAP no ano 1958, viveu-se um processo de fragmentação progressiva. Afirma o admirado amigo Roberto Galvão no imprescindível livro "A escola invisível" que "já dava sinais de que não conseguiria manter a sua posição de grupo catalizador de todas as correntes". Cria-se o grupo dos Independentes capitaneado por Antônio Bandeira, que inclui a artistas como Baratta, Barrica, Siqueira, Floriano, Mesquita, Zenon e o enigmático Hermógenes. Realizaram várias exposições e três Salões. Também J. Figueirêdo montou duas exposições reunindo a artistas plásticos e poetas concretos.

Parece-me muito simbólico que,

quando foram despejados pela última vez, explica Estrigas, apenas Barrica se interessou em salvar as pertenças e colocou-as no sótão da Casa Tomaz Pompeu. Ali o cupim devorou aqueles restos. Barrica viajará para o Rio nesse mesmo ano.

Nesta época, Heloysa tinha tido tempo também de participar, em 1954, da Fundação da Rede Feminina do Instituto do Câncer de Ceará - ICC e, em 1960, forma parte das fundadoras da Sociedade de Amigas do Livro.

A biografia de Heloysa está, indissoluvelmente, imbrincada na história das artes plásticas do Ceará. Uma e outra se confundem. Em 1961, é inaugurado o Museu de Arte da UFC como um esforço coletivo. Ali estava Heloysa junto com o reitor Martins Filho e outras personalidades envolvidas no ambiente artístico. O museu ganharia sede própria quatro anos depois.

Em 1966, o governador do Estado, Virgílio Távora, decide criar a Secretaria de Cultura, desmembrada da Secretaria de Educação. Foi no Ceará onde se criou a primeira Secretaria de Cultura do país. No dia 3 de outubro, no governo de Plácido Aderaldo Castelo, nomeia-se para o cargo a Raimundo Girão. Cabe indicar que o escolhido era um humanista inteligente e de visão, que cultivou áreas como a História, Literatura e Política; preocupado por questões como Direito, Economia, Geografia, Antropologia, Filologia ou Genealogia entre outras áreas. Dois dias depois de tomar posse de seu cargo, constituiu o Conselho de Cultura dividido em seis setores: Ciências Naturais, Ciências Sociais, Literatura, Artes de Movimento (Cinema, Teatro e Ballet), Música e Artes Plásticas. Os conselheiros assumem seus cargos a fim de ano e a responsabilidade de Artes Plásticas recai sobre Heloysa.

Tenho a meu lado uma carta de Arnold J. Toynbee (1889–1975) o historiador britânico conhecido pela sua volumosa obra "Um Estudo da Historia" (A Study of History). Ele tem uma visão, que não deixa de ser lembrada até hoje, de que os conflitos do futuro serão de tipo religioso, choques de civilizações. Referindo-se ao Brasil, Toynbee descreve-o como "a melting pot of civilizations". Literalmente, refere-se ao recipiente onde se prepara uma mistura, a interpretação pode ser dupla, tanto tem uma conotação de mistura, quanto de grande confusão. Toynbee visitou o Brasil e, segundo relata na carta que manda para o marido de Heloysa e para ela, que o dia que passaram juntos, em agosto de 1966, foi o mais feliz para ele. Esse era o nível de relações de Heloysa.

Em 1967, organiza o I Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará. Estes Salões se mantêm até a década de 80, suas últimas edições também estão organizadas por ela. Participam dele os principais artistas dessa geração. Cabe lembrar o que Mário Baratta reconhecia sobre a luta de Heloysa em favor dos Salões: numa sociedade tão falta de articulação no mercado da arte eram fundamentais esses Salões, para que os artistas cearenses pudessem mostrar suas obras, dar a conhecer seus trabalhos, captar a atenção dos críticos e começar a interessar a pessoas que demandassem arte criando um mercado.

Quero lembrar as últimas palavras que aparecem no catálogo do Salão de Abril de 1970 e que não vi na documentação da própria Heloysa: "... uma homenagem especial àquela que é ao mesmo tempo artista e madrinha, Heloísa Juaçaba, aglutinadora incansável do movimento de a. p. (Artes Plásticas) no Ceará – a timoneira fidelíssima que tudo quer e tudo vence. A ela, êste XX Salão de Abril" (sic).

Seguindo a cronologia de Itaú Cultural, podemos indicar que, com Heloysa como motor, funda-se, em 1967, o Centro de Artes Visuais - Casa de Cultura Raimundo Cela. A sede até hoje é um prédio de finais do século XVIII tombado desde o ano 1983 e também no ano 1992. Compartilho uma lembrança pessoal: quando fiz a minha primeira individual em Fortaleza foi na Casa de Cultura Raimundo Cela, precisamente. Era o ano 1985.

Tive a fortuna de ter na minha exposição a presença de Heloysa e lembro nitidamente como o fato de ela estar lá resultava importante para mim, lembro-me do reconhecimento geral que se sentia pela sua figura.

Em 1969, sendo prefeito de Fortaleza José Walter Cavalcante, Heloysa é nomeada Diretora do Departamento de Cultura da Prefeitura de Fortaleza. No ano seguinte, participa do processo de organização do Museu de Arte Sacra São José de Ribamar em Aquiraz e também da reorganização do Museu Diocesano de Sobral – Dom José Tupinambá da Frota.

Heloysa idealiza e impulsiona o Museu de Arte e Culturas Populares do Ceará na EMCETUR. Ela mesma doa por volta de mil peças para o acervo de cultura popular deste museu. Nesse mesmo ano de 1973, é mantida para mais uma gestão como Diretora de Cultura da Prefeitura de Fortaleza.

Organiza, em 1975, a Pinacoteca do Paço Municipal – Prefeitura Municipal de Fortaleza e coordena a publicação sobre o acervo da Pinacoteca. Desde essa época, não parou de organizar exposições como a que Gilberto Cardoso, Roberto Galvão e José Guedes desenvolveram sob o título "Fortaleza em Tempos de Guerra".

Em 1989, recebeu a Sereia de Ouro e posteriormente não tem deixado de receber homenagens: como a Medalha Jean Pierre Chabloz, a placa de Honra ao Mérito do Centro Cultural Praia de Iracema, dentre outras distinções. Tem-se organizado numerosas homenagens a ela, praticamente uma por ano. As últimas foram da XVI Unifor Plástica e no 63º Salão de Abril, em 2012. Tanta placa e medalha é apenas um mínimo reflexo do carinho e respeito que guardamos por uma mulher que é uma permanente inspiração para o futuro.

Heloysa Juaçaba

# *Guaramiranga*

*"Paraíso escolhido num vale entre serranias, clima ideal, águas de nascentes, ares puríssimos. Cultiva frutas e flor, café e cana".*

***Rachel de Queiroz***

"Há muitos séculos, os povos têm o dom de imortalizar, pelo relato oral, antigas passagens das civilizações e do fascínio de sua magia...

Descrever Guaramiranga das primeiras décadas do século XX, especialmente 1930 e 1940, é lembrar a magia e o encanto de minha infância e adolescência.

Quem chegava a Guaramiranga, primeira vez, tinha uma surpresa com o clima agradável e sentia vontade de parar para olhar a natureza pródiga de rara beleza. Árvores imensas cobriam as montanhas, e as belas paisagens cercavam os olhos sempre deslumbrados de quem quer fosse, com a força do vento balançando seus galhos folhudos de um verde escuro, arfando e proclamando seus encantos.

Quase todos os sítios e fazendas que formavam esta majestosa visão surpreendiam e encantavam os viajantes.

De certa maneira, as árvores mais altas ficavam quase no cume das montanhas, e, logo abaixo, vinha a plantação dos cafezais já próxima da estrada, que, naquela época, era de piçarra. Não existiam automóveis. Todos os transportes eram por animais: burros, jumentos e cavalos, badalando os chocalhos, anunciando a passagem; bem na margem das estradas, havia uma cerca de papoulas vermelhas, plantadas pelo Sr. Francisco Linhares, que, tendo feito uma viagem a Teresópolis, ficou tão maravilhoso com o que viu por lá, que resolveu trazer inúmeras "mudas" do arbusto para o seu sítio. E tão feliz ficou com o embelezamento, que foi dando aos amigos as mudas de populares e distribuiu-as por toda a serra, atingindo, assim, longas distâncias, tornando a serra mais bela e colorida.

Meu pai, Joaquim Torcápio Ferreira, também apaixonado pelas belas paisagens, foi um dos herdeiros de centenas de mudas e ainda hoje se pode apreciá-la no sítio Cana Brava, ao redor do imenso açude. Não sei se ainda existem nos outros sítios.

Havia uma árvore muito bonita e de um porte elegante chamada "ingazeira", que dava uma sombra que protegia os cafezais e

produzia um fruto que chamava de "bagem". Esse fruto internamente era recoberto por uma branca camada de flocos brancos, lembrando a maciez de pluma ou do arminho e era muito saboroso.

Visitando os vários sítios e apreciando mais de perto a natureza, encontrávamos inúmeros "olhos d'água", borrifando o espaço e se desfazendo em pequenos veios d'água que se reuniam e desciam pelas encostas dos morros, dando início aos riachos, que eram inúmeros e chamados pelos habitantes daquela zona de "águas de nascentes", lembrada por Rachelzinha no início de seu poema – Guaramiranga.

O clima era puro e agradável. Sempre frio. E, no inverno, todos usavam agasalhos de lã. A fama de Guaramiranga chegou até a Bahia, pois aconselhavam os doutores que estes ares serviam para curar tuberculose, tanto que o Professor Prado Valadares, professor e fundador da Faculdade de Medicina de Salvador, veio passar uma temporada em Guaramiranga, creio que no Hotel de D. Lili, senhora fina e educada, que tratava com eficiência e carinho a todos que a procuravam.

Por certo, ali naquele cafezal em flor, subindo as encostas daquelas montanhas no tempo da floração, o perfume causava um enebriamento surpreendente. Quem tivesse a felicidade de pegar esta temporada, jamais se esqueceria desse aroma embriagador.

Descrever os jardins, as flores e os frutos dessa região tão privilegiada levaria algumas páginas. Mas, em todas as residências, havia um jardim cuidadosamente tratado pela dona da casa, onde eram cultivados, com carinho, o "amores-perfeitos", as "violetas", que se escondiam sempre sob as folhagens, as "roseiras", "dálias", "bromélias" e "jasmins". Era um ambiente mágico de cores e perfumes".

*Depoimento de Dona Heloysa Juaçaba, retirado do livro: "Guaramiranga e os Caracas", de Marcelo Linhares, Editora ABC. Fortaleza, 2001.*

# *Agradecimentos*

Eliene Magalhães, Helena Fréres, Juliete Sousa, Mônica Pinheiro, Ângela Gurgel, TV Assembleia, Solon Ribeiro, Fernando Brito, Fernando França, aos autores Gilmar de Carvalho, Herbert Rolim, Dodora Guimarães, Pablo Manyé, Roberto Galvão, Ricardo Resende e Maíra Ortins. Especialmente, quero agradecer a Ana Virgínia e Dona Heloysa Juaçaba pelo carinho e a abertura do acervo pessoal da artista, para que eu pudesse realizar essa pesquisa.

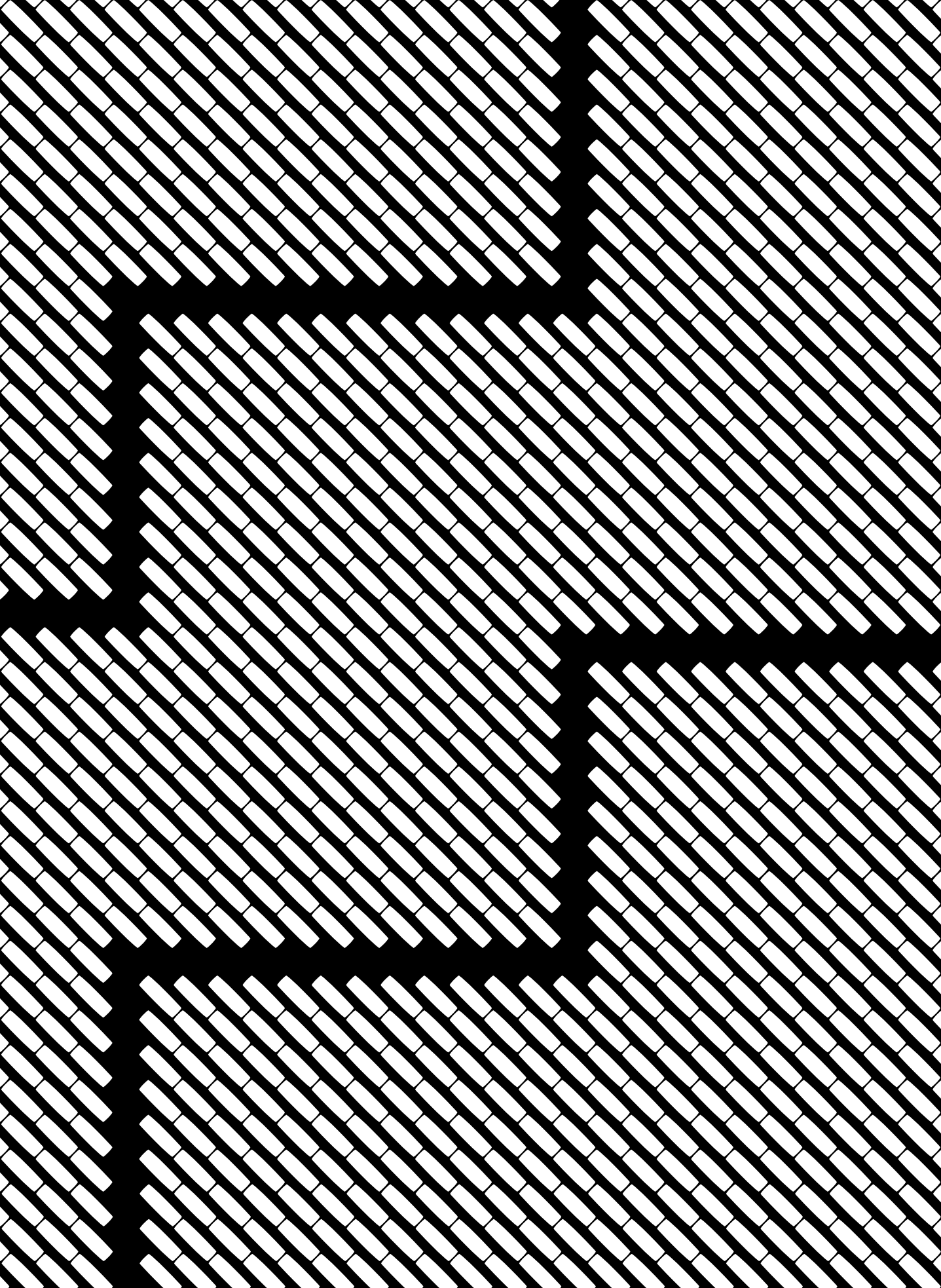
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

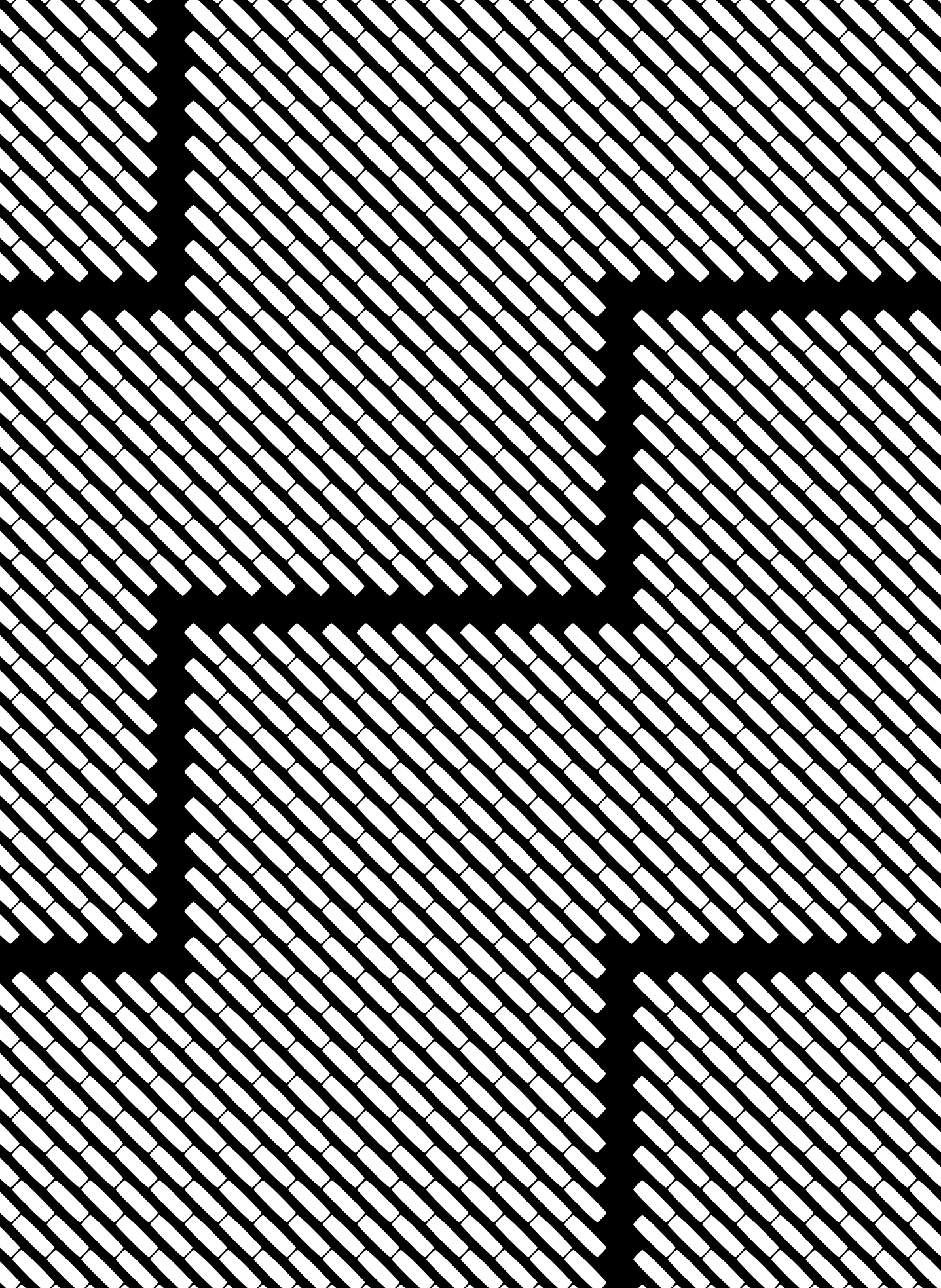
O inventário de uma obra / Núbia Agustinha Carvalho Santos (org.). - Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria, 2012.
100 p. : il.

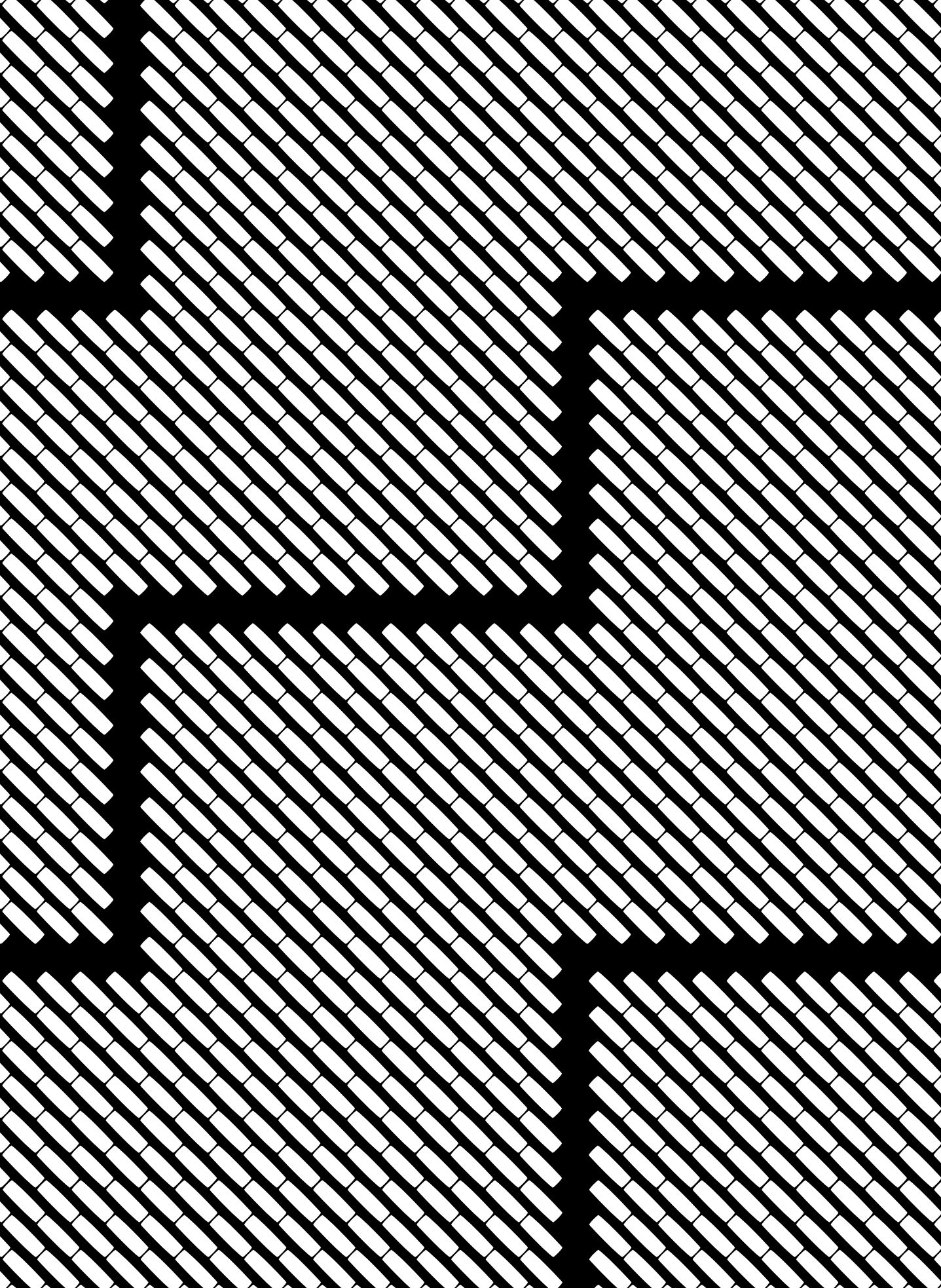
ISBN: 978-85-64179-02-8

1. Arte - crítica. I. Santos, Núbia Agustinha Carvalho Santos. II. Título

CDD: 700







Prefeitura de
Fortaleza

Você construindo
Fortaleza bela